

DA MESMA AUTORA DE
CAN I BE HIM

ELLA

#2

ANDREIA
NASCIMENTO



PERIGOSAS NACIONAIS

Ella
#2

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Andreia Nascimento

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é de entreter. Nomes, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança é mera coincidência.

Revisão: Alice Martins.

1

Quando coloquei meus tênis de corrida hoje, não imaginei para onde meus pés iriam me levar. Sempre imagino que correr é uma espécie de escape, a adrenalina, as pernas movendo-se sem esforço, o vento no meu rosto. Não posso negar que o frio é um ponto negativo para corridas nessa época do ano, até o corpo atingir uma certa temperatura, incomoda bastante.

A viagem criou um efeito de fadiga em mim, quando notei o início da tarde, estava sufocada em meu apartamento. Não era como se eu pudesse bater na porta em frente à minha. Então um nó imenso criou-se no meio da minha garganta, e em um segundo de lucidez coloquei os pés dentro dos meus tênis de corrida.

Romeu não estava lá.

Poderia dizer que odeio a batida do meu coração nesse momento. O espasmo do músculo que bombeia sangue para todo meu corpo está me

PERIGOSAS ACHERON

deixando nauseada somente com a ideia de que oito dias me mudaram tão drasticamente, que parece haver duas versões de mim gladiando internamente. A Ella de vinte e cinco contra a Ella de vinte e seis, velha, porém mais sábia. Bem que diziam que junto com a velhice vinha a sabedoria.

E por que me sinto tão estúpida?

Talvez seja mesmo estúpida, talvez eu queira ligar, talvez seja hábito.

Talvez. *Talvez*. Talvez.

Ou estou apenas temendo assumir para mim que mais cedo ou mais tarde será um número que estará na minha discagem rápida e no contato de emergência.

Não é minha preocupação atual.

Quando saí para correr, não esperei que fosse dirigir até o cemitério, é como esperar que seu cérebro tome uma decisão sábia, como você, mas ele a traz para a imagem viva do seu sofrimento. Aposto que meu subconsciente está querendo me dizer algo.

Supere isso, Ella. Seja uma mulher!

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorrio, porque se Romeu estivesse aqui ele diria: *Sério, Holmes? Sua consciência está gritando abertamente em sua cara.*

Merda! Merda! Mil vezes merda!

Estou parada na porta. Petrificada. Não tenho medo, mas não sei como parei aqui exatamente, até porque nas últimas horas eu pensei na imensidão de piadas e comentários impróprios que faria a Romeu, o cemitério não pode ter sido guiado por essa ideia. Acho que é inapropriado, considerando o respeito por cada pessoa aqui. Oh, meu Deus, estou confusa. Nem minha própria mente eu conheço. Nem mesmo minha própria dor.

Sigo o caminho que aprendi a fazer ainda criança, sinto minhas pernas bambas e meu pulmão suplicando por ar. É a primeira vez que venho sem um motivo aparente, mas guiada por uma vontade inexplicável.

Talvez tenha vindo aqui contar para ela sobre isso, como ando confusa e em conflitos incomuns, para mim, claro. Porque acredito que todo mundo tem conflito interno. Não sou especial e única em todo o mundo.

PERIGOSAS ACHERON

Paro onde tem uma foto de minha mãe, dois anos mais nova do que eu estou hoje, sinto meus olhos arderem. Será inevitável chorar. Seguro minhas mãos na frente do corpo, sinto a rigidez se espalhar por meus nervos. É o desconforto assumindo o controle do meu corpo por inteiro.

Eu sei porque estou aqui, por mais que não queira admitir.

Não vou, ao menos não ainda. Talvez, três segundos depois que Romeu cruzar meus pensamentos pela milionésima vez em meia-hora.

— Oi, mãe. — Um nó se forma, porque mãe não foi uma palavra que aprendi a dizer cedo, mas ainda uso, por mais que ela nunca tenha me ouvido chamar com tanta clareza. — Tudo bem? — Fecho meus olhos. — Claro que não está tudo bem, desculpa, às vezes eu sou um pouco desconecta.

Sorrio nervosa, tremendo, chacoalhando em meu próprio corpo, temendo ter um treco aqui mesmo, onde estou sozinha.

— Alguns dias atrás, notei que estava nos punindo por algo irreparável. Percebi que todos esses anos furiosa, tiraram pessoas da minha vida

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por não querer perdê-las, ironicamente eu perdi mesmo assim, mas aos meus ouvidos soa melhor não ter do que perder.

Meus olhos avançam pelo espaço ao ar livre, triste e pacífico, certifico-me que não há alguém me assistindo. Uma mulher de roupa de malha, casaco e tênis de corrida, engolindo as lágrimas como uma criança, pode parecer patético. Vulnerabilidade não é meu forte.

— Porque quando temos e perdemos precisamos modificar toda a vida para nos adaptar à nova realidade — minha voz trava, forço a engolir em seco —, quando nunca tivemos... Bem, foi aí que notei o quanto era cruel. Sempre acreditei que era forte. Que era invencível, mas descobri que estava lutando contra mim mesma, o que significa que perderei no final. Uma guerra contra si, acaba com você destruído, e esse foi o meu maior erro. Não posso me destruir, mãe. Não posso ser minha própria guerra.

Olho em volta, para o silêncio, para a grama, as árvores e o céu nublado. Tudo parece o mesmo, menos eu, sinto que estou mudando e é como se

PERIGOSAS ACHERON

eles pudessem notar. As lágrimas despencam fortes, rompendo toda a barreira do equilíbrio. O ar se torna escasso outra vez, apoio a mão no peito, sentindo a pulsação retumbante do meu coração.

— Conheci um cara. — Consigo sorrir, ao imaginar que nesse momento teria uma mulher em minha frente, com traços físicos tão próximos aos meus que sempre saberia como eu ia me parecer ao envelhecer. — Uau, isso é triste. — As lágrimas voltam a se intensificar. — Não tenho ninguém próximo que poderia confessar isso como se fosse algo bom. E desde cedo venho sentindo-me um pouco sufocada por não ter coragem de ligar para ele. Será muito estranho ligar e dizer: *Ei, cara, não consigo parar de pensar em você.*

Solto o ar, procurando reflexos de luz solar no céu. Não há. Seco minhas mãos no casaco, sentindo todos os sentimentos dançarem em minhas veias, não sei como dizer nada disso em voz alta para um ser humano vivo.

— Eu queria que você estivesse aqui. — Volto a falar. — Que estivesse aqui, mãe. Queria poder ouvir suas respostas quando eu contasse que

conheci um cara, e que o nome dele é Romeu. E é engraçado, mãe. É tão engraçado que no primeiro instante eu sorri para ele. Queria poder ouvir sua resposta quando dissesse: Tem duas semanas que não consigo parar de pensar em um cara. Ele é apenas um cara com cabelo perfeito, e seus olhos castanhos criaram alguns choques em minhas placas tectônicas. Sempre penso em mim como um mundo particular, sou bem egocêntrica, mas Romeu tem a voz grossa como um trovão feroz, e seu corpo é realmente firme e seguro, foi estranho estar segura pela primeira vez em um corpo alheio.

Meu peito descomprime totalmente ao assumir em voz alta todas aquelas palavras. Criei coragem, mesmo que para minha mãe morta, eu confessei.

— É a primeira vez, mãe, que eu quero alguém.

Foi a coisa mais maluca que cruzou minha boca. A mais assustadora. E talvez a fala mais importante em alguns filmes de terror, mas nesse momento, meu corpo flutua com a sensação de que *eu preciso ligar para Romeu*.

Fico em silêncio, encarando o túmulo, esperando que saia uma resposta, mas graças a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deus não sai. Seria sim o final de um filme de terror, se algum som fosse emitido do chão. Sorrio para a foto de quem poderia ser eu, volto com passos mais fortes pelo caminho que leva até meu carro.

Sento-me atrás do volante. Antes de ter energia para dar a partida, busco meu celular, vou até os contatos, sentindo meus dedos rígidos e frios de tanto nervosismo, coloco o aparelho em minha orelha, regada de incerteza, e o ouço tocar duas vezes. Meu coração palpita, e quando recobro a consciência, vou até o botão de desligar, até que ouço sua voz.

— Ei! — É tudo que diz.

Minha boca seca imediatamente, a mão livre segura o volante com mais força que o natural.

— Ei — repito, para que ele não acredite que desliguei. — Hã, não sei se lembra de mim...

— Está tentando me fazer assumir que é inesquecível, Ella?

— Claro, qual seria o motivo que iniciaria essa conversa com uma dúvida falsa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele gargalha, mas algumas coisas caem onde está. O barulho é ensurdecedor e ele solta um xingamento irritado.

— Desculpa, me dê dez segundos. — Seu afastamento da ligação me dá tempo de tamborilar os dedos de modo nervoso no volante, até que retoma: — Gravidade é um problema.

— Com certeza é, sempre pensei em como seria flutuar por aí.

— Provavelmente, menos cansativo do que ter que correr. — Sei que estamos evitando os porquês da ligação. — Você está bem? Precisa de alguma coisa? Eu sei que está nublado.

Suas perguntas saem sem pausa ou vergonha, sinto-me totalmente confortável em assumir meus pensamentos em voz alta.

— É bom saber sobre o tempo, assim tenho certeza que não está preso em algum porão por aí — não evito desviar —, mas estava pensando... em você, talvez. Bem, eu estou com fome...

— Quer reorganizar a frase? Porque existe mil e uma interpretações para essas palavras.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu quero comer *com* você — enfatizo. — Pare de procurar o que eu não disse.

— Eu queria muito comer *com* você, mas não vai dar.

— Ah, claro...

O que eu estava pensando? Que Romeu ficaria sentado, esperando o momento que uma ação surgisse em minha cabeça, e desesperadamente fosse convidá-lo para sair? Quem sou eu? Sobrevivente da guerra que a esposa fica na porta esperando que o marido volte vivo, ao invés de dez medalhas?

Ah, uau, minha capacidade de devaneio é espetacular.

— Não, Ella, não é isso. É só que... — Ele pausa, mas é como se na verdade, alguém estivesse parado a sua frente. Como confirmação, uma voz feminina fala algo sobre a geladeira. — É isso — responde como se eu fosse capaz de ver a cena. — Estou na casa da Grazi. Ela saiu com o marido, é minha vez de ser babá, da outra vez foi a Nath. Estou com a Bella e o Vicente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, certo. — Estou aliviada? Talvez. — Está bem... quer dizer, você consegue lidar bem com eles dois, não é?

Minha sensatez desce até meus pés e morre sufocada em minhas meias. Essa é a única justificativa para eu estar fazendo isso.

— Geralmente sim. Para minha sorte, meu cabelo ainda não foi cortado, então Bella me leva ao salão La Bella e faz penteados, enquanto deixo Vicente me vencer no videogame. E a hora no salão é bastante cara, da última vez ela quis dinheiro de verdade e tudo que fez foi bagunçar meu cabelo.

Estou com a mão na boca, escondendo o sorriso, não quero sorrir na porta do cemitério.

— Teria problema marcar uma hora nesse salão? Meu cabelo está muito arrumado, pago em dobro.

— Achei que não fosse rica. Bella é muito requisitada, não encaixa facilmente uma nova cliente.

— Talvez um saco de marshmallow pague — brinco.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro, marshmallow no mundo de Isabella vale mais que ouro. — Ele para. — Tem certeza que quer encarar isso? Não tenho hora para encerrar. Minha irmã leva a sério os encontros com o marido.

Todos não levam a sério encontros? Boa pergunta para depois.

— Parece mais justo que sejamos dois adultos contra duas crianças. — O ouço sorrir. — Eu estou bem, Romeu. E não é por causa da possível tempestade.

Pode até ser, mas não a do céu, quero admitir.

— Eu preciso de ajuda — confessa, brincando. — Não é fácil. O salão fecha em uma hora, é bom não *me* deixar esperando.

O deixar esperando não parece algo que quero fazer, Romeu. É exatamente aí que entra nosso grande problema.

— Nunca, Romeu. — Ligo o carro. — Só preciso comprar o marshmallow antes. E se sua irmã não gostar?

— Bem, ela sempre pode não sair. Meus

PERIGOSAS NACIONAIS

cuidados, minhas regras.

— Isso é bem ditador.

— Quem sai com batom na cara sou eu, então posso ser um ditador em algo. Vou passar o endereço. — Sei que estou sorrindo. — Eu não sei o que deu em você, Ella. Sua cabeça parece uma fábrica de boas escolhas.

— Não pode entrar em abstinência da minha presença — rebato. — O encontro em uma hora, assim que o sol se pôr.

— Até breve.

Sussurro de volta, quando minha garganta volta a fechar com a sensação que estou fazendo algo certo e me orgulho disso.

PERIGOSAS ACHERON

2

Eu não sabia o que vestir, não queria parecer que estava forçando ou me arrumando, afinal não vamos sair. Fico imaginando como isso pode soar tão casual quanto nós dois soamos um dia. Não um dia, não faz tanto tempo assim, mas parece uma eternidade o tempo que estive na presença de Romeu.

Meu Deus! Romeu. Eu vou encontrar Romeu. Nem acredito que meus olhos irão vê-lo novamente. Pessoalmente, claro. Meus sentidos estão pulando, porque não aguento mais olhar para as fotos que tirei, apesar de me arrancar o fôlego, não são tão lindas quanto ele é pessoalmente jogando aqueles cabelos.

Foco, Ella!

Escolhi uma calça de moletom e vou fingir que estou totalmente casual, mas não tanto. Ela é justa ao meu corpo, não posso aparecer na frente do homem parecendo que “não estou nem aí”. Caramba, eu estou super aí, porque considereei meus PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tênis, eles precisam sair com facilidade do pé; e meu casaco é o mais confortavelmente chique possível. Meu pai, às vezes, está certo, eu preciso de dinheiro para comprar roupas caras que soam como simples e não desfazem na máquina de lavar roupas.

Peguei minha ecobag quando fui ao supermercado, procurei muita coisa aleatória para trazer, uma senhora questionou se eu estava indo causar overdose de açúcar em alguém, confessei que estava indo encontrar um *amigo* e seus sobrinhos, ela disse que essas crianças jamais dormiriam essa noite, sorri, porque não me importei, afinal, sou apenas uma estranha levando doces. Uau, a Grazi vai me odiar de cara.

Toco a campainha, o bairro é próximo da casa do meu pai, onde tem casas imensas. Sempre imaginei que essas casas tinham fantasmas dos seus antigos moradores, quando caminhava a noite pela rua pedia para eles não aparecerem para mim, para variar, não seria interessante ver fantasmas.

Encaro o portão de madeira bem pintado, analiso os arbustos bem podados alinhados a

PERIGOSAS ACHERON

parede, fico imaginando Grazi usando uma roupa confortável enquanto corta toda as folhas, dando simetria aos galhos.

Sei como ela se parece, mas minha memória prega peças, claro. Para mim, ela soa como aquelas mães de série americana que vivem entediadas à espera do marido, lida com a rebeldia dos filhos durante o dia, e a noite precisa de um comprimido para dormir. Essa não é a vida que quero de forma alguma.

O portão abre-se a minha frente, inalo o ar, antes que ele seja capaz de revelar Romeu. Prendo o suspiro quando o vejo com a menina no colo, não gosto de crianças, elas são barulhentas e chatas num modo geral, mas Deus, que bebê lindo.

A Bella, é claro.

— Ela não quer tomar banho. — A primeira coisa que ele diz. — A cabeça dela está cheia de glitter que Vicente jogou. A menina balança a cabeça e o espaço fica cheio de partículas coloridas. Como as pessoas geram pessoas? Como minha irmã foi capaz de ter dois?

Sua indignação transborda nas palavras. Quero
PERIGOSAS ACHERON

dizer para Romeu que sua sobrinha ali, encaixada no seu colo, faz meu útero pulsar, porque eu teria um filho por ano só para vê-lo carregá-lo para cima e para baixo.

Mas fico calada, porque não acho que isso soe como um flerte saudável.

— Achei que amasse a Bella.

— E eu amo, com toda a minha vida. Nesse momento não sou fã do Vicente. — A menina envolve o pescoço dele com os braços. — Olha, Bella. Essa é a tia Ella. Seus nomes rimam.

Bella aponta para a cabeça de modo indignado, como se também não fosse a maior fã do irmão nesse momento.

— Está tão ruim assim? — O cabelo da menina está totalmente bagunçado. — O que vai fazer com o Vicente?

— Nada?

— Não é justo, tem que deixar o tédio atingi-lo para repensar no que fez. Diria que castigo? O que ele está fazendo?

— Videogame. — Dá espaço para eu entrar. —

Bem, como você faria para mediar essa briga?

— Gosto mais de crimes com corpos frios — apoio minha sacola de pano no ombro —, mas por você, eu lido com corpo quentes.

Ele sorri, um pouco alto. Quando seguimos pelo caminho de concreto até a entrada, Bella abre os braços, jogando-se para mim. Eu hesito por três milésimos de segundos, tenho certeza que nunca segurei uma criança no colo, mas faço assim mesmo, como se fosse algo que acontecesse todo os dias. Romeu pega a sacola do meu braço, Bella encosta a cabeça em meu ombro, parece triste demais para lidar com outra coisa.

Toco suas costas, ela passa o braço por meu ombro, quase em um gesto sufocante. Dentro da casa, Vicente está na sala de estar imensa, grudado a um controle sem fio. Romeu caminha até o sobrinho com uma postura militar, noto que sua bermuda tem a mesma ideia da minha calça, sorrio, porque estamos combinando.

— Bella está mesmo chateada pelo que fez, Vicente. — Sua voz é calma, o sobrinho o olha de baixo. — Preciso que desligue o aparelho. Não

PERIGOSAS ACHERON

pode achar bacana fazer isso com sua irmã...

— Mas tio, eu estou no meio da partida. — O garoto aponta.

— Eu não me importo, Vicente. — Sua voz se eleva um pouco. — Vamos lá. Desligue antes que eu faça por você. E se a Bella continua chorando, você não ligará nem mesmo a TV até o final da noite. Aproveite esse momento e vá arrumar os brinquedos dela.

Ótima punição, Vicente não esperou essa bola de destruição em seus planos noturnos. Romeu fica melhor por segundos.

— Eu não baguncei! — o menino esbraveja.

— Bem, ela não pediu que jogasse glitter na cabeça dela e você fez mesmo assim. Então agora fará algo útil.

— Não é justo!

— Não é mesmo, não é justo. Não grite comigo, não estou gritando com você.

— Você é um saco!

— Sua opinião vai ter um grande impacto em minha vida, agora vá arrumar os brinquedos.

— Vou contar tudo para minha mãe.

— Ótimo, Vicente. Por que não prepara um relatório escrito? Assim você mata sua noite debruçado em um papel.

O rosto de Vicente está totalmente vermelho, seus olhos vão até onde estou com Bella triste. O menino joga o controle com força e marcha para fora da sala resmungando alguma coisa. Romeu passa a mão nos cabelos como se fosse a coisa mais difícil que fez na vida, quando vira-se para mim, parece mais abalado do que Vicente.

— Você sabe que foi o certo — digo, ele desliga a TV. — Crianças têm que respeitar adultos no geral, inclusive você, em meia-hora ele não lembrará de nada.

Bella fica ereta em meus braços e toca meus cabelos, seu sorriso se faz, como se toda aquela bagunça já estivesse no passado.

— Acho que a Bella gostou de você. — Romeu vem em nossa direção, diferente de nós duas, está com uma camisa normal, uma bermuda e pés descalços, Bella está usando meia. — Bella, vamos tomar banho?

— Não. — A menina volta a me abraçar.

— E se fosse comigo? — pergunto, ela toca meus cabelos novamente. — A tia pode dar banho em você. Daí eu posso lavar seu cabelo, pentear e depois você pode pentear o meu. Igual no salão. O que você acha?

A menina assente com um sorriso lindo, ainda falhado de dentes. Será que posso levá-la para casa?

As coisas que Romeu me faz pensar são inadmissíveis. Nunca deveria voltar a sua presença.

— No quarto da minha irmã tem uma banheira que ela usa para dar banho nela, chuveiro não funciona com as crianças, eles não gostam, ela descobriu quando teve o Vicente ou algo assim. Bem, meu pai disse que ela apenas queria uma banheira, seu marido usa a culpa para dar tudo a minha irmã, não sei se é bem saudável da parte dos dois, mas quem sou para julgar?

Dou de ombros, porque não parece algo tão horrível de se fazer. Porque no final, todos nos sentimos culpados por algo, compensamos com coisas materiais, ao menos ela pode ficar triste em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua banheira, imersa em água e sais de banho, enquanto lê algo muito bom.

— Exatamente, levando em conta que você é desempregado...

Brinco, mas sou surpreendida por um sorriso divertido.

— Não mais. — Indica para onde devemos seguir. — Começo na segunda meu novo emprego.

Espera. O quê?

— Não considerou me avisar?! — As palavras saem antes que possa pará-las. — Quer dizer, isso é ótimo!

Ele sorri, sabendo que eu quis dizer o que quis dizer mesmo. Não foi um erro. Eu queria que ele tivesse me dito antes, quando conseguiu. Ou estou apenas querendo coisas que Romeu não está nem aí para me dar?

Vamos lá, Ella. Acorde desse conto de fadas nada atraente.

— Quis ligar — confessa. — Por incrível que pareça, foi a primeira pessoa para a qual eu gostaria de ter contado, porque estou arriscando em um

PERIGOSAS ACHERON

novo espaço da minha profissão, que ainda não havia cogitado até encontrar uma amiga.

Claro, todo mundo tem *amigas* que indicam empregos.

— Isso é bom. — Tento não parecer uma lunática. — Ter amigos parece sempre a melhor opção.

— Sim, o nome dela também é Isabella. — *Também é... blá blá blá.* — Eu a encontrei no café, foi bem interessante, nem mesmo sabia que havia mudado de ramo, mas ela fez, e me sugeriu uma entrevista com sua chefe.

Estou olhando fixamente para *essa* Bella, segurando meus olhos para não revirá-los ali. O mundo de Romeu continuou, enquanto eu estava criando coragem para pegar o celular e fazer a ligação.

“Eternidade que se dane!”, grita minha consciência maluca.

— Muito gentil da parte de sua amiga. — Limpo a garganta, entramos no quarto de Grazi. Coloco Bella sobre a cama para tirar as camadas de

roupa, ele vai até o banheiro e liga o que quer que seja que usa para encher a banheira. Meu coração bate forte, criando pensamentos compulsivos e atormentados dentro de mim. — Muito generosa mesmo.

Quando viro-me para a entrada do banheiro, ele está parado com os braços cruzados na frente do corpo, sua expressão é séria.

— Quero ver até onde será capaz de ir — desdenha.

— Ah, por favor, Romeu. — Peço espaço com a mão para passar com Bella. — Foi uma ação gentil, estou apenas enfatizando, porque amo ênfase. Acredito que boas ações devem ter destaque em conversas. Você está empregado e é o que importa. Prometo não pedir uma banheira.

Sei que minhas palavras estão envenenadas, quero um desconto. Não posso controlar minhas emoções, ele sabe disso, porque eu confessei, todos sabemos a este ponto que sou um desastre.

— Ótimo, porque continuo sendo apenas um designer gráfico. — Ele sorri. — Não posso fingir que não notei um milhão de interpretação para cada
PERIGOSAS ACHERON

palavra proferida, mas acredito que nossa arte de nos enganar sempre é a melhor coisa que fazemos juntos.

A sinceridade de Romeu às vezes me machuca, não é possível que ele não note.

— Enganar? — Finjo espanto, desligando o registro de água. Está morna, Bella já busca os brinquedos que ficam apoiados na borda da banheira. — Não estamos enganando nada e nem ninguém, essa é a melhor parte.

Pego o xampu que claramente é o de Bella, aviso para a menina que irei lavar sua cabeça. Na bancada da pia tem um pente fino, depois de enxaguar o xampu, coloco o condicionador, penteando devagar para que tire ao máximo de glitter do cabelo.

É uma ação com sucesso, o brilho escorre com mais facilidade, espero que Grazi não tenha um chilique quando ver, talvez a cabeça da menina venha a coçar, mas enfim, vamos conseguir tirar o excesso, já considero uma vitória.

— Vou trabalhar em uma editora — confessa, sinto-me totalmente estúpida por não ter PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

questionado no que ele trabalharia, ao invés de ter estímulos de ciúmes que nem cabem a mim. — Achei que ficaria feliz.

Sua voz é mansa, levo um tempo até olhá-lo.

— Claro que estou, estou feliz por ter sido capaz de tomar uma decisão e sair do estado letárgico. Aquele sim me incomodava.

Tento soar feliz, como estou de verdade.

— Só pensei como seria bom. — Ele vai até a borda larga, afasta alguns frascos de produtos e senta-se olhando para Bella. — Aliás, minha amiga é noiva. — Ergo meus olhos, claramente envergonhada. — Não sei o que aconteceu naquela ilha, Antonella. Mas acredito que posso estar perdendo a cabeça.

Tento correlacionar as duas informações ditas apenas em uma frase, entre sua *amiga* ser noiva e ele estar perdendo a cabeça, mas não consigo realizar algo muito inteligente ali.

— Como assim? Está tendo alucinações ou algo do tipo? Pode procurar ajuda médica — digo séria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sei lá o que tinha naquela ilha, até hoje muita coisa não faz sentido.

— Não pode ter ciúmes. — O encaro, esperando que explique aquela suposição absurda. — Não pode. Você não tem exatamente o direito de ter uma crise de ciúmes.

Quero gargalhar, sinto meu rosto esquentar com a seriedade da sua imposição.

— Ah, acha que foi isso que aconteceu?

Estou perplexa pela ousadia de suas palavras, como elas fazem meu corpo inteiro queimar. Posso ouvir meu sangue crepitando em brasas. Caramba, estou com ciúmes e não tenho direito, e isso é uma merda.

— Como você é com molhos? — Ele ignora minha pergunta. — Subitamente me deu vontade de comer macarronada.

— Sou aceitável. — Ele joga a tolha de Bella para mim. — Não foi ciúmes, Romeu.

— Claro que não, Ella. — Finge. — Eu estou errado. Desculpa.

— Não precisa pedir desculpas — respondo. —

PERIGOSAS ACHERON

Só que... Certifique-se que tem extrato de tomate e não molho.

— Só que?

Reviro meus olhos, retirando Bella da banheira, a enrolando na toalha. A menina se agarra ao brinquedo de plástico e retiro o excesso de água para não molhar a casa.

— É algo novo — assumo, com a voz baixa. — Não estava pronta, não foi de propósito, mas... eu queria mesmo que tivesse me ligado.

Deixo a vergonha de lado, confesso uma verdade latente, a decepção de não ter sabido antes sobre o emprego.

— Sério?

— Por favor, quando quiser me ligar, apenas ligue, ou melhor, envie mensagens de texto. Para qualquer coisa. De previsão do tempo à fórmula da longevidade.

— Você sabe a fórmula da longevidade?

— Não, mas não custa nada me perguntar.

— Extrato, não molho — ressalta antes de sair do banheiro.

Sorrio para Bella, peço para ela me levar até seu quarto.

3

Bella penteou meus cabelos até cansar. Agora estou com os olhos fechados, enquanto ela passa maquiagem rosa de uma embalagem em forma de borboleta. Não sei bem o motivo de ela ter esse tipo de brinquedo, mas quem sou eu para julgar o que as mães compram para seus filhos.

Sinto o pincel escorrer pelas laterais dos meus olhos, sei que tenho uma maquiagem naturalmente escorrida, como se estivesse embaixo de uma tempestade. Por fim, mostro para Bella que tenho meu próprio batom, mas acreditei que era um tom nude que sempre carrego na bolsa, mas não é, o que Bella está apontando em minha direção é um batom em tom vinho caríssimo. Ela vai me falir.

Romeu está sentado ao meu lado, na mesa, entretido pelo aparelho eletrônico em sua mão. A água do macarrão está no fogo, enquanto Bella já traja seu pijama quentinho. A menina abre o batom, vem até minha boca. A sinto espalhar por todos os

lados, e sua atenção vai até o tio.

— É aqueles batons que vocês usam que nunca sai da boca? — Romeu questiona, provavelmente analisando o estrago. — Porque se for, bem, vai ser ótimo.

Sua expressão é divertida, seu rosto parece aquecido pela cena, está totalmente corado, exalando energia.

— Droga, Romeu! — Procuro um espelho na bolsa. Certo, estou parecendo uma palhaça, mas Bella está satisfeita. — Deveria ter me lembrado sobre esse fato.

— O batom é seu, deveria ter lembrado sobre esse fato. — Viro-me para ele, seu sorriso se alarga. — Está tão linda que meu coração pode não aguentar o impacto da sua pintura facial.

— Está me chamando de palhaça?

— Jamais. Porém, é você e não eu, não sei como retribuir esse favor imenso. — Ele bloqueia o celular e Bella ameaça ir em sua direção com o batom. — Não, titio. Você fez na tia Ella, já está de bom tamanho.

A menina avança mesmo assim, ele tenta desviar do objeto direcionado ao seu rosto, Bella está tentando alcançar a boca do tio, mas ele movimenta os braços desviando. Sorrio para a cena.

— Vai, Bella! — incentivo para a menina avançar. — Vamos ver quem é o palhaço agora.

Bella não consegue vencer o corpo do tio. Levanto da minha cadeira, sento em suas pernas, segurando os braços que coloco em volta da minha cintura, o segurando com força em volta do meu corpo. A menina escala minhas pernas, Romeu apoia a cabeça em meu ombro, sei que está sorrindo, porque posso sentir seu corpo chacoalhar embaixo do meu.

— *Ponto* — Bella diz depois de borrar toda a cara dele. — Vou pegar Sr. Ted.

Larga o batom aberto e a tampa ao lado sobre a mesa, e sai correndo da cozinha. Minha risada vai diminuindo, conforme me dou conta que estou sentada em seu colo, seus braços me seguram com uma força inigualável, como se jamais tivesse autorização de deixar seu corpo.

— Está parecendo um palhaço. — Arrasto-me
PERIGOSAS ACHERON

até a cadeira que estava antes. — Tenho lenço demaquilante na bolsa.

Busco a bolsa, tiro a embalagem de dentro. Ficamos cara a cara, sua respiração está próxima, claro que estamos mais próximos que o necessário, é como queremos.

Deslizo o lenço umedecido por sua pele com a mão direita, enquanto a esquerda segura seu rosto. Excesso de mãos, porque as suas estão apoiadas em minhas pernas, causando um pequeno tornado de pensamentos impuros quando o imagino sem essa calça, suas mãos deslizando sem impedimento por minha pele, como talvez queimaria por dentro, minha voz mudaria de tom, somente para dizer seu nome enquanto sua mão seguraria com força, e em seus pensamentos ele diria que seria possível alcançar cada canto do meu corpo.

— Feito. — Impossível retirar tudo, mas está bom daquela forma. — Essa cor combina com você.

— Posso ajudá-la? — Pega também um lenço umedecido, fecho os olhos. — Quando for sair à noite, encontros ou algo parecido, marque com a

PERIGOSAS ACHERON

Bella, seu tempo não será desperdiçado.

O lenço desliza por meu rosto, não evito sorrir, sua voz é baixa, calma e me provoca, sinto-me tentada a abrir os olhos, segurar sua nuca com as mãos e alcançar sua boca, mas não faço nada disso. Imito seu gesto anterior, apoiando minhas mãos em suas pernas, tentada a cravar minhas unhas em sua pele, para lhe causar dor, somente pelo fato de desdenhar desse momento.

Depois de um tempo, sinto seus dedos colocarem meus cabelos para trás da orelha, em seguida, deslizarem por minha pele ligeiramente fria pelo produto. Meus olhos abrem-se, antes que possa impedir, e meu coração chacoalha ao notar nossa aproximação. Não há sorriso em seus lábios, nem calma em sua expressão, então meus dedos apertam os músculos das suas pernas de modo involuntário, como fantasiei antes e espero que faça algo. Um segundo de ideia brilhante, ele inclina-se acabando com o espaço entre nós, até...

— Terminei! — Vicente rompe a cozinha, nos afastando. — Posso voltar para meu jogo?

— Não. — Ele levanta num rompante, como se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o que íamos fazer fosse algo proibido. — Vá chamar Bella, ela foi pegar o urso. Vamos terminar o jantar, você vai sentar naquela cadeira e comer sem reclamar.

— Você é um saco! — Vicente volta a esbravejar. — Por isso prefiro tio Tom!

— Da próxima vez, certifique-se de requisitar seu tio Tom antes de sua mãe me ligar, por favor, Vicente, eu imploro.

Parece totalmente sem humor. Vai até o balcão na lateral da pia, começa a cortar os vegetais que separamos para o molho. Levanto-me, vou até onde está, recosto no balcão, procuro seu rosto.

— O que acabou de acontecer?

Vicente mostrou que pode acabar com todos os climas possíveis, como humanos fizeram com o planeta. Sim, estou comparando-o ao aquecimento global.

— Em qual momento? — Sua voz é normal, mas não acho que está tudo bem. — Estou nervoso por ter que sair de casa, interagir, ter um chefe. — Sua confissão me pega de surpresa de um modo

PERIGOSAS ACHERON

que não sei expressar, porque sinceramente, foi a meia-hora mais estranha que compartilhamos. A impressão que tenho é que ele precisava conversar e simplesmente não tinha com quem, nesse momento todas frustrações emergiram, colidindo com a rebeldia um pouco adiantada de seu sobrinho. — Não queria estar aqui nesse momento, porque são duas crianças, sinceramente, não dou conta, mas não posso dizer não a minha irmã. Não esperei que o Vicente tivesse esse tipo de comportamento, mas levando em conta que faz um tempo que fiquei com ele, é normal toda a hostilidade.

Ei, o quê?

Ele acredita que Vicente está se comportando assim por culpa dele?

— Não é normal, Romeu. — Seus olhos me alcançam. — Ele está sendo mal-educado. Você acha que ele... talvez considere que os últimos seis meses no qual você se isolou, tem a ver com ele?

Minha pergunta sai baixa e insegura. Não existe modo fácil de explicar as coisas para crianças, não precisa ser formada em psicologia para saber sobre PERIGOSAS ACHERON

esse fato.

— Talvez sim. Não éramos assim. — Pego a faca da sua mão, o afasto. — Parece que saí ferrando minha vida em muitas coisas, não queria ter ferrado nada com o Vicente. Somente agora estou notando isso.

Se fosse depender de nós mesmos conscientes para ferrar as coisas, acredito que não faríamos isso sem receber o selo de “sadista oficial”. Porém, entendo o sentimento de quem ferra tudo constantemente, como quase ferrei duas semanas atrás quando fiquei com o primo de Brenda.

Não gosto de pensar que tive a coragem para fazer algo assim. Nem como Romeu ainda tem a energia de me encarar depois daquilo. Não me orgulho, acredito que ele sabe sobre isso.

— Ainda dá tempo, é só hoje. Ele fez algo que precisava de punição. Ser tio também é educar, não pode esperar que Grazi dê uma punição por algo que ela não presenciou. Vicente não vai odiá-lo por fazer cuidar da irmã, isso seria um absurdo. Você sabe o que é cuidar de suas irmãs... — Pauso, quando minha garganta fecha. — Sabe, sobre o que

PERIGOSAS ACHERON

me contou na praia. Sobre a Nathalia. É isso. Acredito que Vicente precise entender esse lado, como é importante para Bella não aceitar certas atitudes de forma “normal”. No final de tudo, o que Grazi e Nathalia aprenderam com você, é não aceitar menos do que o irmão delas faria. Bella precisa saber que quando o mundo desabar, é Vicente que estará lá por ela. Não importa onde, nem quando. E se ela acreditar que a única pessoa que compartilhou o corpo da mãe dela é capaz de bagunçá-la, o que deve ser limite para estranhos, então?

Ele suspira, como se estivesse cansado de pensar o tempo todo em tudo, mas eu sei o que é não ter um irmão ou uma irmã para dizer: *Eu lutarei por você, mesmo quando você não puder*. É o que entendi quando Romeu confessou na praia que jamais faria de uma garota sua visita de férias.

— A sensação é que...

— Romeu, você está apegado a algo que não precisa de tanta energia — interrompo. — Sobre o que é isso mesmo?

Sinceramente, não vi o momento que nossa

PERIGOSAS ACHERON

noite pegou esse desvio, nem como fomos parar ali, mas parece ter tido uma virada drástica, que somente eu não notei, pois estava hipnotizada demais com seus cabelos, poderia assisti-lo para sempre passar as mãos nos cabelos, na tentativa falha de domá-los.

— Talvez nós dois. — Sinto uma pontada no peito como se fosse uma facada, e engulo em seco. Nós dois? — Tenho medo de beijá-la, você passar por aquela porta e nunca mais voltar. E eu odeio o medo e a insegurança que sinto.

Continuo com a cabeça baixa, cortando toda a cebola necessária para fazer o molho, ou um oceano de molho, depois decido. Mas a frase: *Talvez nós dois*, causou uma inquietação em todo meu corpo. E o resto da sua sentença ricocheteou em minhas pernas, enfraquecendo meus membros, embaralhando meus pensamentos. Sua voz é um mísero sussurro, e sua preocupação não é com o Vicente, em fato, e sim conosco e o quase beijo. Vicente foi uma vítima do fogo cruzado e causador da frustração do não-beijo.

— Hum — consigo gemer, sabendo que minha

garganta se fechou ao ponto de o ar doer.

— Se você for sentir ciúmes, eu também vou.
— Ele dá um passo em minha direção, até ficar atrás de mim. Seu corpo esbarra no meu, seu calor me abraça, paro o que estou fazendo para não decepar meu dedo, suas mãos não estão em meu corpo, mas seu rosto está próximo ao meu ouvido, sinto sua respiração causando ondas de arrepio. — Se for sentar em meu colo, não vou deixá-la sair. Quando fechar os olhos, eu vou querer beijá-la.

Minhas pernas recebem ondas de choque, por Deus, vou cair em seus pés. Quando esse homem decidiu jogar tão sujo que está fazendo todo meu cérebro desligar como em um apagão?

— Não estava com ciúmes — sussurro.

As palavras travam na garganta, junto com a vontade de fechar os olhos.

— Estava. — Seus lábios tocam a lateral do meu pescoço, quem deu essa ideia brilhante a sua cabecinha? Merece um troféu. — E foi bom. — Outra vez, e involuntariamente, eu mordo meus próprios lábios. — Quando saí da editora, passei quase uma hora encarando seu nome na tela do meu

PERIGOSAS ACHERON

celular, naquele momento apenas parecia importar se eu contasse para você, mas não fiz. Eu queria a chuva em nossas cabeças, tudo outra vez. Peço ao universo que me jogue naquela ilha novamente, que me tire toda a covardia, que permita que eu passe uma noite com você.

Não posso chorar duas vezes no mesmo dia. Por que não me avisou, céus, que hoje era o dia da minha ruína? Porque é, caso sua gargalhada estridente não permita notar. Hoje é o dia que minha vontade vai comandar todas as células que deveriam levar oxigênio e nutrientes para meu corpo, não emoções incontrolláveis.

Meu corpo vai romper em impulsos nervosos, vai chegar um momento que não aguentarei e vou ceder a tudo.

— Romeu... — digo sem ar, perplexa, procurando o roteiro.

— Não, Ella. — Seguro na borda do balcão de mármore, considerando ser capaz de quebrá-lo com tanta frustração dentro de mim. — O universo não se importa, eu sei, por esse motivo, penso em quantas noites poderíamos ter, quantas manhã,
PERIGOSAS ACHERON

quantos dias completos e isso é o que está me fazendo perder a cabeça.

Toda a minha voz não pertence mais ao meu corpo. Minha respiração vai oscilando, conforme suas palavras vão entrando em choque com meus sentidos, meu interior se revira em reação.

Passos apressados adentram a cozinha, ele gira como se não estivesse fazendo nada em especial. Meus olhos ardem, sinto-me totalmente aturdida, enquanto puxo o oxigênio com dificuldade. Sei que foi encontrar Bella e Vicente, levo um tempo até conseguir virar para ele.

Estou em choque, porque simplesmente não estava pronta para ouvir nenhuma das suas últimas palavras. Não estava pronta para ouvir que ele queria as noites e as manhãs, sei o que significa, todo o extremo. Sei exatamente o que poderia significar se for o que quero, mas não tem como não querer, sendo o que me desconserta. Porque eu quero, é o que minha voz quer esbravejar no meio da cozinha, mas não é o que sai.

— O macarrão... na água — gaguejo, ele assente e diz para Bella que já volta. — Vou
PERIGOSAS ACHERON

começar a fazer o molho agora.

Concorda, depois instrui Vicente a pegar os materiais de desenho da irmã mais nova, o garoto agora parece mais tranquilo, vai sem reclamar. Ele volta a falar com Bella, a menina tem palavras confusas que não entendo, mas aparentemente compreende sem dificuldade.

— Depois de jantarmos, o que acha de ver um filme de animação com os dois?

— Parece perfeito — respondo, ele remexe no macarrão, agora aparenta estar totalmente solto.

Ele vai preparando o escorredor, enquanto estou focada totalmente no molho, frango cozinha rápido na panela de pressão, mas Grazi respondeu a mensagem dizendo que tinha um quase pronto para usar nesses momentos, noto como deve ser realmente sua realidade: antecipar refeições, limpar uma casa imensa, lavar roupa de quatro pessoas. Sua banheira é impecável, deve dá um trabalho imenso deixar tudo no lugar. Preciso admitir que é algo admirável de ver. Ela merece quantas noites de folga quiser.

Vou misturando os ingredientes, o cheiro
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começa a exalar, fazendo minha barriga protestar de fome.

— O cheiro está bom — Romeu constata, voltando a ficar atrás de mim de modo despretensioso, analisando a panela. Assinto, incapaz de responder, então, provavelmente em um momento estulto, deposita um beijo em meu ombro.

Sua mão apoia em minha cintura, seus dedos deslizando sob o tecido da minha roupa, até que ele sai totalmente de onde estamos, sinto-me perdida. Como um sobrevivente depois de um naufrágio.

Estou perdida no novo mundo.

PERIGOSAS ACHERON

4

A chuva se tornou forte lá fora, aqui dentro, Vicente ajudou Romeu a construir um espaço confortável sobre o tapete felpudo de Grazi. A imensidão de almofadas foi para o chão, para proteger o tapete, nós também o cobrimos, afinal, agora é o momento de overdose de açúcar, não vamos estragar uma peça de decoração tão perfeita quanto esse tapete.

Vicente senta mais distante, procurando o próprio espaço, enquanto Bella corre para os braços de Romeu. Sento-me ao lado dos dois unidos, porém tão afastada quanto Vicente, tem uma almofada nos separando. Romeu sorri para mim, bate a mão na almofada.

— Venha, prometo não morder. — Reviro meus olhos. — O quê? Posso fazer, é só pedir. Bella também. — Bella olha para ele. — Não podemos morder, não é, Bella?

— Pode — a menina afirma.

Sua resposta em reflexo me faz sorrir, porque sua voz é doce, sinto meus olhos brilharem quando olho para os dois juntos. Sei que Vicente não está mais chateado com nada, até porque ele estava pintando com Bella, e um pouco antes de vir para sala, ele estava apoiado em Romeu, mostrando o desenho que ambos tinham finalizado.

— Você é uma péssima influência para essas crianças, depois reclama sobre as atitudes de ambos.

Despejo como se tivesse mesmo permissão para criticar os atos de um tio.

— Eles não são meus filhos, só preciso tentar educar uma vez, depois eu posso estragar.

Romeu é um péssimo tio, a justificativa foi mais óbvia do que tudo que cruzou sua boca.

— Sábio como um mago. — Mostro para Bella o saco imenso de marshmallow, e passo as pequenas barras de chocolate para Vicente. — Hã, você pensa em ter filhos?

Entrego o pacote aberto, Bella não tem cerimônias em socar a mão e pegar um, enquanto

passa a abertura de *Pets: A vida secreta dos bichos*.

Sei que minha pergunta pode soar como uma insinuação, mas estamos aqui, o questionamento bateu em mim, não pude evitar de expor minha dúvida.

— Não agora. — A resposta parece mais uma desconversa. — Não com qualquer pessoa.

Seus olhos vão até Bella, como se fosse uma decisão mais difícil, que não pode ser baseada em uma gravidez por acidente. Por um lado, é algo que me conforta, por outro, bem, “não com qualquer pessoa” cria um desconforto dentro de mim, porque ele pode claramente estar gritando em minha cara: *Não, sua maluca, não vou ter um filho com você, vai que passa sua loucura e instabilidade emocional para meus filhos, não quero isso*.

— Claro que não com qualquer pessoa. — Ele me olha, talvez pensando demais. Não evito engolir em seco. — Digo, no geral, é contra procriação?

No geral? Cara, no geral, nunca é no geral, é sempre com a pessoa.

— Não sou contra fazer, se é o que está

considerando — pisca o olho, não evito sorrir —, às vezes sim, às vezes não, depende de quem pergunta.

A conversa mais estranha que tive na vida com certeza foi essa.

— Eu estou perguntando, a resposta é?

— Certo, nós vamos mesmo ter essa conversa agora. — A música começa a tocar na TV e Bella fica totalmente atenta. — Sim, eu quero, teria... hã, você entendeu.

Mordo meus lábios, porque sua resposta confusa me faz sorrir. Nós dois nos confundimos igualmente, é engraçado a forma como conseguimos nos enlouquecer nos detalhes das nossas conversas.

Acomodo-me na almofada, encarando a TV. Meia hora depois Vicente pede pipoca, Romeu nem considera recusar, ele apenas levanta e vai fazer, nos deixando sozinhos ali. Bella recosta a cabeça em meu ombro, observo sua pequena cabeça ali, e sinto um pouco de paz, juntamente com um sentimento estranho. E um pensamento surge em minha mente: E se essa fosse minha realidade? E se

PERIGOSAS ACHERON

esses fossem meus filhos?

Sempre achei fascinante a capacidade do corpo humano de gerar outro, mas aqui, não parece tão ruim ter uma família. Um sentimento que se opõe ao meu afastamento das pessoas. Espero o pânico nascer, mas não nasce. Algum tempo depois Romeu volta para a sala com duas vasilhas enorme de pipocas e bebidas.

Vicente agradece, Bella senta-se com o irmão mais à frente da TV. Eles têm uma diferença imensa de tamanho, então Vicente apoia o braço atrás do corpo de Bella, como se estivesse protegendo-a. Não olho para a TV, nem para Romeu, mas a pergunta que surge é: E se eu tivesse irmãos? Como seria?

Afasto imediatamente o pensamento, balançando a cabeça. Romeu aproxima-se o suficiente para nossos ombros estarem unidos, trocando um calor gostoso.

— Não pensei que nosso primeiro encontro depois da ilha seria assim — confessa, sorrio enquanto roubo a pipoca da sua vasilha. — E eu pensei muito sobre isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Certo, ele vai ficar sussurrando de modo impiedoso em meu ouvido. Meu sistema nervoso está quase desmaiando de tanta reação com uma voz tão baixa.

— Ah, está perfeito — assumo. — É sua realidade, preciso conhecê-la, não?

— Eventualmente preciso mesmo ficar com eles — sussurra outra vez. — Não consigo viver em um mundo que eles acreditam que não tenho tempo para eles, quanto ao Vicente, mudarei isso. Vou escolher dias na semana para passar com cada um individualmente.

Por que, deuses? Sêrio. Vocês amam as viradas que meu estômago dá. Não tem outra justificativa. Vocês estão nesse momento, em seu paraíso, comendo pipoca caramelada, sorrindo de mim.

— Você é um bom tio. Em breve o tio Tom será esquecido.

— Gosto de como pensa. — Sorrimos juntos. — Estava na cozinha pensando em você.

— Agora?

— Inacreditável, mas sim. — Nossas vozes são

PERIGOSAS ACHERON

baixas, nossos rostos estão próximos, só penso em beijar esse homem. — Não deveria ter feito ou falado nada na cozinha mais cedo.

Ai, Romeu!

— Acho que deveria sim — assumo, sua surpresa é visível. — Eu queria mesmo ouvir cada palavra mencionada, da mesma forma que quis ficar em seu colo, tocar seu rosto. Quis na ilha quando me enrolei em seu corpo, queria quando estava indo embora do aeroporto, em todos os momentos. Era tudo que desejei quando foi embora.

Assumir em voz alta é algo estranho, seus olhos estão fixos em meus lábios, como se naquele momento as palavras poderiam ter outros significados, ele precisa captar cada movimento da minha boca para ter certeza que estou mesmo falando.

— Ainda a sinto em meu corpo. — Inclina a cabeça depositando um beijo rápido em meu ombro.

— Acredite em mim, estou contando os dias para voltar aí. — Ele não sorri, mas sua mão busca

PERIGOSAS ACHERON

a minha. — Parece tortura, Romeu. Mas quando olho em volta, estranhamente para aquelas crianças ali, sinto que suas palavras eram reais, que eu preciso parar de fugir. Eu quero uma vida com pessoas nela.

Meu peito fica leve, meus olhos com certeza marejaram junto com a confissão.

— Você pretende ter filhos, Ella? — Sua pergunta soa engraçada. — Talvez terá que ver muita animação, se for o que você quer. — Claro, o quesito que irá definir se terei filhos ou não são as animações. — Aliás, sou viciado em desenhos. Não me julgue.

— Desenho animado?

— Não somente desenho animado. — Ele semicerra os olhos. — No geral. HQs, mangás, animes. É traço se mexendo, eu estou vendo. Não tem faixa etária. Do infantil ao adulto.

— Está me dizendo isso por quê? — Ele parece ligeiramente envergonhado.

— Hã, para você não acreditar que sou uma criança... sabe?

— Não, explique melhor.

— Eu vejo filmes de animação no cinema, faz um tempo que não tenho cabeça para isso, mas por exemplo, *Pets* eu vi com eles dois umas cinco vezes.

— Então você é um adulto viciado em animação, porém esperei isso vindo de um desenhista, e agora ilustrador de livros. — Ele assente. — Estou orgulhosa de você, porque você é bom.

Não tenho um vício que talvez precise ser explicado, mas Romeu tem cara de quem ver qualquer tipo de filme, sem regras e restrições. Quanto aos desenhos animados, era de se esperar.

— Sou bom em muitas coisas, Ella. — O deixei convencido. — Logo você vai notar.

— Estou contando com isso, Romeu. — Bella levanta-se em um rompante e senta entre nós dois novamente.

— Aproveite o filme, Florzinha. — Ah, lá vem o maldito apelido outra vez. — É muito bom.

Um coelhinho fofinho parece que é dono de

uma gangue da pesada. Romeu e Vicente sorriem juntos, como se aquela cena fosse tão batida, que eles já estavam esperando uma reação do outro.

O filme encerra com Bella apagada e Romeu instruindo Vicente a ir escovar os dentes para dormir. Ele lamenta não poder fazer o mesmo com Bella, mas a menina está em um sono profundo. Romeu confessa que está aqui desde o meio da tarde e ela correu por toda a casa e o jardim, era esperado que dormisse tão rapidamente.

Enquanto Romeu coloca os dois na cama, vou recolhendo toda a bagunça da sala. Estava tudo impecável quando cheguei, será mais educado manter o mesmo ambiente. Levo as vasilhas e os copos para a pia, decido lavar. Os pratos que foram sujos no jantar já estavam limpos, fizemos isso logo depois de terminar.

Finalizo de lavar, começo a secar a pia, meus pensamentos estão distantes, mas tenho um sorriso nos lábios, é grande, sinto como se tivesse uma música ambiente tocando sob nossas cabeças, mas não tem, não uma no mundo externo.

Duas mãos seguram minha cintura, não evito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suprimir o grito de susto. Procuro o pano para secar as mãos, viro-me para Romeu, que tem seu corpo próximo ao meu, literalmente prensado contra o balcão, agora limpo.

Espero suas palavras, mas elas não vêm, suas mãos voltam a pressionar minha carne, seu sorriso ali diz que sua paciência foi visitar a lua. Desligo meus pensamentos, esperando não me desfazer em suas mãos, seus lábios encontram os meus. A primeira palpitada do meu coração é dolorida, como se estivesse em processo de abstinência desde que nos beijamos pela primeira vez, ou única vez. Nossos corpos estão selados, minhas mãos vão parar em seus cabelos perfeitos, não quero sair da boca desse homem, nem se for obrigada.

Nunca brinquei com alguém como faço com Romeu, nunca houve tantas conversas avulsas, nunca houve o tentar, o desejar, o enlouquecer.

Algumas pessoas são como analgésicos, ele disse, talvez falando sobre si mesmo. Droga, estou como aqueles personagens malucos, que andam jogando um comprimido na boca a cada fala roteirizada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Suas mãos ousam descer por meu corpo, fico tentada a dizer: *Vamos comigo para meu apartamento*. Porém, sei que não funciona assim, não com Romeu e seu plano lento de conquista. Seguro a barra da sua camisa, só para sentir o calor da sua pele percorrer meus dedos, e ele está quente, muito. Sua respiração é ofegante ao se afastar de mim, mas suas mãos continuam onde começaram o evento.

— Estava mesmo perdendo a cabeça. — Tudo que consigo pensar é o peso, o calor e tudo que quero que ele faça comigo. — Desculpa, Ella.

Não consigo responder, minha pulseira se move, meus olhos procuram a dele no pulso, está lá. Parece bobo acreditar em algo assim, mas eu acredito, porque cada pecinha se move como se o magnetismo irradiado por ele fosse o suficiente para me mover, e quando estamos próximos, ele no une.

— Boa noite. — Uma voz feminina rompe a cozinha, sinto meu rosto queimar. — Ah, você tem companhia, estava me perguntando de quem era o carro na minha porta.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpa, atrapalhou sua garagem? — Romeu fica ao meu lado, enquanto a irmã nega com a cabeça. — Às vezes sou um pouco desatenta.

— Não se preocupe. — Ela olha para o irmão, como se quisesse sorrir. — Eu sou Grazielle, irmã do Romeu.

— Eu sou Antonella. — Sua atenção passa de mim para Romeu, ele dá de ombros. — Desculpa a invasão, estava lavando os pratos.

— Ah, sempre que precisar invadir uma casa e quiser cuidar de crianças... — Ela pausa. — É só marcar. Eles se comportaram?

— Não — Romeu confessa, indo em direção a irmã. — Vicente jogou aquele glitter na cabeça de Bella. — Grazielle fecha os olhos, apoia as mãos na cintura, culpando Romeu. — Bella chorou, pedi para Vicente desligar o videogame e como “punição” arrumar os brinquedos da Bella. Ele disse que preferia Tom, depois jantou tranquilamente. Vimos filmes, comemos doce, pipoca e suco nada saudável que estava na geladeira.

O relatório oral vem com acusações e soa mais
PERIGOSAS ACHERON

como uma briga de irmãos, do que qualquer coisa outra coisa no mundo. Romeu está pisando em um campo minado.

— Me julgando? — ela dispara.

— Não, só ressaltando que existem polpas de frutas. — Acho que ele não vai sair vivo dessa.

— Certo, Senhor Polpa de Fruta. — Um homem tão arrumado quanto a mulher aparece na cozinha, parece surpreso em me ver ali. — Sempre pode vir alimentar seus sobrinhos de modo saudável. Obrigada pela noite, poderia pagar...

— Ah, claro que poderia — Romeu desdenha.

— Ei, a garota fez isso por você — rebate, me fazendo corar. — Desculpa, Antonella. Esse é o Fábio, meu marido. Amor, essa é a lenda Antonella.

Grazielle zomba, quero afundar no piso.

— Ah, sim — o Fábio responde. — A Nath estava me contando...

— Certo, maravilha — Romeu diz sem graça. — Boa noite. Suas crias estão nas camas, nem se você quisesse teria dinheiro para nos pagar, afinal,

fomos a melhor dupla de babás que já cruzou sua porta.

— Vão treinando... — Fábio começa.

— Vou mesmo, Fábio, estou treinando socos há um tempo para quem fala demais.

— Chega vocês dois! — Grazielle interrompe.
— Duas crianças, sempre. Obrigada, Antonella. Por favor, volte em breve. Não para ser babá ou lavar os pratos, mas ainda assim, muito obrigada.

Avanço em direção a ela, para que possamos ao menos pegar uma na mão da outra.

— Talvez tenha glitter em sua banheira — assumo, ela faz um gesto com a mão.

— Não tem problema — responde, tranquila.

Nos despedimos, Romeu me segue para fora da casa. Quando chega lá fora, parece se dar conta de algo.

— Vai soar estranho, mas você me dá uma carona? — Olho para o relógio, assinto. — Temos apenas *um* carro fora o do meu pai, Nath e eu dividimos, compartilhar o útero não foi o suficiente, e como pode ver, ela está por aí curtindo

a juventude.

— Não tem problema. — Indico para ele entrar.
— Assim descubro seu endereço.

— A melhor coisa que uma perseguidora profissional faria. — Pisca para mim.

Instrui seu endereço, não tão distante dali. Fantasio que fomos praticamente vizinhos, tão próximos e distantes, que poderíamos ter cruzado nossos caminhos na adolescência cem vezes, mas nada adiantaria para nosso destino, porque havia o nosso momento. Acredito que tudo tem local e hora certa para acontecer.

Paramos em frente da sua casa, sorrio, porque é a primeira vez que dou carona a um cara que divide o espaço com os pais.

— Por que não se muda? — questiono sem pensar.

— Ainda não — responde, analisando em volta. — É mais fácil viver em conjunto. Sempre fomos muitos. Morar sozinho parece silencioso demais. Meus pais não têm regras ou algo do tipo, é somente uma forma de... não ter de morar sozinho.

Antes de viajar estava sufocado, porque parecia imensa a quantidade de pessoas, mas morar sem eles ainda é estranho. Se eles não se importam tanto, nem eu.

Dá de ombros, porque é um sentimento que não faço ideia que exista, morar com outra pessoa por opção, pior, com os pais. Fico considerando o sentimento que envolve uma decisão como essa.

— Seus pais parecem bons.

— Eles são — assume. — Até demais. Quando quiser posso apresentá-los a você. — Pausa e sorri. — Não é para sempre, sabe? Talvez em algum momento acreditei que me casaria com Melissa, assim seria o momento que deixaria eles, mas nunca houve planos. Meu trabalho era uma loucura. Talvez por meus pais ou mesmo a comodidade, mas não é para sempre, nem por muito tempo, só não estou no melhor momento para fugir das pessoas que no fundo, são as únicas que se importam comigo.

Concordo com a cabeça, registrando suas palavras, talvez se minha mãe fosse viva e me ligasse para saber se comi, também não deixaria

PERIGOSAS ACHERON

sua casa. Convívio tem que ser algo que funcione para as pessoas envolvidas, independentemente da idade, se funciona, está valendo.

— Nós vamos mesmo fazer isso?

— Isso o quê?

— Acreditar fielmente em uma lenda e no que ela disse?

Nossos olhos se encontram, sei que toquei em um assunto delicado para nós dois.

— Não, se não for o que você quer. — Assinto, mas não concordando. — Não podemos fazer nada, se não for o que você quer. É isso que não está conseguindo processar.

Ele deveria ter me preparado para as conversas de hoje, certamente não estava mesmo pronta.

— Meu poder de escolha?

— Seu livre arbítrio nessa possível relação — despeja, as palavras colidem contra mim. — Não é sobre a lenda, não é sobre o futuro. Não é sobre nada disso. Ella, não sou o tipo de cara que um dia vai ditar o que irá fazer. Mesmo juntos, ainda seremos duas pessoas. Quanto a lenda, não tenho

pressa, está mais veloz do que o meu coração pode aguentar.

— Coração, pulmão, pênis e noção do tempo de um velho de oitenta anos — ressalto. — Você só fica melhor.

— Não é verdade — rebate. — Confesso que acertou em três coisas, mas errou em uma.

— Não quero imaginar qual seja, pode ser que me faça ir devolver a pulseira pessoalmente a ilha.

Ele apoia a mão em minha nuca, puxando-me em outro beijo inesperado. Deus, que não seja nenhum dos itens acima. Quero o homem inteiro, funcionando, perfeito. Coração batendo forte, pulmão treinado e, bem, não vamos listar o resto, porque tudo que consigo pensar são coisas incoerentes. Solta um grunhido em minha boca, não sei quem é o torturador ou a vítima.

— Obrigado pela ajuda. — Sua mão desliza por minha perna, penso em dizer: *Suba só mais um pouco*, mas fico em silêncio. — Agora vou permitir que vá para casa descansar.

— Muito gentil da sua... — Puxo por sua

PERIGOSAS NACIONAIS

camisa até onde estou.

Ah, Romeu, você mexeu com a pessoa errada.
Decididamente.

Ficamos mais um tempo ali, ignorando a realidade, sentindo-me mais inclinada a ir fundo, porque já *favoritei* seu beijo como insuperável, porque talvez, não queira fazer isso novamente com outra pessoa. Essa lenda acabou com minha paz de espírito.

PERIGOSAS ACHERON

5

A primeira sensação que tenho ao cruzar aquela porta é que não posso fazer isso, mas antes de ter a energia suficiente para retornar a saída, a recepcionista lança um sorriso simpático para me cumprimentar. Aperto a alça da bolsa, inalo o ar com mais força que o necessário e consigo sentir todas as minhas extremidades congelando.

Mais de uma semana foi necessária para conseguir marcar essa consulta. Parece um pouco bobo, mas eu fui a internet, parecia o melhor lugar para encontrar respostas para meus problemas ou causar mais dúvidas, ocorreu os dois, tudo em perfeito equilíbrio. Até achei um diagnóstico de *sociopatia*, o que foi bem ruim, considerando o quanto quero voltar a casa de Grazi e tirar fotos de Bella. Vejo humanos e quero fotografá-los, é mais forte do que eu.

Quando fechei a porta do meu apartamento logo depois de deixar Romeu em casa, não sabia

como andar, meu cérebro estava estranho, parecia exatamente o tipo de coisa que estava considerando que iria acontecer. Eu sentei no sofá, olhei em volta e a primeira sensação de estar sozinha me atingiu como uma bola de demolição, transformando minha estrutura em pó diante dos meus olhos. Minha atenção fixou-se na TV desligada, tudo que via era meu próprio reflexo, e nele tinha um sorriso quente, um rosto borrado, um coração preenchido. Naquele reflexo preto e branco tinha todas as cores que a luz poderia causar. Então olhei para meu corpo, para saber se estava inteira, não estava me sentindo inteiramente fisicamente, podia sentir o peso da sua mão deslizando por minha perna, seus dedos afundando em meus cabelos, sua língua passeando na minha, roubando o principal elemento que nos mantém vivos. Eu estava sem oxigênio.

Meu coração, meu pulmão e com certeza todas as outras partes do meu corpo lembrou-me o quanto sou nova, e o quanto queria cada aperto em meu corpo. Ele poderia ter pedido qualquer coisa, teria dado, o que é bastante bizarro. Teria dado o mundo inteiro, se fosse o que ele queria, mas não, não era.

Tudo que Romeu quer é um depois. Um amanhã. Ou melhor, a possibilidade dele. Caramba, quero mesmo tudo isso. Porque ele conseguiu mexer em tudo, realinhar depois de bagunçar, doar e retirar muitas coisas dentro de mim.

Depois de tudo ser pontuado, como o quanto eu o queria, notei que a vida é feita de ceder as escolhas certas, e naquele momento o certo era um caminho que talvez eu temi, ou quis ignorar. Não sou sociopata, sou apenas uma pessoa que não sabe como lidar com tudo. Mas eu preciso aprender, antes de mais nada, a lidar comigo, para depois aprender a aceitar outras pessoas.

Por esse motivo, decidi enfrentar cada sentimento conflitante, cada pensamento paralisante, com a ajuda de um profissional. Essa é minha primeira sessão de terapia. O destino, talvez, me guiou até aqui, mas confesso que a força é o que me fez sentar na cadeira confortável da pequena sala pintada em tons claros. A música ambiente causa uma onda de emoção curta, e sei que logo entrarei.

Então uma porta se abre e uma mulher de olhos

calmos me aborda, ligeiramente meu rosto esquenta, dando-me mais confiança para dar aquele passo que ela vai sugerir. Com um gesto ela me convida a adentrar à sala, sua mão está apoiada na maçaneta, seu vestido cor de pêssego está justo ao corpo, totalmente alinhado. Volto a apertar as alças da bolsa nas mãos, totalmente intimidada com o ambiente. Olho em volta, todas as certificações que a tornam uma profissional estão na parede. Umas prateleiras com livros sobre psicologia estão dando um ar profissional ao ambiente, noto um pequeno vaso de planta tomando banho de sol perto da janela com as persianas quase abertas.

— Você pode sentar-se aí. — Ela aponta para um móvel exatamente como o dela. — Fique à vontade.

Sinto-me como uma criança que fez algo absurdamente errado, agora vou a julgamento, esperando que uma estranha diga que não sou maluca e vai dar tudo certo.

Continuo calada, esperando que sua calma seja transferida para mim, não sei se terei força para ter um diálogo. Não tenho um plano sólido,

nem nada elaborado para dizer para ela me guiar até lá, até porque não funciona assim. De todas as incertezas que habitam cada molécula do meu corpo, a maior nesse momento é a vontade irrevogável de ter um futuro com alguém, mas ela é uma estranha, não sei como confessar isso.

— Bom dia, Antonella. Como você sabe, eu me chamo Gabriela. — Sua voz é a calma que esperei, realmente reconfortante. — Então, o que a traz a terapia hoje?

Vou precisar mais do que cinquenta minutos para listar todos os desastres da minha vida, mas posso contar sobre Romeu ou sobre a ilha. Talvez sobre minha mãe morta. Não consigo ter um pensamento em linha reta, porém preciso decidir.

— Eu conheci um cara. — Isso soa estranho, quero dizer que conheci um cara como nunca conheci nenhum outro na vida, que sinto seus lábios nos meus mesmo depois de uma semana sem vê-lo. — Certo, não assim, mas eu conheci um cara. — Talvez eu quebre minha terapeuta, sua expressão continua serena como se minha confusão não a atingisse. — Talvez, eu queira ficar com ele.

Confessei, malditamente em voz alta, para uma estranha, que estou querendo um futuro com um homem, porém, não é qualquer estranha, não é qualquer homem, não é nada demais, sinto a pressão ir aliviando.

— *Não assim* como?

Sua ênfase me faz sorrir. Quero dizer que *não assim*. É estranho assumir que quero ficar com alguém, tenho certeza que muitas pessoas não vão a terapia para resolver suas peças soltas para encarar um possível relacionamento, mas eu preciso ir, é necessário estar aqui, sinto-me envergonhada por isso.

— Não assim, sabe? — Gesticulo, porque não sei o que fazer com as mãos. — Não assim da forma que... Não estou apaixonada por ele. Não é o motivo de eu estar aqui, mas talvez, eu queira me apaixonar por ele.

Confusão, confusão, confusão.

Meu rosto esquenta com a confissão iminente para a estranha a minha frente. Ao menos ela não me conhece, se eu não quiser voltar nunca mais aqui, estará tudo bem.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Perguntei agora a pouco o motivo de você estar aqui na terapia hoje. — Pausa, serena, sinto tudo revirar. — Você me disse que conheceu um cara e que talvez quisesse ficar com ele, mas agora você me disse que não é o motivo de você estar aqui. E eu não entendi muito bem, fiquei um pouco confusa.

Bem-vinda à minha selva de sentimentos.

— Não foi planejado, de certa forma eu o conheci sem querer... Não é como se estivesse intencionada em sentir algo por alguém, mas não sei como permitir que ele fique.

É isso. Esbarrei em seu corpo, e feito aqueles carrapichos, grudei nele. Era apenas um dia bom na trilha da vida, o ar estava úmido, o céu cinza, minhas roupas molhadas, mas como nunca esperamos colidir com a mata mesmo estando dentro dela, esbarrei contra ele, no segundo instante me vi ali, meio encontrada.

— Entendi. Me conte um pouco mais sobre ele, sobre esse encontro de como vocês se conheceram.

Certo, como começar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acabei aceitando uma viagem para ir a uma reunião para meu pai, em uma ilha. Chegando lá, nos esbarramos, talvez brigamos por um táxi — sorrio ao lembrar da memória reconfortante, estava tremendo de frio —, e ele acabou me ajudando com as malas. E aos poucos... Não sei, quando menos notei, tudo que queria era que ele aceitasse que eu tirasse algumas fotos. E isso meio que nos uniu. Bem, o nome dele é Romeu e parece uma piada de mal gosto que conto para clientes sem graça, mas não consigo parar de pensar sobre isso. Pensar em como quero encontrá-lo novamente.

Depois daquele beijo, só quero voltar, voltar, voltar, até que eu morra sufocada ou talvez viva sufocada.

— E ele aceitou as fotos? — Sua pergunta me desperta da memória que me faz engolir em seco.

— Talvez eu não dei outra opção.

Estou um pouco constrangida. Ou dei opção?

— Então vocês se encontraram mais de uma vez — constata. — Como foram os outros encontros?

PERIGOSAS ACHERON

— Bizarro ou não, nós ficamos em quartos vizinhos. Eu fui até o bar na noite que chegamos, estava chovendo, quando o vi totalmente sem humor, senti que precisava fazer algo. Como tinha que montar novas fotografias, eu o convidei, mas inicialmente tinha certeza que ele não aceitaria, mas sem muita insistência, ele aceitou.

— E como você se sentiu quando ele aceitou, você lembra?

— No primeiro momento não podia acreditar, ele soou bem hostil, mas no bar, parecia outra pessoa. Nem podia acreditar que... — Paro de falar ao sentir meu rosto esquentar. — Eu pedi para ele levantar a camisa, estava brincando, mas ele simplesmente levantou. E tudo pareceu mais fácil, porque simplesmente mudou toda a primeira impressão que tive sobre ele.

— Nem podia acreditar que...?

— Que um desconhecido iria apenas aceitar ser fotografado por mim. Eu amo a natureza, mas pessoas, eu gosto de fotografar pessoas. Ele simplesmente topou.

— Então você é fotógrafa? Trabalha com isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hã, não. É um hobby, ao menos por agora, eu sou advogada.

— Como se sentiu com um desconhecido topando fazer as fotos com você?

— Eu nunca o vi como desconhecido, não sei, não costumo chegar em pessoas, na maioria das vezes tiro fotos sem rostos de pessoas aleatórias. Então quando ele aceitou, não sabia o que fazer, brinquei e fui para meu quarto.

— Brincou como? O que você disse para ele?

— Ele questionou o que ganharia com isso, disse que ele poderia continuar daquela forma, lamentando, ou poderia tentar se divertir com as fotos. E no final eu disse que teríamos um encontro.

— E como foi o encontro?

— Bem, nada como planejado. Com o passar dos dias nós continuamos saindo para lugares juntos: fizemos trilha, basicamente todas as refeições juntos e ainda conheci um casal de amigos. Depois das fotos, ele disse que faria nosso encontro, inicialmente não entendi como ele “faria” aquilo, mas duas noites antes a ex-namorada dele

PERIGOSAS ACHERON

simplesmente apareceu, e no final, bem, eu o ignorei e acabei ficando com outra pessoa. Mas o encontro não foi o que esperávamos. Foi diferente.

— Deixa eu ver se entendi: Você conheceu um cara ao chegar na ilha para onde estava viajando. Dividiram um táxi. Depois se encontraram por acaso no bar do hotel onde vocês estavam hospedados, que por coincidência era o mesmo. O questionou se topava ser fotografado por você, e depois tiveram alguns outros encontros além das fotos. É isso?

— Sim, na verdade, o encontro prometido, o que seria a recompensa, foi o último, seria no dia do meu aniversário. Antes disso, ele até me comprou um livro.

As palavras vão saindo sem dificuldade, meu peito está aquecido, porque até narrar aqueles conflitos dá uma sensação boa, o sentimento que aguardei a vida toda para sentir quando pensasse em alguém.

— Estou percebendo que vocês tiveram alguns encontros além do que você já me disse aqui, porque pelo que me disse, ele era um completo

PERIGOSAS ACHERON

desconhecido, e agora é alguém que sabe o dia do seu aniversário e que a comprou um livro. Como foi essa transformação?

Uau. Certo, ela pega cada palavra mesmo, sentindo cada confusão.

— Acho que tudo mudou quando ele mentiu para os amigos quando disse que eu era sua namorada.

— Que amigos?

— Um casal de amigos que estavam lá para uma segunda lua de mel. Depois ele confessou que estava cansado dos olhares de pena dos amigos quando descobriram que havia sido traído pela namorada.

— Como você se sentiu quando ele disse que era namorada dele?

Esperei uma gargalhada partindo dele, esperando a explicação daquela piada bizarra, até notar que era algo real.

— Assustada, até porque nunca namorei ninguém. Naquele momento não sabia nada sobre ele, quer dizer, muito pouco. Não podia negar

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela mentira, seus olhos estavam desesperados para que continuasse a mentir.

Meus olhos passeiam pelo piso de madeira encerado, e as palpitações nostálgicas envolvem meu corpo.

— Nossa, eu imagino o susto. Você não estava esperando por isso, não é?

— Não, eu o conhecia a menos de um dia, me tornar namorada dele não era bem meu primeiro plano. Talvez tenha culpa, saí da loja segurando uma camisa que havia comprado para ele. Tinha uma frase engraçada, acreditei que o faria sorrir.

— Eu entendi que você ficou assustada porque ele era um desconhecido, mas disse que também ficou assustada porque nunca namorou ninguém. Você acha que se tivesse namorado antes não teria ficado tão assustada?

Hã, não sei?

— Talvez, naquele momento não sabia o que “ser”. Seria como interpretar uma cena que não li o roteiro antes. Não estava pronta para ser Ella namorada de Romeu.

PERIGOSAS ACHERON

Não sabia como ser Julieta e sobreviver no final, isso era fato.

— E você sempre tem os roteiros das suas cenas antes de elas acontecerem?

— Não, mas gosto de pensar que algumas situações eu comando. Naquele momento foi como se tivesse perdido todo o controle de tudo.

— E você já se sentiu assim em outra situação da sua vida?

Volto a olhá-la. Meu corpo afunda com a realização que não existe roteiro, sempre perco o controle.

— O tempo todo. Pessoas são imprevisíveis.

— Me conta uma situação onde você sentiu que tinha perdido o controle de tudo.

Não acredito que temos mais tanto tempo para pontuar cada perda de controle, mas vou trazer as principais.

— Não sei, talvez como não possa controlar como as pessoas entram e saem das nossas vidas. Para mim, isso é perda de controle.

E eu queria poder escolher quem ficaria para

PERIGOSAS ACHERON

sempre, fazê-las ficar também, mas prefiro que não entrem, se a intenção é partir.

— Você consegue pensar em uma situação aonde você não teve controle sobre alguém entrando ou saindo da sua vida além do Romeu?

Suas palavras subitamente fazem meus olhos arderem, quando lembro da semana passada no cemitério.

— Talvez, minha mãe.

— E o aconteceu com sua mãe?

— Bem, ela morreu quando eu era um bebê. Então não pude controlar a forma que ela saiu.

Sou a menina de cinco anos tremendo de medo e saudade insubstituível, tudo desencadeia em segundos com a menção da morte.

— É, a morte é realmente uma grande perda de controle, não é nada fácil mesmo. Você consegue me falar um pouco mais sobre a sua mãe?

Engulo em seco, rodando a pulseira da eternidade de modo compulsivo em meu pulso.

— Não há muito o que dizer, afinal ela morreu quando eu tinha dez meses, foi vítima de câncer,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo que tenho é uma carta onde ela me deseja uma vida feliz e algumas fotos embaçadas.

— E seu pai? Como é sua relação com ele? No início da sessão você disse que estava na ilha por conta de um trabalho dele, é isso?

— Sim, eu trabalho para ele.

— E como é a relação de vocês além do trabalho?

— Fora do escritório temos poucos encontros, talvez acreditemos que ali é o suficiente para nós dois. Ele mora sozinho, eu também.

Distantes até.

— Você disse que é advogada e a fotografia é um hobby. Como são seus momentos de lazer?

Olho para o relógio e agradeço mentalmente que está chegando ao final. Opto por uma resposta curta, torço para que ela não force mais nada para fora de mim, porque meu corpo está doendo, como se tivesse acabado de ser espancada, mas são apenas sentimentos reprimidos socando minha cara.

— Fotografia, cinema, comida — resumo. — Tudo comum.

PERIGOSAS ACHERON

Ela verifica o relógio também, assente devagar, respira calmamente.

— Sei que não é fácil se abrir para um estranho, mas é importante que você saiba que tudo que é dito aqui, não sai desse espaço. Ele é seu.

Assinto, porque sinceramente parece um espaço seguro no qual seus olhos não me julgaram em nenhum momento, sinto que fiz a coisa certa em ter pegado o telefone na semana passada, de ter procurado por uma psicóloga. Não é nada demais estar saindo daqui, mas estou um pouco mais descomprimida. Suas palavras foram ditas em tons sóbrios, seus olhos sempre transbordando conforto, e sua postura relaxada me permitiu ter mais segurança nesse momento.

Ela explica o processo terapêutico, como vamos seguir, se for o que quero, assumo que sim, prometendo voltar na próxima semana.

Quando piso o pé para fora do pequeno consultório, o ar encontra meus pulmões, decido mandar uma mensagem para Romeu.

Eu: Ei cara, vamos correr?

PERIGOSAS NACIONAIS

Não é romântico, mas bem, vamos fortalecer aquele pulmão. Meus planos exigem bastante ar entrando e saindo sem dificuldade.

PERIGOSAS ACHERON

6

Bem, Romeu como sempre consegue ser um grande ninja em desviar de exercícios físicos, disse que correr não daria porque havia marcado de sair com os novos colegas de trabalho. Ele sempre parece estar levando uma vida muito mais interessante do que a minha, jamais sairia para um *happy hour*, porque meus colegas de trabalho não são meus fãs, sendo filha do chefe, pareço ter algum tipo de doença contagiosa, e não posso culpá-los, meu pai realmente é bastante pragmático com a pirâmide de trabalho.

Meu cérebro alertou que ir até Romeu poderia ser uma péssima ideia, mas meu corpo só pensava: *Talvez ele a beije no final da noite.*

Cruzando os dedos, corpo esperto.

Fiquei tentada ir em casa trocar de roupa, mas não iria soar tão casualmente como: Abandonei tudo essa noite para estar aqui. Eu queria mesmo correr.

PERIGOSAS NACIONAIS

Como hoje era sexta, coloquei uma calça jeans, com uma blusa de seda, pareço despretensiosamente arrumada, meus cabelos estão perfeitos, porque eu exigi que eles ficassem assim. Deus, estou suando, derretendo completamente enquanto encaro o bar do outro lado da rua, não posso beber muito se tenho que dirigir. Ou melhor, não posso beber nada, ou quase nada. Infringir a lei não vai soar tão bem para meus clientes, com certeza.

Meu salto bate contra o asfalto, seguro meu celular na mão, coloco o cartão no bolso, não gosto de adentrar bares com bolsas, não me sinto confortável. Há pessoas por toda calçada, conversas agitadas por doses de álcool, sinto-me um pouco intimidada, confesso, é um ambiente novo, estou indo atrás de alguém que... Bem, provavelmente estou criando projeções demais, mas é o que preciso fazer.

Espero um carro passar, chego do outro lado da rua, na calçada tumultuada com pessoas que estão mesmo trajando roupas que saíram do trabalho. Ternos jogados sob o encosto da cadeira, saltos

PERIGOSAS ACHERON

mais desconfortáveis do que usariam para vir a um bar.

Meus olhos encontram Romeu em um semicírculo com outras pessoas, engulo em seco, pensando: *Romeu e pessoas. Como vencerei essa batalha?*

Ele está com uma camisa branca com a foto do mestre Yoda em preto e branco. Suas mãos estão socadas dentro do bolso da calça jeans, noto que está totalmente diferente de todos os dias que o vi. Avanço em sua direção, eles estão gargalhando, juntos, como um grupo de novos amigos com boas piadas. Vou me aproximando aos poucos, sei que ele não me notou, uma mulher loira está ao seu lado, segura um copo de bebida nas mãos, há um cara com os braços para trás, outro com a mão apoiada no ombro da segunda mulher. Quando enfim acaba o espaço entre mim e o grupo, Romeu me nota.

— Olá — digo sem jeito, mas os cinco abrem um sorriso simpático para mim. — Boa noite.

Eles respondem com: Oi! Olá! Boa noite!

E o semicírculo se abre mais.

— Essa é a Antonella — Romeu diz, estica a mão para segurar a minha, como se precisasse me colocar ali. — Esses são Bella. — A mulher loira estica a mão em minha direção. — Esse é Heitor, Marco e Giovanna.

— Desculpa invadir assim — digo, eles sorriem e voltam a falar ao mesmo tempo que não tem problema algum.

— Heitor é irmão de Bella — eles sorriem, porque parece confuso —, que é marido da Giovanna?

— É estranho dizer isso — Giovanna responde e olha para o homem ao seu lado. Ela tem a pele negra, seus cabelos são volumosos e uma tiara de pano está no topo da sua cabeça dando um ar de menina, adoro essas combinações de tecidos e cabelos. — Antonella, Heitor é Heitor. É que recentemente decidimos morar juntos, porque sou contra a instituição do casamento.

— É? — questiono, eles trocam um olhar cúmplice. — E eu acreditando que poderia deixar meu cartão para um futuro divórcio.

Arrependo-me totalmente do que disse, mas
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eles estão sorrindo ainda mais.

— Eu aceito — Bella diz. — Afinal, eu acredito na instituição do casamento, quero ter um número na discagem rápida.

— É dessa forma que você quer casar comigo, Isabella? — Marco rebate sua noiva, mas ela continua sorrindo. — O mal de nossa geração é que acreditam que rompimentos são mais fáceis do que trabalhar duro para manter algo.

— Nem sempre é fácil — Heitor responde.

— Você pode ser traído — Romeu adiciona.

Heitor olha para Romeu com se entendesse sua dor, ambos olham para Marco afirmando que ele não sabe de porra nenhuma.

— As histórias de vocês são muito tristes — Marco brinca.

Voltamos a sorrir com mais intensidade, eles desviam o foco para uma conversa totalmente aleatória, Giovanna protesta que precisa sentar. Sinto-me confortável, porque eles me permitiram. Nos sentamos em uma mesa, a conversa vai e vem entre esportes e livros. Não sei quase nada sobre

PERIGOSAS ACHERON

esportes, mas os papos sobre livros sempre me atizam um pouco.

— Então, como vocês se conheceram?! — Bella parece empolgadíssima ao perguntar aquilo.

— Em uma viagem — respondemos juntos.

— Parece romântico — Bella atesta.

— Ah, muito. — O sarcasmo pula junto com minhas palavras, e eles sorriem, enquanto Romeu balança a cabeça. — E vocês?

— É o velho clichê. — Giovanna parece entediada. — Bella é minha melhor amiga, fui estagiária de Heitor, ele foi traído, enviado a um festival, aconteceu.

— Calma, amor. — Heitor coloca a mão no peito. — Antonella jamais acreditará que está prestes a lançar seu primeiro romance com tanto amor em seu resumo.

— Pelo amor de Deus, Heitor. — Estamos os quatro assistindo aos outros dois terem aquele debate ali. — Não foi romântico, foi clichê para caramba. Melhor amiga da irmã que fica com o cara mais velho, nem eu escreveria algo tão sem

originalidade.

— Poxa, Gika. — Ele vai continuar. — Eu me esforcei para caramba para conseguir sair com você.

Eles entraram numa briga particular ali, estamos sorrindo.

— Oh, não foi romântico — Giovanna estabelece. — O pedido de Marco para Bella foi romântico, digno de páginas de livros.

— Então, Antonella. — Heitor vira-se para mim. — O nosso romance é digno de páginas policiais. É reconfortante saber o que a pessoa que escolheu para passar a vida toda com você, diz que não é romântico.

— Você pode aprender — Marco provoca. — Posso dar umas aulas.

— Claro, Marco — Heitor ironiza. — Vou permitir que dê uma aula e toda minha imaginação seja associada à minha irmã.

— Bem, eu tentei. — Marco ergue as mãos no ar. — Vamos beber um pouco, só assim iremos sobreviver a essa conversa.

Eles concordam, decidimos beber. Os assuntos vão variando, enfim alguém explica as motivações daquele encontro. Isabella fala sobre como o livro da Giovanna está sendo editado, e que Romeu ter se juntado ao clube trouxe ideias frescas para a edição, eles estão pensando no conceito da capa, e por esse motivo estavam tão animados.

Pelo que entendi, Heitor e Marco são amigos e jornalistas, outro clichê pelo conceito de Giovanna. Há um tempo Marco pediu Isabella em casamento, mas o mesmo não aconteceu para Giovanna e Heitor, porque ambos não se veem fazendo nem ao menos uma cerimônia civil. São pessoas que sabem o que querem, um não subiria no altar nem amarrada, a outra, é tudo que deseja de todo coração.

Bem, nunca pensei em possibilidades como casamento, filhos e afins. Sempre pensei que depois dos trinta poderia ter sim um filho, o adotando, mas alguns alarmes disparam em minha cabeça, dizendo que serei uma péssima mãe, da mesma forma que ressoam afirmando que serei uma péssima namorada, amiga ou qualquer outra coisa que

venha a ser. Viver sozinha isenta-a de ter que decepcionar e ser também decepcionada. Algumas coisas precisam serem superadas, mas são pensamentos latentes quando olho Isabella tocar o braço de Giovanna e ambas completam as frases uma da outra, nos fazendo sorrir. Meu coração se retorce, não evito ser inundada de tristeza. Como eu nunca pensei que seria bom ter algo daquela forma?

Quando chegou o momento da despedida, estava me sentindo diferente. Passei o curto percurso até meu carro considerando dizer para Romeu que fui a terapia, mas não tive tanta coragem.

— Não é tarde. — Ele verifica o relógio. — Não estava esperando por sua mensagem hoje, como Bella já havia decretado esse encontro, não tinha como recusar.

Nos recostamos contra o carro, lado a lado, e a rua ainda está movimentada.

— Hã, só estava... — saindo da terapia — sem nada para fazer. Pensei que poderíamos mesmo correr.

— Seu programa preferido — constata. —
PERIGOSAS ACHERON

Você gosta mesmo de exercícios físicos. Acreditei que fosse somente uma fase ou uma forma de me ver sem camisa.

— Quem disse que não aprecio os dois? — Esbarro em seu ombro, porém sentindo-me estranha. — Seus... hã, eles são bacanas.

— Não são bem meus amigos, mas sim, eles tentam. Sempre acredito que a sociedade é feita em círculo, chega um momento que a pessoa mais próxima vai apresentá-la a alguém que você nunca esperou conhecer. É sempre bom conhecer pessoas que podem conectar você com outras, assim consegui meu emprego.

— Bem, eu sou “herdeira”, não precisei conhecer ninguém. — Dou de ombros, ele sorri.

— Porém, Isabella e Giovanna têm uma amiga que trabalha em uma revista onde todas trabalhavam, revistas precisam de fotógrafos, pense sempre em conexões. Quando você conhece alguém, e a pessoa respeita seu trabalho, quando surgir uma oportunidade, seu nome será o primeiro que virá em mente.

— Isso não é tipo interesse?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Toda relação humana é feita de interesse — rebate, sorrindo. — Por que você veio?

— Não sei. — Sua expressão é divertida. — Está bem. Entendi. Muda a pessoa, muda o interesse, mas ainda é o mesmo objetivo.

— *Touché*. — Ele se aproxima mais um pouco, imita minha pose segurando as mãos na frente do corpo, recosta a lateral da cabeça na minha. — Estava pensando em você.

— Quem é o interesseiro agora?

— Disse a garota que me chamou para correr na esperança que tirasse a camisa. — Desliza o braço em volta da minha cintura, puxa-me até sua frente, agora enrolando os dois braços em meu corpo. — Que tal amanhã às cinco?

Apoio minhas mãos em seus ombros, retorço a boca, não sei bem se é um programa para ser feito assim.

— Poderia ser às sete — contraponho. — Ei, cara, eu vim aqui por uma coisa...

Não espera finalizar minha frase. Não sei quem está se saindo pior ou melhor nesses encontros, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quem estamos enganando mesmo? Suas mãos aproximam-me mais do seu corpo, envolvo meus braços em seus ombros, grudando totalmente meu corpo ao dele. Beijo em espaço público não é algo que costumo fazer, mas ainda assim meu corpo continua queimando aqui.

Sou interesseira mesmo, vim aqui interessada em ser aquecida e pronta para perder a cabeça. Ótimo, amizade com interesse, nada altruísta.

— Por que não pega sua câmera? — Ele arruma meus cabelos, que bagunçam com o vento, não entendo bem sobre o que é aquilo.

— Ela não está aqui.

— Amanhã. — Ah, então era um convite genuíno? — Podemos correr em um lugar que conheço, com certeza irá querer tirar fotos. O que me diz?

— Sério? Você quer correr comigo e ainda tirar fotos?

— Se eu confessar que obriguei Isabella a me dar um livro que vi na mesa dela, o que isso faria de mim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O pacote completo. — Rouba um beijo simples, afasta-se. — Às sete?

— Estarei acordado desde às seis, alguns hábitos não dão para mudar facilmente — confessa. — Agora vou permitir que vá para casa descansar.

— Quer carona?

— A Nathalia está no bar ao lado. — Aponta para o outro espaço.

— Ah, certo. — Fico totalmente desconsertada sem entender.

— Ei, Nath não é Grazi. — Espero a elucidação daquela frase. — Nath não vai permitir que saia da presença dela antes de contar toda sua vida, acredito que teve tortura humana para uma semana inteira em uma única noite.

— É só esse o motivo?

— O quê? Acha que estou mentindo?

— Não... Só que... — Pauso, dou um passo para trás. — Talvez se importe demais com a opinião de Nathalia e ela não venha a gostar de mim...

Algumas coisas não precisam serem
PERIGOSAS ACHERON

confessadas, Ella, mas não controlo mesmo minhas palavras, sempre sendo encantadora ao abrir a boca.

— De onde você tirou isso? Pare de ficar tentando dar significados as coisas que cruzam minha boca, não funciona assim. Não me relaciono esperando ver o que os outros irão pensar. — Ele respira irritado, claro que está. — Não vamos fingir que subitamente você está pronta para encarar todos da minha família. Você passou uma noite com meus sobrinhos, para mim foi um grande avanço, mas eles são crianças, você levou doces. Conheceu a Grazi por cinco minutos, não teve que preencher expectativas de conversação, mas a Nath, ela vai querer conversar com você, conhecê-la, só pode estar lá quando for o que quer.

Volto a pensar na terapia, como deveria confessar sobre, mas não faço.

Dou um passo à frente e o abraço com força. Leva uns segundos até reagir, seus braços causam um conforto, o mesmo que senti quando estávamos deitados no dia da tempestade.

— Às sete? — digo ao me afastar.

— Às sete — responde. — Não quero que você
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fuja, Ella. Quero que você fique, isso tudo precisa ser em seu tempo.

Desta vez vou até sua boca, lentamente o beijo. Dane-se o espaço público, caramba, eu quero mesmo ficar, mas ainda não sei como.

PERIGOSAS ACHERON

7

Faço uma vitamina com várias frutas, enquanto ressoa da minha TV *The Police*, vou cantando, não tão alto, as frases que compõe *Every breath you take*. Não evito sentir-me animada nas primeiras horas da manhã, eu amo correr, mas aposto que correr com Romeu vai ser um diferencial enorme. Claro que a ansiedade me fez arrumar todo meu equipamento ontem à noite, separei a lente, limpei calmamente para que não houvesse erro, ou manchas, claro.

Vou cortando as frutas, jogando dentro do liquidificador, por enquanto não tenho vizinho de parede, o barulho não vai incomodar, porém meus vizinhos da frente amam fazer barulho desde às sete, eles têm cachorros e crianças, visitas o tempo todo. Parece que é o lugar onde todos vão para socializar.

Pego meu maior copo, preencho com toda a vitamina, já sentindo o sabor causar uma reação em

minha boca, não evito dançar na sala embalada pelo som, cantando a música, mesmo que às vezes não a ache tão apropriada.

Minha campainha ressoa, assusto-me imediatamente. Será que são meus vizinhos? Mas nem estou fazendo barulho! Eles fazem mais, com certeza.

Dispenso o olho mágico, exponho um sorriso gentil antes mesmo de abrir a porta, mas meu espírito morre quando vejo meu pai ali, com sua expressão carrancuda de quem precisa ditar uma ordem antes que a terra pare de girar.

— Aonde vai tão cedo? — Adentra sem cerimônias, e agora sinto-me exposta com o top e o short curto que estou usando. — Esperei que retornasse ontem, onde você foi que não voltou logo?

Quando ele diz final da tarde, meu pai esperava mesmo é que eu estivesse lá até a noite.

— Tinha médico. — Parcialmente verdade. — Agora vou correr.

Ele sorri, mostrando uns papéis em sua mão,

não evito inalar o ar demonstrando meu desgosto.

— Acho que não vai tão longe — debocha. —
O que tem para o café da manhã?

Aponto para a cozinha, para que ele mesmo veja.

— Posso preparar um café, mas tenho que sair em dez minutos.

— Você pode sair até agora, mas quero tudo pronto até o meio-dia. Meu conselho sábio seria você não sair.

Ele pega uma banana na fruteira, volta descascando. Quero gritar em frustração, mas é meu trabalho, às vezes eu odeio duas vezes mais do que em dias comuns.

— Eu marquei com uma pessoa, estou bem em cima da hora para desmarcar.

— Quem aceita correr pela manhã com você?
— Verifica o próprio relógio, suas roupas também são de corrida. — Sua amiga deve ser muito fiel a você.

Não entendo a insinuação, afinal é uma corrida em terra plana, não uma subida ao Everest,

ninguém vai morrer congelado ou perder um dedo.

— Bem, não sei o quanto é fiel, mas marcamos ontem, não posso desmarcar assim tão em cima.

Respondo, quase exigindo que ele vá embora, porque meu humor está mudando, odeio quando isso acontece, tudo de modo tão inesperado, que me sufoca. Só queria poder correr em uma manhã de sábado, sem me preocupar com o trabalho que eu odeio.

— Ella, sua amiga vai entender. — Continua empurrando sua ordem. — Se começar cedo, terminará antes de notar.

— Pai, não quero desmarcar — choramingo, sentindo-me traído a mim mesma. — Sinceramente, não é tão necessário trabalhar no final de semana.

— Você quem não voltou, não culpe o mensageiro. — O celular dele toca. — Antonella, trabalho é trabalho, até onde lembro, você tem o seu, poderia estar desempregada como milhões de brasileiros, mas não, você tem um emprego, agradeça aos céus por isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Volta à cozinha para descartar a casca da banana. Sei que minha postura é derrotada, e o sentimento que sou uma criança amuada ali, domina todas as minhas células. Ele passa a mão nos cabelos grisalhos, sorri para mim com leveza.

— Está bem.

— Quando vou poder conhecer seu novo amigo? — Meu rosto esquenta, sei que mudei de cor. — Ah, era chute, mas está totalmente vermelha.

— É somente isso — afirmo. — Ele é somente um amigo.

— É? — Sua expressão é divertida, há um tempo não vejo meu pai assim. — Acho que... somos dois com novos amigos. Mas o seu é amigo ou amiga?

— O quê? — Minha exasperação o faz sorrir alto. — Do que estamos falando de verdade?

— Eu tenho uma nova namorada. — Ergo minhas sobrancelhas, parece que ele espera sempre ciclos de quatro a cinco anos. — Eu quero saber se está se envolvendo com um cara ou uma garota.

PERIGOSAS ACHERON

O quê? Eu me perdi nessa conversa em questão de segundos.

— Pai, garota? — Meneio a cabeça, mas ele está rindo. — O motivo da pergunta é?

— Estava assistindo um jornal, como nunca notei que você se envolvia com caras ou não ao menos que eu soubesse, acreditei que talvez estivesse com vergonha de dizer que gostava de garotas.

Minha boca está aberta em susto. Minhas mãos estão no quadril, e sua expressão continua pacífica. Sério que ele acredita que é minha sexualidade o problema?

— Hã, pai. — Agora sei que estou pálida. — Parabéns pelo namoro.

Consigo dizer, querendo encerrar aquela conversa.

— Pensei que poderíamos jantar juntos. — Ah, claro. — É importante para mim que você... sabe, a conheça. Porém, não respondeu minha pergunta. — Ele dá um passo à minha direção, alcança meus olhos. — Eu te amo, filha, a aceito como for. Não

precisa ter medo de confessar, para mim está tudo bem. O que importa é que seja feliz.

Estou paralisada com aquelas palavras, o ar vai ficando escasso, quero dizer para meu pai que sempre que ele diz que tem uma nova namorada, eu quero pedir para ele parar, porque aquilo me atinge, mas não digo, ao invés disso, lembro o passo a passo da respiração suficiente.

— Não quero que sinta que tem a necessidade de se esconder. — Sua voz assume um tom calmo e paterno. — É importante para mim sua felicidade.

— Eu não sou homossexual — digo em voz alta. — Não sei de onde tirou isso.

— Alessandra... — Ela tem nome. — Estava me questionando se estava em um relacionamento, e notei que não estamos tão envolvidos como éramos antes.

Alessandra pode até acreditar estar fazendo um ótimo trabalho, mas a este ponto quero apenas que ela fique caladinha como se não existisse.

— Antes? Antes do quê? Nós não vivenciamos nada, quase nunca. Diga para Alessandra que não,

não estou em um relacionamento. E isso não faz de mim homossexual, uma mulher pode escolher não querer estar em um relacionamento, e ainda assim ser heterossexual. Não estou escondendo minha sexualidade, somente não me vejo pronta para a dança da cadeira que é relacionamentos.

As palavras pulam facilmente da minha boca, meu relógio indica que Romeu está enviando uma mensagem, meu coração pulsa de raiva e desgosto, porque não foi algo que ele se preocupou, foi algo que Alessandra disse.

— Só quis saber...

— Não, pai. Você quis dar uma resposta a Alessandra, não quer contar para ela que sabe somente o básico sobre minha vida. Duvidou da minha sexualidade somente por não ter um homem acoplado em mim? — Sua expressão parece estar derretendo. — Não quero que seja algo tão breve quanto os seus, são fins desgastantes, então não pai, não preciso de um homem para enfatizar que gosto de homem.

Decido não pegar a bolsa que preparei para levar com meus equipamentos para fotografia, sei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que não dará tempo. Vou pedir a Romeu para correremos na orla mesmo, que esse momento fique para outra hora, porque agora não sou tão boa companhia, mas não quero desmarcar.

— Desculpa. — Consegue me dizer ao fim. — Não quero isso, Ella.

— Nunca quer — rebato. — Talvez semana que vem eu possa conhecer Alessandra.

— Obrigado por isso.

Ele para a minha frente, num gesto nada recorrente beija minha testa e sai. Busco o celular para falar com Romeu

Espero o momento de fúria cessar em mim, aguardo o segundo que meu sangue vá começar a esfriar, mas não acontece até que a primeira lágrima escorre. O problema de estar farta da sua vida, é que quando começa a romper, todas as águas que foram contidas jorram com facilidade na primeira oportunidade.

Romeu aceita a mudança de planos, porque prometi explicar o que aconteceu.

**

PERIGOSAS ACHERON

Romeu está parado no limite entre o calçadão e a areia, como se calculasse a distância entre ali e o mar. Seu cabelo é bagunçado pelo vento, sorrio sozinha para a cena, porque assim que desci do carro eu o vi arrumando, mas sei que desistiu de lutar contra o vento.

Vou me aproximando lentamente, segundos depois ele nota que estou indo em sua direção, sorrio em reflexo ao seu sorriso, apresso-me mais um pouco.

— Bom dia — declara. — O que aconteceu, Florzinha?

— Esse apelido deveria ter ficado na ilha — rebato.

— Ah, eu vejo o mar, tudo volta com mais intensidade — assume, sorrindo. — Por que parece que não iremos correr?

— Talvez porque alguém sugou completamente minhas energias — murmuro, ficando ao seu lado. — Não quis dispensá-lo por mensagem, vim fazer pessoalmente.

— Que você adora tudo com requinte de

PERIGOSAS NACIONAIS

crueldade já é conhecido por mim, mas me fazer levantar às seis e vir até aqui, ultrapassou alguns limites.

Finge irritação, sorrio um pouco sem graça demais, mas querendo mesmo ser modificada por seu humor leve.

— Você disse que acordaria às seis de qualquer forma. — O olho, mas está tranquilamente fingindo estar machucado. — Claro que meu objetivo seria vê-lo ofegar por uma hora intensa de exercício físico — ele me olha lentamente como se não esperasse aquelas palavras —, mas meu pai também é o motoboy da empresa. Preciso terminar algo até o meio-dia.

— Seu pai foi a sua casa hoje levar trabalho?

— O que posso fazer?

— Recusar?

— Não funciona assim. — E não mesmo, todo mundo sabe, até ele trabalha aos fins de semana se for necessário. — Desculpa, mas é que... perdi meu humor, tivemos uma discussão.

Ele vira totalmente para mim, agora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

preocupado, quando meus olhos fixam-se aos seus, quero me jogar em seus braços. Aquele velho abraço sufocador, com o seu cheiro, seria um pouco perfeito nesse momento.

— Não se sinta culpada. — Adianta-se mesmo sem saber sobre o que é a discussão. — Nem precisamos correr ou nada do tipo. Poderia ter desmarcado sim por mensagem. Apesar de que... — Ele cala, levo minha atenção de volta ao seu rosto. — Foi bom vê-la. Vamos fazer disso uma regra. Sempre que for desmarcar comigo, terá que fazer pessoalmente.

— Não pode ditar regras, é um país livre.

— É o que ouvi dizer, nem tudo na prática é tão eficiente assim. Quer me contar sobre o que vocês conversaram?

Sinto meus olhos arderem com a sua empatia, por um tempo fico em silêncio, mas o que poderia dizer disso? Romeu é meu amigo, ao menos sinto que sim.

— Esquece. — Faço um gesto com a mão. — Talvez possamos correr por uma hora.

PERIGOSAS ACHERON

— Bem, Ella, não acho que você esteja com muito humor para isso — dispensa. — Se está preocupada com seu trabalho, pode ir, não precisa correr por causa do prazo, pode ir agora e trabalhar lentamente.

Assinto, ele me analisa, quase venho a chorar mesmo.

— Ele tem uma nova namorada. — Concorda com a cabeça.

— E isso a irritou? — Ele aponta em direção ao meu carro, começamos a caminhar lentamente.

— Foram para outros caminhos toda a conversa.

Paro de falar, não quero falar sobre o que ele insinuou, só a menção me irrita profundamente.

— Queria almoçar com você hoje. — Ele sabe que não contarei além dali. — Sinto falta dos nossos dias na ilha como não sinto falta de muitas coisas na vida.

Sua confissão me faz sorrir, meu Deus, acordo todos os dias desejando estar lá novamente, poder bater em sua porta, tomar café da manhã ouvindo

PERIGOSAS NACIONAIS

alguma história aleatória, ou o vendo prender o sorriso para algum absurdo que fui capaz de proferir. Nunca me esforcei tanto para fazer alguém sorrir só para ouvir aquele barulho.

— Por exemplo? — Dá de ombros. — Aposto que seja dos seus pulmões de dezoito anos.

— Ella, vamos esclarecer uma coisa. — Seu tom é sério. — Sou completamente funcional, não precisa temer, todos os meus órgãos funcionam perfeitamente, dos pés à cabeça. Talvez eu gostasse mesmo de estar no meio do nada com uma estranha.

— Acreditei que fôssemos amigos — solto, de vez.

— Agora somos amigos, mas antes... — Pausa, olhando em volta. — Posso confessar algo que talvez a leve a surtar?

Meu coração rodopia irradiando adrenalina. Assinto, incapaz de falar. Ele leva um tempo, até parece processar todas as informações que estão reunidas em sua mente.

— Eu queria vê-la porque sinto sua falta.

PERIGOSAS ACHERON

Não soa desconfortável.

— Da estranha?

— Não, sinceramente não. — Trocamos um olhar rápido. — Da garota que está lutando para ter um amanhã, porque um dia eu disse que o queria.

Por que ele faz isso? Poderia socar Romeu só por ele ser Romeu.

— É, você me convenceu de coisas super estranhas. — Tenho que brincar. — Como lendas, destinos e beijos arrebatadores.

— Certeza de que fui eu? — brinca. — Provavelmente leu em algum romance por aí.

Se li, preciso de algumas cópias, porque é perfeito.

— Será? — Finjo estar surpresa. — Lembro exatamente do seu corpo se ajustando ao meu, bem, você faz um ótimo trabalho com a boca.

Sinto minha voz mudar de tom, sem querer, mas é como se meu corpo cobrasse exatamente o que está faltando nesse momento, sua boca na minha. Deveríamos fazer um acordo, bem interesseiro, no qual quando ele me visse, teria que

me cumprimentar com um beijo. Claro, sem chance de desculpas.

Quem é a ditadora agora?

— Então foi real? — Reviro os olhos. — Achei que fosse um sonho.

— Sempre esqueço o quanto bom é em mentir — rebato, quando chegamos ao meu carro.

Ele desce da calçada, mas eu fico ali, da altura dos seus olhos, o silêncio se instala. Ergo minha mão para que ele pegue, corresponde o gesto, mas não se aproxima totalmente. Puxo com delicadeza, para que venha até onde estou, permite que passe meus braços em volta dos seus ombros, sinto que estou me inclinando, até que sua voz me para.

— Por que não deixamos esse beijo para depois?

Não evito grunhir, ele sorri apoiando as mãos em minha cintura.

— Qual seu problema, Romeu?

— Eu tinha toda uma ideia na cabeça, mas não, quero mesmo almoçar com você.

— Mas eu tenho que trabalhar. — Pareço uma
PERIGOSAS ACHERON

menina indignada.

— Certo. Mas se for agora, pode terminar antes e nós dois podemos cozinhar. Acho que formamos uma boa dupla.

— Essa é sua maneira de ir até minha casa? Porque fez afirmações importantes em um percurso tão pequeno, como funcionamento do seu corpo, cozinhar juntos...

— Antonella e suas projeções. — Retira as mãos da minha cintura. — Não sei, apenas não queria sair para um lugar, mas queria ficar com você.

— Perfeito! Casa. Comigo. Parece perfeito.

— Essa frase soou estranha, você parece ser a profissional em formá-las.

— Escolha o que *você* irá fazer, porque recuso-me a ir para cozinha aos finais de semana.

— A vejo em algumas horas. — Passa por mim, para mais distante. — O que eu disse de errado?

— Sêrio, Romeu?

— Ei, talvez eu fique mais irresistível até o
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

almoço.

— Espero que sua prepotência vá embora junto com seus cabelos quando os cortar. — Apoio as mãos na cintura. — Romeu!

— Somos amigos, Antonella. Não acho que devemos continuar nos pegando assim.

— Vai lavar os pratos também! — grito para ele, que continua andando lentamente.

Vontade de socá-lo. Solto ao ar com força, esperando que a ansiedade não me mate até o final da manhã.

PERIGOSAS ACHERON

8

A resposta do meu pai ao meu e-mail foi positiva, mandei uma mensagem para Romeu, para saber o que ele iria cozinhar, mas tudo que respondeu foi: *Deixa comigo*. Tremi até o último fio de cabelo, estou deixando muitas coisas com Romeu, não sei até onde é certo, comum e aceitável.

Claro que quando o vejo olho para dentro e penso: Está tudo bem. Porém, no fundo, sei que não está. Vai chegar um momento que Romeu irá querer algo mais, ele vai ter a necessidade de mais do que um beijo no meio da rua, mais do que o início da tarde no meu apartamento. Ele é uma pessoa que convive com a família, que tem primos, sobrinhos e irmãos. Seus pais parecem interessantes. Ele claramente é o tipo de cara que sempre quer mais do que algo solto, isso foi dito em voz alta por ele.

Quando penso em como talvez queira
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

veridicamente todas aquelas mesmas coisas, isso me faz surtar em pensamentos por breves segundos, logo lembro de listar para contar a terapeuta, ela precisa me ajudar a enfrentar esses pensamentos horríveis que crescem. Por Deus, quero arrastar aquele homem para minha cama desde o segundo dia naquela ilha, nunca esperei que fosse tão complicado conquistar alguém. Ou melhor, eu só queria mesmo ser colocada na cama por ele. Romeu não quer isso. Ele, mesmo feito em pedaços, adora o outro lado, o lado que não conheço nem mesmo se quisesse, afinal nunca atravessei esta bendita ponte.

Não consegui me livrar da roupa de corrida, estou trajando meu top e short curto quando recebo uma mensagem de Romeu avisando que está na porta do meu prédio. Brinco com o porteiro que ele pode permitir que o homem suba, ele sorri porque sabe que quase nunca tenho visitas, muito menos masculinas. Segundo ele, um cara do terceiro andar vive perguntando por mim constantemente, ele acredita ser o próprio cupido. Não faço ideia de quem seja o cara do terceiro andar, se não me

PERIGOSAS ACHERON

engano é algum tipo de nutricionista ou fisioterapeuta.

Acho que o cara é personal trainer, na verdade. Caramba, talvez eu tenha meu próprio Joe, igual a Beck em *You*, mas não sei nem como ele se parece.

Abro a porta, esperando que Romeu saia do elevador. Quando a porta se abre, ele olha para minhas roupas, meneia a cabeça como se não entendesse bem o que estou fazendo ali com pouco tecido.

— Não deu tempo de tomar banho — assumo.

— Não falei nada disso. — Balança a cabeça, dispensando meu comentário.

— E por que você avaliou minha roupa como se estivesse incomodado?

— Nesse contexto, vamos dizer que qualquer roupa estaria me incomodando.

— Romeu! — Ele sorri alto e adentra o apartamento. — Você não era assim. Gosto do Romeu mal-humorado.

— Então terá que procurar outro — afirma, e sorrio para ele. — Entenda, não sou exatamente

aquele cara, mas segundo sua filosofia, me tornei, porém agora, não vejo motivos para continuar.

Nem eu, prefiro seu sorriso espontâneo que sua cara fechada.

— Você foi ao supermercado sozinho?

— Não exatamente — declara. — Fui com a Grazi, a Bella e o Vicente.

— Vocês são mesmo esses tipos de irmãos unidos? — Ele me olha como se não acreditasse em minha insinuação ali. — Sabe...

— Não sei.

Sinto que estou perdida mais do que considerei. Ele enfia as mãos no bolso da bermuda jeans e aguarda tranquilamente uma explicação.

— Lembro que quando estávamos no hotel, disse que eram o tipo de família que... precisavam perdoar uns aos outros, nunca entendi bem sobre isso.

Esboça um sorriso ao notar que estou sem jeito.

— Porque somos muitos. Muitos tios, muitos irmãos e tudo que você menos quer é uma guerra em sua família, claro que temos nossas limitações,

PERIGOSAS ACHERON

mas Grazi, Nath e eu não temos vergonha de nossa relação de irmandade. Ela precisava de ajuda com as crianças, eu estava disponível, foi apenas uma matemática que bateu facilmente.

Ele olha em volta, como se somente agora tivesse acabado de entender onde está. Há uma foto ampliada de uma paisagem bem atrás do meu sofá. Seus olhos passeiam pela imagem, mas sei que não irá falar nada.

— O que pretende fazer?

— Lasanha de berinjela. — Retorço meus lábios. — A Grazi faz, fica perfeita.

— Ao menos sabe cozinhar isso?

— Não isso — rebate. — Você reclama demais, Ella. Isso não é “fofo”.

— Não tem permissão para falar “fofo”.

— Quem é a ditadora agora?

Aponto para a cozinha, para que me siga até lá. Ele me acompanha, deposita os ingredientes sobre o balcão que compõe minha cozinha. Recosto contra a pia, ele faz o mesmo no balcão, mas cruza os braços, talvez tentando parecer mais sóbrio, mas

continuo sorrindo, porque sua tentativa é falha.

— Então?

— Ella, na verdade, queria ficar sozinho com você em um ambiente familiar.

O quê?

— Hã... Como assim?

Ele toca os cabelos, permitindo que seu conflito interno emergja ali, sei que teremos essa conversa aqui mesmo, em minha pequena cozinha, ele não quer sentar ou sair dali. Não quer desapoiar, ele quer conversar em pé no menor espaço que tenho em meu apartamento.

— Não quero que pense que estou tentando provocá-la. — Certo, estou confusa. — Sobre não tê-la beijado hoje, eu queria ter essa conversa antes, estava pronto para tê-la depois da corrida, mas não deu.

Assinto, incapaz de responder, porque não sei o que aquilo significa, com certeza meus olhos estão apavorados ao encará-lo, porque sua expressão se suaviza.

— Sei que é difícil para você dar o primeiro

passo. — Sua voz abaixa. — É difícil até mesmo para me aceitar aqui, mas acredito que tudo ficará mais fácil, confortável, se formos capazes de traçar limites.

Essa é a conversa. O dia de hoje só fica melhor.

— Limites? Como fazem com crianças?

— Não, como fazem em relacionamentos — corta. — Você é adulta, não preciso explicar certas coisas, mas cada um tem um limite ou talvez tolerância. Às vezes, você não quer receber uma mensagem durante o dia ou uma ligação no meio da noite. Não sei. Ou goste de ir ao cinema sozinha. Quero que me diga. Não quero ultrapassar seus limites e que você sintasse pressionada a sair comigo só porque pedi.

Meu corpo começa a relaxar diante de suas palavras, não são tão ruins assim. No entanto, fazer tudo sozinha sempre foi como aconteceu todas as coisas em minha vida, afinal, eu sempre estive sozinha, mas ele tem razão, se o convite surgir, não irei recusar.

— Pode me enviar mensagens, não ligue, passo o dia conversando com clientes, não dá, não é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assim, não é pessoal. — Ele sorri. — Mas lendo é mais fácil, a não ser que seja preso, aí tem o direito de ligar.

— Obrigado, então — ironiza. — A parte mais chata vem agora. — Imito sua postura, cruzando os braços. — Você vai sair com outras pessoas?

— Não hoje. — Ele fica sério. — Ah, entendi. O quê?! Romeu! Quem você pensa que sou?

— Pode me culpar? Nosso último dia na ilha não começou com o melhor discurso quando assumiu que ficou com outro cara.

Meu corpo estremece, naquele momento eu quero chorar. Sei que ele decidiu sozinho ignorar aquele acontecimento, mas não isenta de senti-lo, às vezes me cobro um pouco de noção, só o suficiente para não fazer coisas tão sem sentido.

— Foi um erro — assumo.

— Mas cometeu mesmo assim — acusa, com um tom de voz leve. — No dia que eu a machucar, talvez também comece a analisar as possibilidades.

— Eu machuquei você? — Toca os cabelos, como se fosse desconcertante demais voltar a falar

PERIGOSAS ACHERON

sobre aquele evento. — Romeu...

— Não tem culpa — adianta-se. — Apenas quero saber se irá fazer algo parecido, não tem problema se for, porém quero saber se é o que iremos fazer. Assim me preparo para as possíveis quedas.

— Não vou derrubá-lo — sussurro, levo um tempo até conseguir olhá-lo. — Não quis machucá-lo, mas você saiu com a Mel...

Ele deveria ter adiantado que seria esse o rumo, porque sim, naquele dia senti ciúmes que não deveria, ele me cegou, não é uma justificativa, mas é o que aconteceu.

— Ella, Mel estava com casamento marcado, acreditou que seria o tipo de homem que fica com uma mulher noiva?

— Ela era sua ex-namorada.

— Exatamente, ela foi minha namorada, não era mais, não tinha motivos para sumir, precisa aprender a se expressar.

Fico sem palavras, concordando mentalmente com ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que essa conversa significa no final?

— Talvez seja o momento que você também diga alguma coisa...

— Por exemplo?

— Não sei, Ella. Deve ter algo na mente.

Afasto o desconforto, esperando as ideias brilhantes romperem meu cérebro, mas não sou a especialista em relacionamentos.

— Não vamos ficar com outras pessoas — pontuo, ele volta a cruzar os braços na frente do corpo. — Vamos evitar espaços públicos. Você cozinha e eu lavo os pratos. Só pode ligar para mim se estiver preso ou encontrar o Jake Gyllenhaal.

Parece satisfeito e confuso ao mesmo tempo com toda a história do ator.

— Então você gosta mesmo do cara? — Sua pergunta é séria. — Devo temer o Jake Gyllenhaal?

— Sim! Brad Pitt, Chris Hemsworth e Hugh Jackman são muito óbvios — argumento, ele parece estar se divertindo no fim. — O Jake tem aquela beleza preguiçosa, parece sempre entediado, e um bom amigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então, você iria permitir que o Jake fosse seu amigo facilmente?

— Oh, mais que amigos, com certeza. — Reajusta os braços no corpo e sorrio. — Está bem, entendi. Não é uma conversa aceitável. Às vezes não processo bem, porém, voltando ao foco da conversa.

— Ao menos tenho que competir com alguém que está em Hollywood. — Reviro meus olhos, mas ele não acha graça. — Certo, acho que esclarecemos muitos pontos. É importante para mim que não tenha vergonha de expressar o que sente ou o que a incomoda. Nunca saberei se algo é bom ou ruim se for incapaz de me dizer.

— Por que acredito que está me tratando diferente do que faria com qualquer outra pessoa?

— Porque estou. — Meu coração não evita chacoalhar. — Estou a tratando diferente, porque é diferente, quero que seja diferente, quero que sejamos tudo que nunca ninguém foi para nós dois. Para isso precisamos ser diferentes ao nosso modo. Se for para ser igual, prefiro ficar sozinho, porque sei exatamente onde iremos parar.

PERIGOSAS ACHERON

Quero perguntar aonde, mas não faço. Seria ilógico. Suas palavras me aquecem, ele quer ser diferente comigo, porque somos diferentes. No final, eu torci por isso.

— Meu pai perguntou se eu era gay. — Ele ergue as sobrancelhas espantado. — Pois é. Nunca esperei que ele considerasse isso.

— Ele a viu com uma mulher?

Seu tom é realmente de confusão.

— Não, ele acredita que é o único fato para eu *não* estar com um homem. — Porque sexualidade precisa ser provada. — Se tenho vinte e seis anos e nenhum homem comigo, com certeza tenho um problema grave.

— Ser gay não é grave.

— Nem ser solteira — rebato. — E o pior, não era uma curiosidade dele, e sim da nova namorada. Como posso lidar com isso?

— Não lide. — Dou de ombros. — Autoafirmação é para aqueles que não conhecem a si mesmo. — Agora sou eu quem ergue as sobrancelhas. — Quantas vezes um cachorro a

chamou para conversar, para convencê-la que é um cachorro?

Meu Deus! Romeu não existe. Seu amor por animais é algo interessante. Pessoas que amam animais são mais confiáveis, com certeza.

— Sério? — Estou prendendo a gargalhada entre os dentes. — Depois da vaca, achei que não ia se superar em suas explicações.

— Quem sabe quem é, não precisa afirmar para outra pessoa. Certas coisas não precisam ser ditas em voz alta. Por qual motivo seu pai acreditaria que o problema maior é sua sexualidade? É como vê-la e não enxergá-la. Você está sozinha porque é uma escolha, não é o tipo de pessoa que tem medo de ser quem é. Não nesse sentido.

Romeu tem suas próprias filosofias estranhas, mas fazem sentido de tempos em tempos. Fico feliz. Caramba, ele tem o jeito mais estranho de me causar felicidade, por esse motivo, fico tão eufórica somente em estar dividindo minha pequena cozinha com seu corpo maravilhoso, não vamos esquecer do maldito pacote completo.

— Você toparia ir comigo em um jantar?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Assim? Do nada?

— Não “do nada”, estou convidando.

— Para afirmar ao seu pai sua heterossexualidade?

— Romeu...

— Tenho outros modos de provar isso.

Eu topo! Quero gritar.

— Está sendo insensível, só quero não estar sozinha quando ele estiver lá mostrando todos os dentes para sua namorada nova.

— Então você quer que eu vá como escudo ou companhia?

Romeu soa como Gabriela, isso é bem estranho.

— Eu quero que você vá, porque quero você comigo lá. Não é para ser escudo, mas é como se... Nunca quis apresentar ninguém ao meu pai, porque nunca houve alguém, mas seria incrível que fosse comigo.

Ele é alguém. Ele é *meu* alguém, quero mostrar ao meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está bem. — Aponta para o relógio. — Venha me ajudar, vamos negociando esse encontro.

— Não é um encontro.

— Ah, Florzinha. É um encontro duplo com seu pai.

Desisto de discutir, vou separar tudo para lavar. É a porra de um encontro duplo com meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

9

Aceitar que gosto mais dessa versão de Romeu do que da que conheci na ilha, meio que cria uma ilusão dentro de mim. Essa versão seria exatamente o tipo de cara que me vejo me apaixonando. Gosto também de pensar que esse novo estado de espírito tem a ver um pouco comigo. Sou arrogante, como ele e como eu.

Era exatamente isso que estava esperando.

Nunca irei conseguir explicar o fato de que Romeu nunca pareceu um estranho para mim. O conforto que exala é apenas inexplicável. O que me remete as primeiras palavras que disse para Gabriela, como confessei que queria me apaixonar por ele. Não sei como funciona, mas meu corpo parece ter entendido a permissão da confissão feita a uma estranha.

— Quatro minutos antes do prazo final. — Ele está me encarando do outro lado do sofá, segurando uma revistinha de caça-palavras como a minha. —
PERIGOSAS ACHERON

Eu sou bom nisso.

Atesta da forma mais arrogante possível.

— Eu estava distraída, então não conta. — Arranco a revista da sua mão, ele semicerra os olhos. — Muita diversão para um sábado à tarde.

— Tédio eleva o poder da mente criativa — rebate. — Não fazer nada deveria ser parte da nossa rotina, você, por exemplo, deveria ser a principal usuária desse recurso.

— É? Se eu entrar em modo tedioso vou querer reavaliar nós dois?

— Ou talvez seja a melhor ideia da sua vida. — Busca a revistinha novamente. — Ei, o que acha se fôssemos procurar comidas ruins para vermos um filme?

— Tédio é sim uma mina de ouro de ideias úteis. — Esbarro em sua perna e fico em pé. — Vou só prender o cabelo, já volto.

Vou até o banheiro, analiso minha expressão. Certo, eu já dormi com Romeu. Nunca fiz algo tão literal com alguém, não com um cara. Nos momentos que estamos juntos, parece que seremos

capazes de fazer tudo que as pessoas fazem, sem ter que se preocupar com a pressão de relacionamentos, ao menos é o que sinto que estamos fazendo. Foi o que entendi da conversa em minha cozinha apertada.

Minha aparência não está tão ruim. Logo depois de montarmos a lasanha, tomei um banho e coloquei uma roupa mais confortável. Apesar de ter acordado cedo, não estou com sono, na verdade, estou em alerta total.

Volto para a sala, ele está me esperando perto da porta, apenas o sigo, como se ele realmente soubesse onde é o supermercado mais próximo.

— Quanto tempo você levou para se acostumar com o elevador? — questiona, quando paramos na frente da máquina.

— Eu moro aqui desde que completei dezoito anos — assumo. — São oito anos. Esse apartamento é do meu pai, ele tem alguns como empreendimento, e quando decidi sair, ele pediu que escolhesse um, foi esse, então meio que os porteiros e o síndico sabem um pouco da minha fobia. Esse é no quarto andar, mas os outros

apartamentos eram ainda mais altos.

— Esse é o próximo do chão? — Sorrio. — Ao menos consegue fazer sozinha.

— Às vezes não tem jeito, tenho que encarar, porque é muito constrangedor ter medo.

— Não deveria. — A porta se abre.

Romeu fica em um extremo e eu me coloco no outro, e quando a porta se abre no terceiro andar, não há o que fazer. Um homem entra, ele é poucos centímetros mais alto que Romeu, porém com o cabelo rente. Ele sorri para mim, vira-se discretamente, não evito olhá-lo com medo. Não conheço quase ninguém do prédio, inclusive dos outros andares.

— Antonella, não é? — Meus olhos vidram nos olhos do homem a minha frente, sinto minha garganta rasgando com a saliva forçada goela abaixo. — Tem um tempo que não a vejo.

— É, estava viajando. — Quase fecho meus olhos. — E trabalhando. Sempre trabalhando.

— A Marta do quinto andar vai fazer o aniversário dela de cinquenta anos, ela estava

PERIGOSAS NACIONAIS

procurando por você. — Adoro a Marta. — Bem, espero vê-la por lá.

— Ah, claro — respondo, sem sarcasmo ou entusiasmo para manter aquela conversa. — Acho que recebi mesmo o convite.

O elevador para no térreo, e antes de sair, ele sorri expressivamente e pisca o olho para mim.

Que merda foi essa?

Depois do choque, consigo encarar Romeu, que está tranquilamente encarando o celular, e aponta para a porta assim que ela se abre na garagem.

É o cara do terceiro andar!

— Então? — pergunto, esperando uma reação.

— O quê? — ele responde, desatento.

— Você viu o que acabou de acontecer?!

— Seu vizinho avisou que a sua vizinha vai dar uma festa. — Reviro meus olhos.

— Olha, Romeu, não é por nada não. — Ele agora parece atento as minhas palavras. — O cara estava flertando comigo.

— Ah! Era isso que ele estava fazendo?

PERIGOSAS ACHERON

— Claramente era o que ele estava fazendo —
ênfatiso. — Ele ainda piscou o olho para mim.

— E o que você achou?

— O que achei do quê?

— Da piscada de olho, claramente.

Destravo meu carro e o olho sem entender. Romeu realmente tem um senso de humor irritante às vezes, esse aí já havia notado na ilha também, mas aqui o incômodo é muito maior, não esperei que a distância de nossos corpos fosse um convite para meu suposto perseguidor flertar comigo.

— Não sei — respondo, sentamos lado a lado.
— Fiquei incomodada.

Não há outra forma de expressar toda a sensação que me atingiu.

— Por quê? — O olho de soslaio. — Deve ter um motivo para ter ficado desconfortável. Tenho certeza que não é a primeira vez que um cara “flerta” com você. Lembro exatamente de você descrevendo uma cena sua, implicando em seu corpo sem roupa.

Viro meu rosto lentamente até encarar sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expressão cínica exposta ali. Tinha esquecido disso, que fiz com que Romeu imaginasse mesmo meu corpo sem roupa, não consigo lembrar o motivo de ter feito, mas fiz. Porra, ele imaginou de verdade.

— Eu estava no elevador com outro cara — falo baixinho. — Estava com você.

— Certo. Isso a incomoda por que ele flertou com você ali ou por que presenciei?

Romeu deve ter feito muita terapia na vida ou não sei como reage assim como se estivesse me analisando.

— Ambos. — Sinto meu rosto esquentar. — Você parecia que nem estava vendo nada.

Porém, não sei o que queria que ele salientasse. Droga, estou confusa.

— O que você queria que eu fizesse? — Isso é uma armadilha para o ego dele. — Não posso impedir um cara de se interessar por você. E como irá reagir só cabe a você. Não posso dizer: *Olha, Ella, não pode dar liberdade a outro cara*. Como disse, algumas coisas estavam implícitas na maturidade de seus sentimentos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então você confia em mim?

— Até que você traia minha confiança, sim. E acredite Antonella, estou fazendo isso por você, talvez outra pessoa não ganhasse esse prêmio.

— Por que não?

— Acha que seria interessante refletir minha insegurança em nós dois? — Sua atenção desvia de mim, encarando os outros carros no estacionamento. — Não é o que precisa, Ella. Não precisa de meu passado criando teorias, precisa de algo de verdade. Não vou permitir que o que Mel fez comigo defina minha vida toda, e sabe mais do que ninguém como fiquei, no final, me ajudou a sair de lá. Então, para mim, acreditei que significaria para você minha confiança.

Viro-me para ele, busco sua mão, queria apertá-lo entre meus braços, por mais que seria esforço demais. Queria beijá-lo, agradecer ao universo, aos deuses, a ilha, a árvore, a Deus e ao seus pais por terem feito alguém assim, mas não me movo, porque é estranho.

— Nem sei o que dizer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Apenas não minta para mim — pede. — Sempre penso que não importa o que o mundo tente, algumas coisas só acontecem se permitirmos.

— Romeu? — Ele gira a pulseira em seu pulso. — Obrigada.

— Pelo o quê?

— Pelo benefício da dúvida.

— Ei, garota, você mereceu. — Ele beija minha têmpora, sinto que estou um pouco derretida por dentro.

**

— Certo. — Aponto para o carrinho pequeno a minha frente. — O que pretendemos com isso?

Há muito tempo não compro comida como se eu estivesse pronta para ter uma overdose de açúcar.

— Passar mal — afirma. — Sério, Ella. Vamos ter uma hipotermia e morrer congelados.

Não conseguimos decidir o sabor do sorvete,

PERIGOSAS ACHERON

por isso vamos levando mais do que o necessário para dois adultos, ao menos não contamos caloria, seria estressante demais. Uma vez eu saí com um cara que ficou tentando saber toda a tabela de valor nutricional e calórica do jantar, fiz uma promessa a mim mesma de nunca mais sair com alguém da minha academia, estou mantendo a promessa.

— Uma péssima ideia cruzou meus pensamentos agora ao olhar para aquela prateleira. — Aponto para os pães a minha frente. — Quer saber sobre ela?

— Claro, sou adepto a péssimas ideias com garotas bonitas.

— Meu Deus, Romeu. — Toco seu ombro. — Não precisa se esforçar.

— Tudo por você, Florzinha. — Ele retira a minha mão do seu ombro e a segura. — Diga como, possivelmente, pães poderiam refletir em uma péssima ideia.

Sei que meu rosto está vermelho, que há pessoas por todo o supermercado, que o barulho de pessoas conversando em volta abafa minha voz, mas ainda assim, sabendo que ninguém está

PERIGOSAS ACHERON

diretamente se importando com minhas palavras, sinto que estou me oferecendo demais, talvez.

— Pensei: Por que Romeu não dorme comigo hoje?

Ele está mesmo encarando a prateleira com pães, sua atenção fixa começa a me deixar totalmente sem graça com a insinuação. Um leve aperto comprime meus dedos, ele olha para mim, com um sorriso.

— Como pão lhe trouxe essa ideia? — Dou de ombros. — Certo, acho que precisamos ter outra conversa.

Será que vamos ter todas as conversas em um único dia? Parece como quando vamos comprar algo super caro e precisamos *mesmo* ler os termos de garantia para caso venha quebrar. Romeu quer ler todo o termo de garantia sem nem um cafezinho para acompanhar.

— Por que parece que estamos o tempo todo consultando o manual?

— Porque estamos — reflete. — Bem, Ella, não acho que estamos habilitados para o próximo

passo.

Quero gargalhar ali mesmo, na padaria do supermercado, mas não faço, há famílias ao redor, eles não precisam participar das nossas conversas bizarras. Um tutorial de como não ter um relacionamento fracassado mesmo antes de começar.

— Habilitados? — Assente. — Às vezes você tem um modo muito peculiar para se expressar, mas por que não?

A curiosidade é enorme, porque é um roteiro. Não sou eu quem está escrevendo, ou escrevi, ele está escrevendo e editando, porque sou uma péssima escritora, pode ser o que está acontecendo nesse momento.

— Refazendo a frase. — Ele dá um passo à frente. — Podemossim dormir em sua casa hoje.

— O que o fez mudar de ideia? — Espanto-me com sua mudança repentina.

— Lembrei que o cara mora no terceiro andar.

— Isso é muito idiota de se dizer — reclamo.
— O que o fez mudar de ideia?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma lembrança. — Minha mão desliza por seu braço, criando atrito em sua pele.

— O que iremos fazer a noite toda? — Agora ele parece não acreditar em minhas palavras.

— A noite toda?

Sei, sou bastante ambiciosa, mas normalmente quando duas pessoas ficam juntas durante a noite, boa parte dela é passada acordada, em termos gerais, quero dizer.

— Romeu, vamos escolher o café da manhã, você avisará aos seus pais que irá para uma festa do pijama, que prometo entregá-lo amanhã inteiro ao seu clã.

— Suas promessas são boas, mas lembrei que não somos de prometer nada — rebate. — Então, talvez no final da madrugada, eu esteja errado.

— Ah, Meu Romeu. — Solto sua mão. — Espero que sim.

Pisco para ele, que apenas nega com a cabeça.

Vamos continuar a jogar, os golpes que vêm com a partida sempre são os melhores. Ah, eles fazem meu peito chacoalhar, e muito, por sinal.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

10

No momento que propus que Romeu fosse dormir comigo, não considerei muitas coisas, inclusive que teria que vir até sua casa no meio do caminho, mas o alívio veio quando ele avisou que não haveria ninguém em casa, seus pais tinham saído para a casa dos tios e Nathalia teria ido visitar a Grazielle. Bem, confesso que foi um alívio imediato quando notei, mas ainda assim, não arrisquei descer. Ele está certo, não estou pronta para encarar pessoas que queiram saber sobre minha vida.

A Grazi foi fácil, ela queria os filhos cuidados e dormindo, nós entregamos. Mas tenho certeza que o resto da família não será assim, tudo será diferente, e eles irão querer saber sobre meu passado, presente e provavelmente futuro com seu queridinho, não estou pronta para pular de cabeça nos questionamentos alheios e preencher expectativas que sempre irão existir.

Seguimos para casa. Como previ, os sorvetes estavam bem derretidos, o que tornou os sorvetes compostos por três, somente um, ainda assim, muito saborosos, diga-se de passagem.

— Sabe do que lembrei? — Romeu começa a falar diante da minha concentração em não derrubar sorvete pelo balcão da cozinha.

— Não faço ideia. — Olho para minha mão toda suja de uma mistura de chocolate.

— As fotos da ilha. — Nos olhamos ao mesmo tempo, mas tenho certeza que nossas expressões não batem, ele está sorrindo como se fosse uma ideia genial, eu estou assustada. — Você não me mostrou o ensaio final.

Como posso dizer a Romeu que não quero que ele veja as fotos? São minhas fotos, apesar de ser ele, mas são minhas, tenho ciúmes de mostrar, nem mesmo vou levar para o curso.

Seu foco volta para as tigelas, despejo a cobertura de caramelo em ambas.

— As de Max e Cecilia estão quase prontas. — Limpo a garganta. — Essa semana irão para

impressão.

— É? — Termina o que estava fazendo, me encara. — E as minhas? O que você fez?

— Hã... ainda não mexi. — Sua expressão é de dúvida sobre minha mentira. — Sabe, não quis... Não gosto de mexer em dois trabalhos ao mesmo tempo.

Desvio. Romeu não pode querer invadir meu trabalho, aquelas fotos são minhas, pertencem aos meus sonhos, elas aquecem meu coração, consigo lembrar-me de todos os segundos que passei me inclinando com minha câmera capturando aquele momento.

Estou condenada ao inferno de sentimentos vivos. Como caí nessa armadilha?

— Até quando precisa entregar as fotos para o curso? — Um assunto que não queria tocar. — Lembra que foi para isso que fez as fotos?

Às vezes, esqueço como tudo começou, mas aposto que Romeu não fará disso um assunto encerrado, ele relembrará nossa vida e aquelas fotos, nem quero saber sua resposta à confissão que

PERIGOSAS NACIONAIS

não irei usar.

— Sim, ainda tem alguns meses — confirmo, é verdade.

— Já sabe quais irá usar? Quero vê-las. — Parece animado. — Aprovar, claro...

— Não irei usar nenhuma foto sua — interrompo.

— Como não?

— Acho que aquelas fotos nunca deveriam ser vistas por ninguém além de nós dois.

Ele sorri se divertindo, mas estou falando sério.

— Sério, Ella? — Está indignado agora. — Fez todo o malabarismo para eu tirar aquelas fotos. Me fez levantar a camisa na frente de uma estranha, correr uma trilha, dormir bem. Você simplesmente me usou como um bonequinho por oito dias para simplesmente não usar as fotos?

Seu tom de voz eleva-se, quero sorrir, mas não faço, continuo o fitando, respeitando seu momento de indignação sobre minha decisão.

— Bem, sempre acreditei que no final jamais o veria novamente.

PERIGOSAS ACHERON

Ele meneia a cabeça, não posso mentir.

— Certo. — Parece não processar bem minhas palavras. — Então tudo muda por que estamos aqui?

— Um pouco. Agora seria estranho demais expor fotos suas para estranhos permitirem que eu vá estudar. Não quero que ninguém fique olhando para fotos suas sem camisa por puro prazer.

Não acredito que acabei de dizer tudo que disse. Qual o problema do meu cérebro?

— Ella, isso não é verdade. — Esconde um sorriso. — E o que fará então?

— Não sei ainda, mas vou descobrir.

— Então, vai apagar minhas fotos?

— E eu fiquei maluca? — A pergunta sai mais exasperada do que planejei. — Claro que não, vou guardá-las para *meu* puro prazer, claro.

— Mesmo eu ficando, é necessário guardar as fotos?

— Você não se parecerá assim para sempre. Fotos são para nos lembrar de tempos bons, corpos magníficos e cabelos brilhantes.

— Pretende marcar algo com a Cecilia? — Sua pergunta não é estranha, mas ainda sinto-me assim. — Max me enviou mensagem sobre o time...

Uma conversa que milhões de pessoas tem no mundo todo, provavelmente nesse exato momento, é um gatilho de desconforto para mim. Com Romeu é mais fácil. Ele é homem, tem outros interesses, mas Cecilia, bem, com Cecilia não tenho como jogar meu charme feminino. Tenho medo de gostar dela e do nada, apenas decidir que não sirvo para ser sua amiga, isso vai doer muito.

— Claro, assim que estiver tudo pronto, não quero incomodá-la sem nada concreto.

Desvio. Eu me diverti muito na ilha, mas lá parecia outro planeta, aqui não.

— Não é incômodo, Ella. Cecilia ficará feliz em receber uma mensagem, claro. Uma ligação será demais, como ela não é o Jake Gyllenhaal, as expectativas precisam serem baixas.

Empurro seu ombro, querendo mesmo é machucá-lo. Parece ter ficado mais ofendido pelo Jake do que por meu vizinho, o que soa como um absurdo. O homem mora no andar abaixo do meu, PERIGOSAS ACHERON

Jake está protegido por quase três continentes.

— Essa semana eu vi uma série que ela comentou na ilha — confesso. — Vi o episódio piloto, até quis *enviar uma mensagem*, mas não sabia o que dizer.

— Não sou um grande pensador contemporâneo, mas poderia começar assim: *Ei, Cecilia, aqui é a Ella. Vi aquela série que me recomendou, gostei muito.*

Imita o que poderia ser minha voz, espero que nunca mais faça isso, espero também que eu não seja daquela forma tão fútil ao falar.

— Que conversa superficial — desdenho. — Péssima imitação.

— É uma mensagem de texto, Ella, todos temos baixas expectativas para mensagens que as pessoas abreviam a maioria do texto. Ou você pode fazer uma dissertação explicando todos os pontos positivos e negativos nos primeiros quarenta minutos da trama.

— A série só tem vinte minutos. — Ele pega os dois recipientes com sorvete, comede um sorriso e

deixa a cozinha.

Guardo tudo em seus devidos lugares, vou para a sala, ele está remexendo no celular, talvez lendo algo muito engraçado para estar sorrindo daquela forma. Ignoro o declínio dos meus pensamentos, derretendo por Romeu, sento-me ao seu lado.

— Quando recomendamos algo a alguém, ficamos... Vamos dizer “felizes”, por ter seguido nosso conselho. Não importa se é um filme, uma série, um restaurante, significa que você se importou com a opinião da outra pessoa, então a resposta, nesses casos, é importante para uma interação. Qual foi a série?

— *One day at time* — respondo, quase em dúvida se era esse mesmo o nome.

— A série da família cubana que mora nos Estados Unidos?

— Sim! Essa mesma. — Quase comemoro. — Você conhece?

— Sim, é uma série bem importante por vários fatores. — Ele suspende as palavras. — Podemos ver, assim você terá um assunto totalmente

substancial para debater com Cecilia, como imigração, sexualidade e não ficará à mercê de papos que dão para responder com palavras resumidas em siglas.

Semicerro os olhos, porque Romeu sempre argumenta de modo engraçado.

— Quem fala à mercê? — Ele entrega a tigela cheia de sorvete.

— Quem não fala? — Lança uma piscadela, aponta para a TV. — O que diria?

— Certo, então a série fala sobre assuntos importantes — retomo. — Talvez, realmente dê para fazer algo. Enquanto assisto, farei notas mentais do que poderia conversar.

Óbvio que criar um roteiro será minha primeira opção, é assustador demais encarar outra pessoa sem ter ideia do que conversar antes. Não quero que meu assunto com Cecilia seja sobre Romeu.

— Sim, inclusive é uma série de assuntos atuais, que na maioria das vezes são negligenciados, além das críticas feitas de forma bem-humorada. É seu tipo de série, por esse motivo

Cecilia a recomendou.

— Pelo humor ou pela crítica?

— Vamos dizer que pelos dois. — Semicerrou os olhos, esperando que conclua o pensamento. — Você faz piada o tempo todo, Ella. E critica tudo, não é de se espantar que Cecilia tenha indicado uma série que é o combo das suas maiores qualidades.

— Você acha que minhas maiores qualidades são minhas habilidades de criticar e fazer piada?

— Não tão resumidamente. — Estou esperando que ele explique como me tornei uma palhaça crítica. — Apenas coloque a série, pare de fazer perguntas que não têm resposta certa.

Nego com a cabeça, afundando a colher no sorvete e pegando a maior quantidade de granulado e cobertura possível. A melhor parte de ser adulto é poder comer qualquer porcaria em excesso, a pior parte de ser adulto é que a porcaria desce para seus quadris e se aloja em seu coração como se fosse seu amor verdadeiro.

Continuo o ignorando, sentindo minha boca

congelar e a sensação espalhar-se por todo meu crânio, mas não paro, mantenho o ritmo mantendo minha boca cheia. Ele está olhando para mim, como se não esperasse que fosse causar minha própria hipotermia.

Sinto meus lábios ficarem mais rígidos e o prendo entre os dentes para a circulação voltar com facilidade, mas não é eficiente. Deveria ter considerado mais esse ato de rebeldia.

— Uma revolta que só prejudicou a você mesma — atesta, se inclina com a mão estendida.
— Tem granulado em seu rosto.

Coloca a tigela no móvel que fica ao lado do sofá, juntamente com meus livros sobre fotografia. Em seguida pega a minha tigela, quero protestar, mas minhas articulações estão travadas ainda com o choque hipotérmico.

Sua mão pousa sobre minha perna, olho para o gesto, tentada a fazer um comentário, mas contenho-me totalmente. Nossos olhos se encontram ali, bem no meio do ato, seu movimento em minha direção indica o que irá fazer em seguida. Afundo minha mão em seus cabelos,
PERIGOSAS ACHERON

lentamente, ele fecha os olhos por breves segundos, expondo um sorriso.

— Vamos esquentar sua boca. — Agora sou eu quem sorri.

Ele sela nossos lábios delicadamente, tomo o ar, como se fosse meu último suspiro. De modo vingativo, prendo seu lábio inferior entre meus dentes, afasto-me um pouco ao soltar, contra minha vontade, porém, não deixo o momento passar para expressar-me.

— Ah, agora *você* decidiu que quer me beijar?

O ressentimento está na minha voz e nas palavras, com as duas mãos apoiadas sobre minhas pernas, seus olhos analisam os meus de perto.

— Não foi o que eu disse mais cedo — justifica, em um sussurro. — Você sempre entende o que quer.

— Não é sobre entender o que quero. — Não evito movimentar minha mão em seu cabelo, ele parece estar amando o momento. — Só que...

— Eu só queria saber onde estávamos...

— Na orla...

— Na vida um do outro, Ella. — Ele sorri, como se eu realmente entendesse tudo errado. — Não quero que sejamos como aquelas pessoas que não conversam sobre si mesmos. Você sabe desde sempre quem eu sou, como encaro as coisas, não estou pedindo para namorar comigo, sei que não está pronta, mas também não gosto da ideia de ser algo tão aleatório que não possamos conversar.

Obrigada por jogar em minha cara que não irá me pedir em namoro. Desde quando eu me importo com isso? Será que alguém pode desativar minha insanidade, acho que está afetando num modo que não tem volta.

— Acreditei que tinha a ver com meu beijo — brinco. — Achei que não gostasse de me beijar, e por isso, sua forma gentil de me dispensar no meio da rua.

— Claro, esse foi o real motivo para eu ter forçado uma conversa como uma garota de quinze anos encarando o cara que ela tem uma queda desde os treze.

Arrumo a postura, ele senta de frente para mim, coloco minha perna sobre a sua.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está apenas tentando não me assustar? — Assente. — Porém, aquela foi a forma mais gentil e discreta de ter uma conversa? — Volta a confirmar. — Eu sou tão difícil assim?

— Não, você não é difícil — assume. — Só não sabe bem como fazer tudo. — Desliza para mais perto de mim. — Claro que adoro beijar você, só quero pensar que sou o único que anda fantasiando com isso o tempo todo.

Na quantidade que meu corpo esquenta, com certeza atingirei uma febre de quarenta graus. Meu Deus, ele pode apenas parar? Não quero danificar meu sistema imunológico.

— É uma boa fantasia? — Arruma os fios soltos do meu cabelo, como sempre.

— Dizem que fantasias são boas. — Sua voz abaixa mais um tom. — No entanto, um tempo atrás, afirmaram ao ar livre, que por mais que seja uma pessoa gráfica, que consiga fazer desenhos perfeitos...

— A pessoa disse isso? Desenhos perfeitos? — Ele assente rapidamente. — Que pessoa agradável.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ironizo, pensando em como nenhuma palavra dita para ele se perde no tempo-espço da vida. Ele ouviu cada palavra dita, espero que não tenha lido nenhum pensamento, porque se leu, estou mesmo ferrada.

— Nunca irá superar a realidade. Devo mandar uma carta para ela, preciso agradecer por me fazer acreditar nesse fato.

— Ela vai amar essa carta.

— Eu queria beijá-la de manhã, na mesma intensidade que quero beijá-la agora, logo depois de ter feito. O único e exclusivo motivo que me fez ter aquela conversa estranha, é que às vezes sou bem egoísta, não quero dividir seus beijos.

— Prometo que não vai dividir — digo em suspiro. — Não vai mesmo.

Nossos lábios sorriem unidos, depois tornam-se um beijo que não somente aquece minha boca, incendeia meu corpo inteiro.

PERIGOSAS ACHERON

11

Em algum ponto da série eu adormeci. Não sei quanto tempo durou o momento, mas em minha TV tem uma pergunta se quero continuar a assistir. Romeu está logo atrás de mim, por sua respiração sei que também está dormindo. Levando em conta que hoje é sábado e acordamos muito cedo, era previsível que nós dois caíssemos no sono em algum ponto. Não idealizei que fosse juntos, assim, com nossos corpos querendo desafiar as leis da física. Nunca gostei de compartilhar meu espaço com alguém, mas caramba, Romeu não para de me fazer querer coisas, e eu as quero demais.

Ele está deitado logo atrás de mim, nossas cabeças estão ajustadas em cima de uma almofada, totalmente confortáveis. Seu braço está apoiado sobre minha cintura, sua mão aquecida está parada em minha barriga. Não me movimento, apenas relaxo o corpo como estava antes, recostando totalmente contra o dele, com nossos quadris

encaixados.

Sinto seu corpo se mover quase de forma imperceptível, em seguida, deposita um beijo em meu pescoço. Sorrio, suspiro e me remexo novamente em seu corpo. Sua mão toca minha barriga, deslizando até a lateral, em seguida, aperta.

— O que você está fazendo? — resmunga, sorrio alto o suficiente para ele me ouvir, porque sinceramente, não estou fazendo nada. — Repensando, tudo isso é uma péssima ideia.

— O que seria uma péssima ideia? — Faço-me de desentendida.

— Nós dois. Aqui. — Ele deposita outro beijo. — Tão confortável.

Viro-me de frente para ele, suas mãos ajustam nossos corpos juntos. Toco seus cabelos, os tirando do rosto, e sei que preciso confessar nesse momento.

— Estou indo à terapia. — As palavras criam um nó imediato em minha garganta, porque sei que ali é o reconhecimento para outra pessoa, que precisei de ajuda. Sua expressão demonstra

surpresa, está sem palavras. — Não queria dizer, porque era algo somente meu, mas aqui, senti a necessidade de contar para você, aparentemente é o que mais sinto vontade. Não quero jogar tudo sobre você...

— Não está jogando — interrompe. — Estou feliz por você. Por que não me disse antes?

— Não é fácil, também só fui uma vez — confesso. — Quero mostrar para você que não está tentando sozinho, também comecei a tentar.

Nossas conversas são preenchidas de diálogos estranhos, que a maioria das pessoas não concebem, tenho certeza quanto a isso. Aposto que ninguém fica torcendo para a garota ir para a terapia ou explica algumas vontades, não sei, o tempo para mim e Romeu funciona tão diferente. Parecem duas velocidades gladiando. Entre o ficarei aqui por muito tempo e o estamos aqui há tempo suficiente, parece haver uma vida entre nós dois. Uma que ainda vamos viver.

— Isso é importante para você, tenho certeza. — Afasto-me um pouco. — Não precisa ter medo, só precisa contar para mim, o que quiser que eu

PERIGOSAS ACHERON

saiba, está bem? Acredito que seja algo pessoal, que não precisa se sentir obrigada a compartilhar.

Esse é o sentimento estranho. Quero contar tudo para Romeu. É apenas uma vontade que nasceu lá na ilha, não consigo controlar de forma alguma.

— Quando cheguei lá, foi quando notei o quanto estava sufocada e desesperada num modo geral. As coisas foram pilhando minha cabeça, engraçado ou não, estou ansiosa para voltar essa semana. É estranho, apenas isso. Não quero trazer minhas extremas inseguranças para nós dois, como você mesmo disse.

— Não precisa segurar nada dentro de você, Ella. — Sua voz continua baixa. — É o que venho tentando dizer. Quando quiser conversar, apenas faça. Não existe pergunta idiota, quero ser um amigo para você. Da mesma forma que planejo que você seja a babá dos meus sobrinhos de tempos em tempos.

Que cara idiota, mas me faz sorrir. Nunca disse a Romeu sobre minha aversão à criança, claro que volto ao meu autodiagnóstico de sociopata, porém,

PERIGOSAS ACHERON

não me incomoda, tenho que perguntar o motivo a minha terapeuta, porque isso é assustador, mas parece que Romeu consegue despertar sentimentos absurdos em mim, como gostar de pessoas e humanos pequenos.

— Que coisa horrível de se dizer! — Ele me puxa de volta para seu corpo. — Sorte sua que gostei deles, humanos pequenos são interessantes até. Podemos fotografá-los.

— Que ideia fantástica! — diz, com sarcasmo. — Tudo que preciso mesmo é tentar fazê-los ficar parados para uma fotografia. Quando pretende marcar o encontro duplo com seu pai?

Como matar o momento.

— Não é um encontro duplo — rebato.

— E eu pensando que nosso primeiro suposto encontro duplo fosse com alguém da nossa idade. — Reviro os olhos para a provocação. — Apenas me lembre de não usar nenhuma camisa de filme, banda ou coisas que pais acreditam que os jovens de hoje fazem.

— Mas você é o jovem de hoje. — Nega com a

cabeça. — Sei que está brincando. Não precisa ficar paranoico, meu pai só é estranho comigo, acho que o dever de ser pai sempre é maior do que qualquer outro sentimento que venha permear nossa relação.

— Ella, seu pai acredita que é homossexual porque nunca a viu com um homem, ele é um julgador por natureza, em outro caso, ele poderia ter rebatido a insinuação da namorada. — Semicerrou os olhos. — Se alguém perguntar para meus pais se Nathalia é lésbica, provavelmente meu pai não vai perguntar para ela, ele vai dar de ombros e perguntar o que a pessoa tem a ver com aquilo.

— Tão brutal assim?

— Ele usou isso como forma de ofendê-la, não sei, deveria ter pensado melhor. Se você nunca contou, é porque não acha importante. Ninguém precisa afirmar sexualidade para ninguém, com quem você se relaciona é problema seu. E meu pai é meio bruto mesmo quando se trata dos filhos, não gosta de pensar que o mundo está nos julgando por nossas escolhas. Xingamentos são permitidos na

nossa casa, menos se as crianças estiverem lá.

— Será que seus pais gostariam de me adotar?
— Ele ergue as sobrancelhas. — Oh, Romeu, seus pais parecem ser tão legais.

— Certo, mas incesto é algo estranho, além de crime, meus pais não permitiriam. — Droga. — Bem, vamos declinar seu pedido desesperado de integrar minha família. Você tem pai e mãe, não precisa dos meus.

— Egoísta — rebato. — Mas só porque eu adoro beijar você, vou ter que me contentar com meu pai.

— Obrigado, Ella. — Finge estar grato. — Vou acreditar muito em suas palavras — desdenha. — Vamos ver mais alguns episódios?

— Claro. — Voltamos a nos encaixar, seu abraço em volta do meu corpo fica mais apertado.

**

Uma temporada completa depois, encerramos a noite. Não sei qual a parte mais estranha do dia. Ter
PERIGOSAS ACHERON

tido aquela conversa com meu pai, convidar Romeu para ir comigo à casa dele, convencer Romeu a ficar aqui, ainda por cima, dormir aqui. Ou... A quem estou enganando? Claro que a parte mais estranha é saber que Romeu está tomando banho em meu banheiro, totalmente sem roupa, lavando os cabelos pacientemente, porque com certeza ele não lava aqueles cabelos com a urgência de uma bomba relógio fazendo um barulho angustiante. Deve deslizar os dedos pelos fios molhados, e a água vai escorrendo por seu corpo, certo, a água, claro, a água o deixa molhado... Não acredito que meu box viu Romeu sem roupa antes de mim!

Fico esperando o segundo que irei olhá-lo e pensar: *Vá embora, você está invadindo meu espaço*. Lembro um ou outro momento no qual estive na casa de um cara, tudo que pensava era como partir sem soar estranha. Também espero que ele invente uma desculpa inesperada para ir embora, mas não, ele é tão confortável com tudo, que me deixa confortável. Odeio saber que somos duas pessoas confortáveis juntas. Unidas.

Quem está perdendo a cabeça sou eu, estou

perdendo o que não tenho, o famigerado “juízo”.

As injustiças do mundo, no que eu estava pensando quando simplesmente...

— Ella? — Arrumo o notebook sobre minhas pernas, meus olhos vão até a entrada do quarto. — Dormindo de olhos abertos?

Não, estava pensando em você tomando banho...

Suspiro. Meu Deus! Eu sou um desastre. Mas a culpa é dele! Somente dele. Sem roupa em meu banheiro. No entanto, como tomar banho, não é? Mente brilhante, cheia de pensamentos impuros.

— Não, costumo editar alguma coisa antes de dormir. — Aponto para a tela do notebook. Ele passa a toalha nos cabelos, repreendo de olhar para seu corpo parcialmente vestido em uma bermuda totalmente confortável. — Me ajuda a dormir melhor.

Ele avisa que colocará a toalha na área de serviço, agradeço mentalmente pela consideração de não ter que fazer algo tão ridículo como ensinar um adulto que panos molhados precisam ir para

lugares que têm entrada de ar.

Sei que estou sentada no meio da cama, que preciso escolher um lado, porque ele vai dormir aqui. Ah, meu Deus. Meu coração acelera. Sei que dormi com Romeu antes, mas naquela noite, era de outra forma, sabia que estávamos vestidos, que não tinha nenhuma chance de tirar nossas roupas, mas o cheiro do seu sabonete está pela casa, ele foi categórico quando pegou as coisas em casa, Romeu tem manias como eu tenho manias, isso me tranquiliza, porque era uma das coisas que tinha medo, que outras pessoas fossem completamente *normais*. Ele é apegado ao próprio sabonete e ao xampu, aliás, foi uma história engraçada ao ser ouvida. Sempre me pego totalmente imersa em suas memórias da adolescência e infância quando decide contar algo mesmo que pequeno, como a cicatriz que tem no supercílio direito. Não é fácil de ver, mas estávamos tão próximos, que quando toquei, ele disse que estava brincando com Nath, ele tinha oito anos e ela tinha dez, bateu no balcão e a pancada foi tão grande que abriu, não precisou de pontos, mas consegue lembrar da dor até hoje.

São esses detalhes que sinto que me revira, porque são coisas que você precisa ter um grau de intimidade com a pessoa. Não veria sua cicatriz mínima se não estivesse tão próxima ao seu rosto, da sua boca, do seu corpo. Então é assim que pessoas criam vínculos, rotinas e acabam se tornando amigos.

Ele volta ao quarto, agora posso ver que todas as luzes estão apagadas, não há reflexo luminoso pela casa. Espero que decida para qual lugar quer deitar, sem pensar muito, senta ao meu lado esquerdo, com sua atenção no notebook.

— Você é daquele tipo de artista que não gosta que ninguém veja antes de estar pronto? — Sua pergunta é engraçada. Artista? Quase sorrio, quero lembrar que sou advogada. Passa o braço em volta da minha cintura, está praticamente deitado, sua cabeça recostada um pouco abaixo do meu ombro. E sim, se eu fosse Romeu, jamais trocaria o cheiro do sabonete.

— Artista? — O olho de soslaio, mas ele está encarado as pastas de fotografias na tela. — Pegou pesado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não peguei, não — defende-se, aponta para a pasta com o nome dele. — Abra, vamos ver o que você aprontou.

— Não mexi — minto.

— Não confio em você. — E não deveria mesmo. — Está bem, vou respeitar sua privacidade com *minhas fotos*.

— Fez eu me sentir aqueles pervertidos. — Dou dois cliques no ícone amarelo, o que revela as miniaturas. — Satisfeito?

Ele arruma a postura, tira o notebook das minhas pernas, abre a primeira foto da fileira. Claro que editei as fotos, claro que queria passar o dia todo olhando para essas fotos, imprimi-las e colocar à disposição dos meus olhos, mas não fiz, porque seria sim uma pervertida. Prefiro deixá-las guardadas aonde somente eu tenho acesso.

Tão assustador.

— Caramba, Ella. — É para ser um elogio? — Como não irá usar essas fotos? As de Cecilia e Max ficaram melhores? Porque se ficaram, vou me sentir ofendido.

PERIGOSAS ACHERON

Meu rosto esquenta, porque tenho vergonha, mesmo sabendo tudo que fiz para Romeu tirar a camisa, para ele ir comigo, ainda assim, me sinto desconcertada diante de seu elogio.

— Acredito que o estraguei com cada elogio que fiz.

— Não estou falando de mim, Antonella. — Ele começa a passar as fotos, olhando cuidadosamente. — O resultado final ficou fantástico. Nunca é sobre quem está na foto, é sempre sobre quem a tirou. Você é melhor do que considerarei.

— Como vou viver com um elogio tão imenso como esse? — Ele olha para mim. — Não foi nada. A luz estava boa, a lente limpa e seu cabelo de bom humor. Ou seja, tudo estava ao meu favor.

— Use as fotos. — Ergo minhas sobrancelhas quando suas palavras me atingem. — Precisa usar. Use uma que não dê para ver meu rosto, ninguém nunca saberá que sou eu.

— Por que isso?

— Porque estou pedindo. — Tira o notebook

das pernas, abaixa a tampa sem nem mesmo desligar. — Seria injusto não usar. Vendo o resultado, tenho certeza que seria injusto mesmo.

Em breve ele pode pedir qualquer coisa no universo, estou dando. Preciso de trava, isso é fato.

— Está bem. — Assinto para a ênfase. — Usarei. Não pode se arrepender depois.

— Não acho que vou. — Nos encaramos por um bom tempo, até que ele busca minha mão. — Vamos dormir.

— Que convite cheio de segundas intenções — brinco.

— Você não faz ideia, Florzinha. — Me obriga a deslizar pela cama, me une ao seu corpo. — Acredite em mim, tem mais do que apenas duas intenções. Porém, vamos colecionar vontades e depois podemos ver o que faremos.

Que proposta ridícula. Esses deuses que programam a vida de Romeu são especialistas em me torturar. Sou apenas uma pobre garota, deuses! Me deem um desconto aí.

— Ainda com medo? — Meu tom é de

PERIGOSAS NACIONAIS

brincadeira, mas meu coração se retorce. Porque se a resposta for sim, eu vou ficar um pouco devastada.

— Muito medo — rebate. — Seremos sobreviventes do caos da sua mente, mas hoje, vamos dormir. Está bem? Sem medo ou chuva lá fora.

— Apenas nós dois?

— Você e eu, garota.

Seus braços apertam meu corpo, fico tentada a virar para ele e beijá-lo, mas não faço. No fundo, sei que tudo isso é o certo. Odeio ter que reconhecer que estamos fazendo o melhor para nós dois.

PERIGOSAS ACHERON

12

Quando volto da hora do almoço, a mesa da secretária está lotada de catálogos de produtos de beleza. Sei que estou voltando antes da hora porque no final do dia tenho minha sessão com Gabriela, então preciso terminar todo meu trabalho antes do final da tarde para meu pai não alegar que estou deixando trabalhos inacabados. Não o quero em minha porta novamente, invadindo meu espaço com trabalhos para fazer.

Os olhos de Vitória parecem aterrorizados quando notam que estou indo em direção à minha sala, ela olha para a própria comida ao meio da bagunça, seu rosto está pálido. Sorrio para tranquilizá-la, mas ela começa a recolher as pequenas revistas imediatamente.

— Não sabia que a doutora estava voltando antes do horário. — Dou uma última verificada em meu relógio, faço um gesto de dispensa com a mão. — Vou arrumar essa bagunça aqui.

— Calma, Vitória — brinco ao parar em frente à sua mesa. — Você vende esses produtos?

São maquiagens, perfumes, hidratantes e vários outros itens de beleza.

— Ah, sim. — Engole em seco. — Eu juro que não queria trazer trabalho para cá, só preciso organizar meu inventário... quer dizer, não inventário, meu estoque. A semana começou uma loucura e já tenho três trabalhos na faculdade, se eu não fizer isso agora, não terei tempo. — Sua respiração é acelerada. — Ah, meu Deus, desculpa por ter contado toda a minha vida, não foi porque quis...

Estou sorrindo, não em sinal de deboche, mas em empatia. Faço um gesto com a mão, para que ela possa devolver ar aos pulmões. Um sorriso confuso e constrangido está estampado em seu rosto rosado pelo susto.

— Não tem problema algum. — A tranquilizo, pegando um catálogo na mão. — Por que nunca me contou que vendia esses tipos de produtos?

Puxo a cadeira, esquecendo-me totalmente da pilha de trabalho que tenho que fazer. Eu amo
PERIGOSAS ACHERON

batons. Folheio procurando exatamente meu vício. Gosto de manter minha coleção bem abastecida, é um prazer bem estranho, sempre tenho vários na bolsa, tento usar todos. O que quase nunca dá certo, perco o prazo de validade.

— Ah, a senhora sabe...

— Vitória, pelo amor dos deuses, pare de me chamar de doutora ou senhora — intervenho. — Não sou tão velha assim, e não, não sei. Eu amo batom. Como funciona? Você tem algum para vender aqui?

Vou ao objetivo de eu estar atrasando tudo. Preciso comprar batons.

— Ah, então — diz sem jeito. — Tenho. Não gosto de misturar trabalho.

— Compreendo, faz bem não misturar, mas aqui é horário de almoço, podemos qualquer coisa — brinco, continuo folheando tudo. — Ah, essas cores estão perfeitas. E preciso testar novos xampus... Aqui também tem?

Eu tento acompanhar o que aquelas blogueiras testam, mas nem sempre é tão interessante quanto

soa, preciso de algo que descubra sozinha. Vou ser minha própria testadora.

— Tem! — diz mais animada. — Ah, tem uma linha perfeita. Seu cabelo provavelmente ficará muito bonito.

— O meu... meu... — paro, sinto meus ombros caírem — a-amigo.

Soou estranho por dois motivos:

A) Não tenho amigos.

B) Não sei se Romeu quer ser mesmo meu amigo e ser chamado assim.

— Amigo? — Vitória pergunta, estranhando minha pausa.

— É, meu amigo. — Sei que soei desanimada. — Enfim, ele tem os cabelos tão perfeitos, que fico muito irritada.

Quando acordamos no domingo, o cabelo de Romeu parecia ter passado três horas no salão ficando bonito só para ele. Odeio o cabelo de Romeu. Pronto. E não é inveja. Não é. Não importa o que você diga, não é inveja. Por que teria inveja do cabelo de Romeu? As pessoas que deveriam ter

PERIGOSAS NACIONAIS

inveja que eu posso tocar nos cabelos dele e elas não.

Caramba! Eu posso tocar os cabelos de Romeu. Eu posso tocá-lo por inteiro, quer dizer, não inteiro, não ainda, bem que queria, mas quem sabe brevemente eu poderei? Aí sim, todo mundo pensará: Uau.

Ou não. Talvez Romeu seja apenas minha fantasia. Ou eu quero que ele seja apenas minha fantasia? Não quero ninguém fantasiando com ele. Merda, não posso controlar o mundo.

— É? O que ele usa?

— Quando ele me contou que era apenas xampu masculino, não acreditei — confesso, baixo. — Até que ele foi passar o final de semana comigo, e literalmente usa somente um xampu e mais nada. Ele dormiu com o cabelo molhado, no outro dia parecia ter ido ao salão.

Seus olhos parecem ansiosos com minha confissão, quero sorrir. É o mais próximo que tive de alguém para compartilhar esse momento tão excitante da minha vida.

PERIGOSAS ACHERON

— Ah, passou o final de semana... — Seu tom é divertido. — Amigo. Entendi.

— Por favor, Vitória — repreendo. — Sou sua cliente.

— E chefe. — Olho para o relógio. — Vou mostrar quais produtos tenho aqui, caso queira algo que não tenho, podemos pedir.

Concordo com a cabeça, permitindo-me atrasar para o trabalho mesmo quando estou adiantada, mas vai ser bom um tempo para tirar um pouco a ansiedade que estou sentindo por causa da sessão no final do dia.

**

Quando cruzei a porta desta vez, estava um pouco mais confiante, a conversa com Vitória foi leve, nós ficamos falando sobre maquiagem, produtos para cabelo e outras coisas. Romeu está certo, nem tudo precisa ter significado profundo. Posso permitir-me ser leve, tranquila ao meu modo. Quando consegui voltar ao trabalho, considere

enviar uma mensagem para Romeu, para informá-lo que havia tido uma conversa casual com a funcionária do meu pai, mas achei bobo demais, e o que diria em seguida? Que estava cheirando a dez produtos de beleza diferentes?

Às vezes parece que vivo procurando motivos para falar com ele, o que é um sentimento tão novo que não sei como manejar. É incrível a capacidade do meu cérebro em ficar ansioso em vê-lo ou me comunicar com ele.

Gabriela outra vez me recepcionou com um sorriso calmo nos lábios, o que fez meu nível de ansiedade diminuir. Passei a semana reunindo o que talvez pudéssemos conversar aqui, e sempre o primeiro nome que aparecia era o da minha mãe. Todos os acontecimentos desde a ilha, fizeram um sentimento denso em relação a ela crescer dentro de mim, não estou conseguindo controlar, o que se torna um problema.

Seus olhos continuam fixos aos meus, enquanto respiro com dificuldade. Não queria chorar, mas sei que não sou tão forte assim, as lágrimas vão cair em alguns segundos. Apenas repito na mente que

não tenho que me envergonhar de sentir, de chorar, lamentar tudo que me aconteceu, seria pior não sentir, porque seria um problema enorme demais para ser contido.

— Às vezes sinto que seria muito mais fácil se ela existisse. — Pauso, sentindo a lágrima escorrer, meu coração já variou tanto as batidas que sinto as ondas de adrenalina castigarem meu corpo. — Fico criando conversas que nunca terei e esse para mim é o maior problema, a frustração de não poder contar para ela, então acredito que em algum momento do dia ela tem permissão para me ouvir. À noite, antes de dormir, falo algumas coisas em voz alta, e isso faz eu me sentir bem.

Ou maluca. Às vezes me sinto totalmente maluca, como se não houvesse camisa de força para conter os danos causados por minha ilusão.

— Geralmente você conta coisas de sua rotina?
— Gabriela pergunta.

— Sim, como coisas que acontecem em meu dia no geral. — Encolho meus ombros. — Sei que pode soar bobo, mas tenho certeza que seria o tipo de coisa que faríamos. Sempre achei bacana essas
PERIGOSAS ACHERON

relações com pais que os filhos podem contar o que quiser, até mesmo os assuntos mais bobos, porque para eles, não são bobos. E não consigo ter o mesmo com meu pai.

— Entendi. Com ele é mais difícil?

— Um pouco, depois de um tempo nos tornamos mesmo colegas de trabalho... — Minha atenção vai até o relógio. — Ah, nossa hora encerrou.

Digo, abruptamente, fugindo dali. Não quero falar sobre meu pai, porque ainda não consegui levar numa boa nossa última conversa, apesar de que estou bastante confiante para o nosso jantar. Vou tentar ao máximo deixar todas as diferenças de lado e encarar como um evento agradável.

Gabriela entende exatamente o que estou fazendo, apenas assente, tomo aquele gesto como liberdade para deixar seu consultório. Despeço-me da recepcionista, prometo a mim mesma que na próxima semana estarei mais inclinada a tocar no assunto sobre ele. Não posso forçar informações para fora de mim, não é justo. Parecem estilhaços de vidro, que cortam cada vez que ultrapassam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha boca. É assim que sinto quando tenho que falar sobre assuntos que não me sinto confortável. O sangue parece preencher meu interior, meus pensamentos declinam como em uma morte brutal.

Pessoas machucam, o mundo nos mutila todos os dias. Mesmo quando a ajuda está ali, tocar no assunto parece pior, não existe curativo para danos internos. Apenas existe o engolir, processar e seguir com a vida.

E é uma merda.

PERIGOSAS ACHERON

13

Eu nunca precisei dar carona a alguém, inclusive para os caras com quem eu saio. Parece haver algo no ego, na maioria das vezes eles realmente tem o próprio transporte, mas Romeu soa indiferente, acho engraçado o fato que Romeu sempre usa como argumento sua falta de coragem de encarar o trânsito atrás de um volante. No dia que o deixei em sua casa, claro, como havia pedido para ele ficar, minha responsabilidade era entregá-lo ao castelo inteiro, ele confessou como odeia dirigir.

Quando ele não vai com o pai para o trabalho, ele vai com Nath, na maioria das vezes os dois colocam a Nath para dirigir para todos os lugares possíveis, na maioria das vezes, ela não nota. Sempre que fantasio com esse relacionamento que Romeu tem com sua família, sempre nasce um nó na minha garganta. Imagino esse momento como eles gargalhando de algo bobo, ou criticando o

PERIGOSAS NACIONAIS

mundo, algo assim. Eles criando laços. Adultos fogem de casa como o diabo da cruz, nunca vou entender o que os pais de Romeu têm, que não o faz querer mudar de continente. O meu pai desperta essa vontade todos os dias, então os pais de Romeu devem ser tão especiais que nunca vou conseguir imaginar ter dois pais assim.

Tive uma semana exaustiva, tudo que não queria era esse jantar no final da semana mais puxada da minha vida. Não faço ideia de como se parece a nova namorada do meu pai, já quase posso odiar toda a conversa que terei que jogar fora. Sempre foi assim, no primeiro encontro comigo elas tentam soar amigas, melhores pessoas, aos poucos noto que umas são mesmo legais, outras nem tanto, no final, ninguém mantém contato. Provavelmente é o melhor, não quero ter que lidar com o passado do meu pai colidindo com seu presente. Melhor é ignorar que todos os outros vinte e seis anos que vivi realmente existiram.

A porta do passageiro está travada, Romeu pede para eu abrir, mas nego com a cabeça.

— O que eu fiz de errado?

PERIGOSAS ACHERON

Sua voz é abafada pelos vidros fechados, tenho certeza que ele quer retorcer os lábios quando balanço a cabeça.

— Preciso que você dirija. — Passa a mão no cabelo de modo impaciente, reviro meus olhos para sua rebeldia. — Então não vamos. Não sou obrigada a dirigir sempre que você quer ser carregado, Cinderela. Tive uma péssima semana, seja um bom amigo e dirija.

Agora sou eu quem retorçe os lábios, Romeu tem um coração mole. Nunca vi alguém se abalar por qualquer coisa, ele com Bella é a melhor e pior cena do mundo. Tenho pena da mulher que aceitar ter um filho com ele, espero que seja eu, claro, amo ter pena de mim, mas aí terei pena de mim com esse homem, então terei pena dele.

Meus planos são árduos, ele deveria saber.

— Eu sou o melhor amigo do mundo, Antonella. — Ele dá a volta, assim destravo a porta. — Você vai notar brevemente.

— Você é um bom amigo, Romeu. — Apoio minha mão em seu ombro, inclino até seu rosto, beijo-o. — Já notei.

Murmura mais alguma coisa, mas não dou atenção. A casa do meu pai não é distante daqui. Nós vamos conversando sobre a vizinhança, e como quase estudamos na mesma escola. Meu humor melhora um pouco, mas não o suficiente para transbordar em alegria, é mais fácil transbordar em tensão. A mesclagem entre todos os sentimentos está criando um caos desmedido dentro de mim. Uma nova possível madrasta, Romeu conhecendo meu pai, são dois eventos colidindo. Um recorrente, o outro totalmente inédito.

— O que não devo falar para seu pai? — Olho para Romeu, mas sua pergunta é genuína. — Sério, tem coisas que não devemos falar para as pessoas.

Nessa teoria, eu deveria ser proibida pelo Estado de abrir a boca, mas eis que tenho liberdade de continuar me expressando.

— Talvez não conte que já matou alguém — brinco. — Acredito que o resto está “tudo bem”.

Faço aspas com as mãos, mas ele parece ofendido. Dou de ombros, sentindo a semana socar meu corpo. Estamos parados na frente da casa do meu pai, mas não consigo me mover. Nunca estive

PERIGOSAS ACHERON

tão inclinada a não entrar em minha própria casa como estou agora.

— Como não? — ironiza. — Ia pedir dicas de como se livrar dos esqueletos no armário.

— Aposto que você tem muitos. — Ele tira o cinto, vira-se para mim. — Tive uma semana ruim. Aqui é o último lugar que quero estar.

Minha voz sai baixa, beirando a rouquidão provocada pelo nó na garganta. É tão ruim sentir-me como se não pudesse controlar nada, nem mesmo as batidas do meu coração.

— Não entramos ainda. — Aponta para o portão. — Sempre podemos ir embora, Antonella. Seu pai vai entender.

— Não vai — reclamo. — Você não vai entender...

— Talvez se você me explicasse, seria mais fácil. Conte o que tanto seu pai quanto eu não iremos entender...

— Seja você mesmo. — Desço do carro, sem dar chances para ele terminar a frase. — Só não muito. Talvez meu pai não entenda.

As palavras não fazem sentido ao saírem da minha boca. Minhas mãos começam a esfriarem quando paro em frente ao grande portão. A inquietude domina todo meu corpo, espero que esse seja um passo que possa sobreviver no final. Deveria ter pedido dicas a Gabriela sobre como viver a este momento, mas na minha cabeça eu posso fazer tudo sozinha. Na prática não é real, então é nesse caso que preciso de ajuda. Engulo o ar com força, sentindo meu estômago reclamar entre a fome e a ansiedade, mas ignoro colocando uma expressão tranquila. Nem sei quantas máscaras já tive que usar para nunca transparecer para meu pai que havia algo errado. Não consigo nem considerar quantas vezes eu usei a mesma na frente do espelho esperando acreditar na história ruim que ressoava em minha cabeça. No final, ele acreditou tanto quanto eu que tudo estava bem.

O mais estranho é que um desconhecido não acreditou. Algumas pessoas conseguem mesmo ver através de você, mesmo quando você tem certeza que suas paredes são sólidas e impenetráveis.

Romeu para ao meu lado, entrega a chave e não

PERIGOSAS NACIONAIS

sorri. Passo a mão por minha calça jeans, inalo o ar com força para dispensar as ondas nervosas, mas não vai resolver, talvez um calmante de urso sirva.

— Ella, nós podemos voltar — sugere. — Diga que passei mal, podemos inventar uma mentira.

Podemos? Talvez sim. Devemos? Talvez não.

— Não podemos não — rebato. — Apenas tente não fazer perguntas difíceis, está bem?

— Seu pai é amante de física quântica? — ironiza.

— Guarde seu humor para si — repreendo. — Sério, Romeu.

— Então quando disse que poderia ser eu mesmo estava na verdade pedindo para eu ser todo mundo menos eu mesmo? — O olho de soslaio. — Está bem, Antonella. Ansioso para fazer isso para sempre segundo a árvore da vida.

— O para sempre de duas pessoas juntas é somente enquanto ambos estão vivos — reflito. — Tudo pode mudar, Romeu.

Semicerra os olhos, quase irritado.

— Vamos cruzar os dedos, Florzinha.

PERIGOSAS ACHERON

Enfim tomo coragem para entrar, quando noto há um segundo carro na garagem, claro que ela passa bastante tempo aqui. O que esperei? Isso deve estar acontecendo há muito tempo, somente agora ele teve coragem de contar. Não sei se agradeço pela consideração ou desconfio.

Um pouco antes da entrada, Romeu segura minha mão, fazendo-me parar. Esboça um sorriso sem graça, faz questão de olhar em meus olhos.

— Ella, é somente seu pai. — Não respondo.
— Estou aqui, não precisa ter medo. Prometo não me incomodar com nenhuma pergunta que ele venha a fazer ou insinuar. Apenas desligue sua mente, está bem?

Continuo encarando sua imagem preocupada ali, ele enrosca seus dedos aos meus, deposita um beijo em minha mão, meu coração se aquece, uma onda tranquilizadora invade meu sistema, em minha mente ressoa que tudo ficará bem, sorrio em resposta.

— Quando você conhecer meus pais, vai se arrepender do segundo que aceitou — ele brinca.
— Meus pais não têm limites. Eles sim irão
PERIGOSAS ACHERON

perguntar sobre como se livrar de esqueletos. Prometo ser a versão sem humor que você conheceu.

— Eu vou conhecer seus pais? — Quase sorrio, mas se ele acreditou que ia me tranquilizar com aquelas palavras, apenas piorou tudo.

— Não espera passar a eternidade se escondendo dos meus pais, espera? — Sei que está brincando. — Respire, Ella. Estou brincando.

Assinto, noto que sua atenção vai para trás de mim. Demoro uns segundos até me virar para a porta, quando viro, deparo-me com uma mulher, totalmente diferente do que esperei.

— Sabia que tinha ouvido vozes — Alessandra diz, com certeza é ela. — Pensei em chamar a polícia.

Meu estômago dá uma última girada, quase posso colocar tudo para fora ali.

— É só Antonella e um garoto. — Garoto? Meu pai surge logo atrás da mulher. — Vou abrir o portão, o Ravi chegou.

Olho para Romeu, querendo mesmo que aquele

nome faça sentido. Terá mais alguém aqui além de nós quatro?

Meu pai abre o portão, entre sorrisos altos eles se cumprimentam. Estou atônita e furiosa. Deveria ter escapado quando tive a oportunidade, mas não fiz, agora estou presa com Alessandra e sua prole.

Os dois homens vêm em nossa direção, agora que a animação do meu pai diminui, ele para a minha frente, deposita um beijo em minha têmpora, tudo que quero é gritar para ele parar com o que quer que seja aquilo.

— Desculpa, filha — ele diz. — Agora pode me apresentar seu amigo.

— Romeu, senhor. — Romeu se adianta, como se tivesse certeza da quantidade de xingamentos que estão cruzando meus pensamentos. — Um prazer enfim conhecê-lo.

— A Ella mencionou que tinha um amigo de corrida. — Não consigo parar de olhar para meu pai. — Amigos que correm juntos. Vocês jovens inventam cada coisa. Bem, Romeu, nome sugestivo. — Reviro os olhos, quero dizer para ele que não somente o nome é sugestivo, mas não faço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sou Martin, pai de Antonella. Espero que tenha ouvido boas coisas sobre mim.

— Interpretação individual de histórias que nos contam é algo complicado — Romeu brinca, meu pai entendeu exatamente o que quis dizer.

— Claro. Como esperar algo diferente de quem ouviu a história pela versão de Antonella?! — Meu pai olha para Alessandra, mas não ousa olhá-la. — Esse é Ravi, filho de Alessandra. — O homem a nossa frente estende a mão para mim, depois para Romeu. — Ravi estava morando em outro estado, agora irá se juntar a nós no trabalho.

O quê?

Sorrio sem graça, reunindo forças para entrar.

— Ah, certo. — Tudo que consigo responder.
— Seja bem-vindo?

— Não sei — Ravi responde. — Serei?

— Está sobrecarregada, Antonella. — Meu pai toca o ombro de Ravi e ambos sorriem. — Agora pode trabalhar menos, sair quantas vezes quiser no final do dia.

Ele está se referindo a terapia.

PERIGOSAS ACHERON

Alessandra chama ambos, eles seguem conversando sobre alguma coisa que fizeram na semana passada. Não tenho coragem de olhar para Romeu, porque não tenho ideia do que acabou de acontecer, apenas quero que essa noite acabe.

A casa por dentro parece diferente, meus olhos reconhecem no primeiro momento. A casa cheira a comida feita na hora, as vozes dos três estão misturadas por todo ambiente. Paro onde costumávamos deixar as fotografias da família, analiso as fotos ali, algumas de quando eu era bem pequena. Meus tios não moram aqui, quase não sou tão próxima de ninguém, me incomoda ter que ligar, visitar e outras coisas. Então temos fotografias, a maioria de quando era menina, agora sou apenas uma estranha para todos, inclusive para mim.

Romeu para logo atrás de mim, pousa sua mão em meu ombro e deposita um aperto solidário.

— Ei, essa foto ficou tão bem editada para parecer retrô. — Ele pega sem pedir licença o porta-retratos na mão. — Você é boa em edição mais do que considerarei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sou eu aí. — Sorrio pela primeira vez.
— Obrigada pelo elogio, mas é minha mãe.

— Sua mãe? — Ele aproxima o porta-retratos.
— Caramba, Ella. Ela era linda. Quer dizer, não foi o que quis dizer, só que nunca vi duas pessoas se parecerem tanto, a não ser gêmeos.

— Então você me acha linda? — brinco.

— Você não sabe o quanto. — Ele se inclina, beija meu rosto. — Você deveria ter confirmado com seu pai sobre minha vinda, parece que ele tinha outros planos para você.

No fundo, também tive a mesma impressão.

— Meu pai sempre tem planos que não são os meus planos, ele terá que lidar com esse fato. — Deposita o porta-retratos novamente. — Vamos até a família feliz.

Soei mais amarga do que pretendia, mas antes, nenhuma delas tiveram ou tinham filhos, Ravi é o primeiro, no fundo não sei lidar com essa realidade.

Os três estão na sala de estar, servidos de bebidas, estão sorrindo, rostos corados, respiração arfante, meu humor não alcança o mesmo. Sento no

PERIGOSAS ACHERON

sofá oposto ao meu pai e Ravi, arrumo minha postura ao lado de Romeu. Estou deslocada, não consigo acessar um momento sequer, de tão grande desconforto abaixo do teto que cresci, esse evento alcançou uma escala imensurável, que me faz querer ultrapassar aquela porta sem olhar para trás.

— Trabalha com o quê, Romeu? — Meu pai não dá brecha, ele simplesmente joga ali. — Ella não me contou exatamente.

— Eu sou designer gráfico. — Meu pai olha para Ravi, ambos parecem incomodados.

— Designer gráfico? — Seu tom de desdém me incomoda um pouco. — Certo, interessante. Vocês jovens adoram umas profissões meio diferentes, fico imaginando como será o mundo no futuro.

Quase me levanto para sair dali, mas ao invés disso, olho para Romeu, que engasga numa risada de desdém, baixa e ácida.

— Minha profissão não é algo atual — Romeu rebate a insinuação. — A vida é gráfica. Você assiste TV, filmes, seus alimentos têm embalagens. Tudo isso é desenhado por alguém. Tudo que tem forma é feito por um tipo de designer.

Meu pai estampa um sorriso sem graça, quase sem elegância. Ravi olha fixamente para Romeu, como se tentasse ler toda a sua vida com aquele gesto.

— Tenho uma prima que é designer de joias — Alessandra emenda, a olho pela primeira vez. — São peças lindas.

Parece está vivendo um momento nostálgico ao dizer aquelas palavras.

— Aposto que sim — Romeu responde, talvez sem se importar com aquela informação.

— É a sua prima que é lésbica? — Não acredito que meu pai está abrindo a boca para fazer aquela pergunta.

Arrumo a postura, olho para Romeu, mas ele está analisando Alessandra enquanto sorri levemente, enquanto porta uma taça de vinho.

— Hã, sim. — Alessandra senta-se ao lado dele. — Foi fácil seguir os passos do seu pai, Antonella?

— Sinceramente, não. — Não me importo em soar rude. — Nunca foi bem o que almejei.

Solto, sinto um peso sair das minhas costas.

— Ah, que pena — lamenta. — Seu pai é um bom advogado.

— Exatamente, minha falta de vontade não tira o brilho dele — rebato. — E você, Ravi? Foi forçada a sua entrada no curso de Direito?

— Não necessariamente. — Ravi olha para a mãe, quase posso revirar os olhos, mas até que olhando daqui ele é bem bonito. O quê?! — Realmente sempre gostei dessa área, ninguém em minha família é formado em Direito.

Ótimo.

— Sorte sua. — Sorrio para ele. — Bem, então bem-vindo.

Ele sorri simpático, meu pai muda o assunto totalmente. Permito que minha mente relaxe um pouco, minutos antes de Alessandra me convidar para arrumar a mesa para o jantar. A sigo para a cozinha, tudo está praticamente separado sobre o balcão. Espero por um comando, para entender o que ela quer que eu faça.

— Romeu é tipo seu namorado? — A procuro,

PERIGOSAS NACIONAIS

porque não entendo sua pergunta.

— Hã, não sei — respondo, confusa.

— Seu pai acreditou que seria bom conhecer o Ravi, sabe?

Não, não sei, não quero saber, quero que ambos parem.

— Meio tarde para ter um meio-irmão — brinco, mas ela não sorri.

— Não como irmão. — As palavras demoram um pouco dentro de mim, até que entendo exatamente o que ela quis dizer. — Ele me contou sobre a conversa que tiveram.

Cravo as unhas na palma da mão, agradeço mentalmente por estarem cortadas rente.

— Conversa?

— É, sobre você... — Ela hesita. — Ella, seu pai está apenas preocupado.

Seus cabelos são loiros, provavelmente para disfarçar os brancos.

— Comigo? — Ela assente. — Certo, com o quê exatamente?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seu pai adora o Ravi. — Cruzo meus braços na frente do corpo, esperando que ela faça sentido. — Ele queria que vocês saíssem em um encontro, por isso ele ficou surpreso ao ver Romeu, não é esse o nome dele?

— Então meu pai estava perguntando se eu era lésbica para saber se tinha uma chance de eu ficar com seu filho?

Com essa mulher meu pai encontrou a eternidade, eles são exatamente as mesmas pessoas. Será um relacionamento bem-sucedido, posso apostar.

— Não assim... — Apoio minhas mãos na cintura. — Antonella, vamos esquecer essa conversa, por favor. Seu pai só quer o melhor para você.

Claro que quer.

Meu pai aparece como se nada estivesse acontecendo, sinto o ar faltar aos meus pulmões. Não acredito nessa palhaçada dos infernos. Deveria ter virado as costas, deveria ter ido embora antes de entrar no olho do caos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

14

Meu pai ama Ravi, eles são como melhores amigos. Alessandra é perfeita, independente e meu pai disse que eu *preciso* conhecer as amigas de Alessandra. Mulheres que entraram na menopausa nos últimos meses. Eu preciso conhecer as amigas de Alessandra? Não. Porém, é o que acontece quando não se tem uma vida social visível, seu pai supõe que é antissocial, empurra você para um grupo formado de mulheres bem-sucedidas que devem falar sobre maridos e pensões, filhos na puberdade e novos interesses amorosos depois dos quarenta. Esse é o grupo no qual meu pai quer me associar, não sei o que é pior em tudo que pontuei acima, mas posso arriscar, é meu pai supor que toparia algo assim.

Nada contra, mas vamos combinar que estou cansada dos atalhos que essas mulheres tomam em minha vida, e no final, não menos importante: Não. Gostei. De. Alessandra.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não gostei. As pessoas dizem que amizades também nascem em um clique, mas não há, não há clique, nem vontade, muito menos depois da conversa na cozinha. Aturar será a palavra que irá reger nosso relacionamento, que com certeza será eterno enquanto um de nós três formos vivos. Ótimo. Meu pai ativou a morbidade em mim.

Tento fincar minha atenção no pequeno grupo, mas está difícil controlar a raiva que está entrando em ebulição dentro mim, pareço mais uma chaleira, do que uma humana feliz. Poderia ser parte do cenário de *Alice no País das Maravilhas*, mas não sou, isso é uma merda.

Deveria ter ouvido Romeu. Nós deveríamos ter virado as costas, deixado a casa antes de entrar, poderíamos ter saído para beber ou ver um filme ruim no cinema, poderia ser a deixa perfeita para beijá-lo. Sim! Sala escura, gelada, eu simularia um frio, ou apenas ficaria com frio de verdade, ele me abraçaria, seria perfeito. Mas não! Minha necessidade de não decepcionar meu pai me fez socar a porra da chave na fechadura, agora estou aqui, ouvindo risos grotescos dos meus

PERIGOSAS ACHERON

torturadores. Eles não estão se importando comigo, eles estão aqui para se exibirem, são como aqueles quebra-cabeças com fotos impressas, mas eu sou o erro de edição. Os três encaixam perfeitamente, bem, minha parte é aquela que está tão desgastada que em pouco tempo irá sumir pela baixa qualidade de impressão.

Alessandra gargalha com elegância, jogando a cabeça para trás como naquelas cenas de novelas, onde a mulher tem uma mobilidade estranha no corpo, uma elegância adquirida com a leveza do ballet clássico unida a postura de um general do exército. Seus cabelos caem com amabilidade, dando a ela o poder de possuí-los.

— Nós temos um clube do livro. — Alessandra chama minha atenção. — Nós nos reunimos, bebemos vinho e debatemos sobre o livro que foi escolhido no mês.

Ah, claro. O clube da menopausa. Sei que chegará para todas as mulheres, e também para os homens, mas vamos combinar que imaginar que Alessandra não é mais uma menininha me faz ter poder. Não gosto de você, Alessandra. Não há

clique.

— Olha que divertido, filha — meu pai ressalta. O seu tom de voz está me dando nos nervos. — Poderia ler mais.

Viro lentamente para ele, preciso olhá-lo enquanto fiscaliza meus hábitos de leitura. Desde quando leio menos? Eu leio, caramba.

— Eu leio — respondo, finjo um sorriso. — Aliás, estou lendo o presente que Romeu me deu.

Romeu está mais alheio do que eu a toda situação, como se sua alma tivesse saído do corpo ou o modo automático controlado por um alien de outro planeta estivesse em ação. Não duvido que esteja.

— Você dá livros, Romeu? — meu pai alfineta. — Não sabia que mulheres gostavam de ganhar livros.

Deuses, amordacem minha boca. Tire o meu poder de falar. Não posso rebater.

— Estava sem nada para fazer, tinha um sebo e comprei para Ella. — Romeu tenta soar natural. — Não foi planejado, mas sim, acredito que livros

sejam ótimos presentes.

Sorrimos um para o outro. Com alien ou sem alien o controlando, ainda é lindo para cacete.

— É? Você lê muito? — Alessandra interrompe.

Ótimo, o foco agora é Romeu.

— Dois meses atrás diria que não muito, mas estou em meu terceiro livro esse mês. Trabalho com um grande clube do livro agora.

Sorrimos juntos, porque lembro que ele disse que conheceu um autor essa semana, parece ser a coisa mais interessante que ele fez na vida toda, no entanto, acho que animaria minha semana mesmo, apesar de que conheci a Giovanna, mas nunca li nada dela, provavelmente quando ler, irei mesmo querer marcar um jantar, claro, casualmente.

— Romeu trabalha como ilustrador em uma editora — informo, meu pai e Alessandra trocam um olhar. — É literalmente o emprego mais bacana que já vi na vida.

Não vou mentir. É sim. Se eu tivesse o que precisaria para fazer, iria tentar.

— Você luta por justiça — Ravi diz de modo divertido.

— Bem, o ilustrador de um livro é quase tão importante quanto o autor do mesmo, afinal, o bom ilustrador é o maior vendedor do livro.

— Jurei que não podíamos julgar o livro pela capa — Ravi rebate.

A justiça é cega, seletiva e ineficaz. Uau, Ravi! Grande ponto.

— E ainda assim fazemos todos os dias, não é, pai? — Romeu esbarra a perna na minha. — Realmente não quero fazer parte de um clube do livro onde as pessoas bebem vinho. Soa muito sofisticado, não me entenda errado, mas eu sou uma garota que prefere doses de bebidas.

Meu pai está me assistindo, dou de ombros, tão despretensiosamente, que realmente pareço ser a versão que tanto sonhei, a grande desafiadora de pais na mesa de jantar. Também não me importo em soar a mal-educada na frente de estranhos, até porque não somos. Em breve seremos uma família linda, digna de páginas de revista de decoração, onde alguém pergunta o que amamos fazer juntos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Insultar um ao outro como se não houvesse amanhã. A jornalista nos olhará com estranheza, mas nós faremos um gesto com a mão para ela anotar.

Que merda de jantar!

— Posso saber como vocês se conheceram? — Alessandra olha para Romeu. — Parece ser uma boa história.

Essa mulher vai conseguir comprar minha antipatia antes do que qualquer outra.

— Em uma viagem — Romeu responde desconfortável.

— A que você fez para ilha? — meu pai questiona. — Achei que ia tirar fotos. Não era isso?

— Ela uniu o útil ao agradável — Alessandra debocha.

Apenas sorrio para a insinuação. Preciso ir embora dessa casa, como nunca precisei antes. Ravi subitamente lembra-se de algo que viu no canal de pesca. Quem aos vinte e poucos anos se interessa por pesca? Esse cara me dá nos nervos somente por existir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O jantar encerra com meu nível de estresse mais elevado do que quando entrei, se fosse medido pela escala Richter, seria o terremoto que viria a destruir a terra por completa. Iríamos implodir, seria o segundo *Big Bang*, só que reverso, seria o timing da autodestruição, a extinção do nosso planeta. Meu humor ultrapassou a barreira do zero para a esquerda.

Peço a Romeu que me espere enquanto vou até meu quarto pegar umas revistas e uns livros que tem um bom tempo que quero levar comigo, mas sempre esqueço. Vou procurando os livros na prateleira de cima, quando o rangido da porta me assusta. Procuro por Romeu, mas é Ravi.

Inalo o ar com força, reviro os olhos inconscientemente, nunca detestei alguém em segundos, como me senti com a nova família adquirida por tabela.

— Quarto bacana. — Assinto, olhando em volta também. — Desculpa por nossos pais, mas eles não estavam esperando que você trouxesse outro cara hoje.

Direto. Sutil. Encantador.

PERIGOSAS ACHERON

— Não sabia que estava sendo jogada para um encontro às escuras por meu próprio pai. — Volto-me para a estante. — Espero que se dê bem na empresa. Meu pai parece gostar bastante de você.

— Talvez um pouco. — Ele se aproxima, e para encerrar minha agonia, pega os livros na prateleira de cima. — Preciso confessar que estava ansioso para conhecê-la. Havia visto algumas fotografias suas, não deixei de notar o quanto é bonita. Acho que seu namorado também notou bastante sobre isso.

Deus, faça esse homem virar as costas. Permita que passe essa noite sem usar meu réu primário, porque está difícil. Calma, Ella, lembra que seu autodiagnóstico de sociopata não é real?

— Nós não estamos namorando...

Merda.

— Ah, sério? — Fecho os olhos por segundos. — Então ainda dá tempo?

Dá tempo de você fugir daqui, porque tenho algumas opções de torturas para fazer seu sangue

escorrer do seu corpo, fazer uma poça em seus pés, seu escroto.

— Mas Ravi, não crie esperanças — corto. — Sinceramente, não vai rolar.

— Então você está namorando o designer...

— Ainda não. — Minha voz sai baixa e envergonhada. — Porém, eu gosto muito de Romeu.

Que lindo, Ella! Perfeito! Que tal agora você pegar seu caderno de brochura e escrever: *Ella e Romeu forever?*

— Seu pai disse que nunca teve um namorado. — Claro que meu pai disse. — Tive pequenas esperanças quando contou sobre você.

Esperanças foram feitas para serem mortas. Vou adicionar uma gargalhada mental bem maléfica aqui, porque se Ravi fosse o último homem em solo terrestre, eu faria como a Julieta ou a Katniss Everdeen e as amoras.

— Sei que está mentindo. — Finjo gentileza. — Olha, Ravi, eu sei que tem todo esse charme encantador. Seus cabelos são alinhados, você gosta

de coisas estranhas como pesca, parece ser o melhor amigo do meu pai, mas sinceramente, nada vai funcionar comigo.

— Por que não? — Tenho que sorrir.

— Porque todo homem que conheço é um Ravi. — Estou sorrindo alto. — E se eu quisesse um Ravi, teria tido vinte de você. Eu odeio minha profissão, Ravi. Odeio homens que tentam impressionar meu pai, odeio homens que se parecem com meu pai.

Entendeu, Ravi? Eu não odeio meu pai, mas de longe é a pessoa que menos me entende no mundo, me relacionar com um Ravi me faria estar com meu pai.

— O designer não é um Ravi então? — desdenha.

— Nem se ele tentasse.

— É uma pena que estaremos no mesmo solo todos os dias. — Ele se inclina e sussurra: — Talvez note que tudo que quer é um Ravi.

Ele deixa o quarto, na saída encontra Romeu. Não me movo, sinto um mal-estar se alojar em meu

corpo. Romeu sorri, mas não sinto a energia para retribuir. Abraço os livros sentindo uma onda de náusea subir até minha garganta, quase posso chorar.

— Gostei do seu quarto — ele diz olhando em volta, para as fotos de natureza. — Muito criativa. Sempre foi boa, Ella.

— Temos que ir — interrompo. — Preciso deitar, não deveria ter bebido nada essa noite.

Sua voz tranquila não surte efeito, tudo que quero é ficar sozinha, abraçar meu travesseiro e apreciar o silêncio.

— Você está se sentindo bem?

— Na verdade, não. — Não estou mesmo. — Deixo você em casa, passo na farmácia e pego uns remédios para dor de cabeça.

As palavras saem quase eufóricas, deixei claro que não quero sua companhia, sei que foi brutal dizer daquela forma, mas pelos céus, minha mente está girando tão rapidamente que quero vomitar.

— Está bem para dirigir?

— Sempre dirigi antes de você, Romeu. —

Droga. — Não precisa se preocupar.

— Não estou insinuando nada, Ella. — Usa o mesmo tom. — Está pálida.

— É, estou — afirmo. — Como disse, não estou bem. Vou me despedir do meu pai, vamos?

Sua expressão se torna séria, não espero que peça explicação. Vou até meu pai, que está em uma conversa animada com Alessandra, despeço-me dos dois.

— Foi um prazer conhecê-lo hoje, Romeu — meu pai diz. — Não sei quando será nosso próximo encontro.

— Hum. — Tudo que Romeu consegue proferir.

Não gasto tanta energia em me despedir de Alessandra e seu filho. Quando chego ao meu carro, despejo os livros no banco de trás, tento não expressar minha agonia para Romeu.

— Desculpa encerrar a noite assim — começo.

Seu olhar é desconfiado, sei que Romeu não é bobo, ele funciona perfeitamente bem. Entre todas as pessoas que convivem comigo, parece ser o

PERIGOSAS NACIONAIS

único a conhecer cada expressão facial, então torna tudo muito complicado.

— Você quer me contar alguma coisa? — O encaro sem reação. — Tem algo que preciso saber, Ella?

— Tipo o quê?

— Não sei. O motivo que subitamente parece que você está passando mal de verdade.

Invoco um mantra, algo que me ajude a não chorar aqui, porque Deus, quero que ele me abrace, mas não faço.

— Só tive a pior semana da minha vida, não preciso ser animada sete dias por semana, será que pode dar um tempo quanto a isso?

Seus olhos perdem o brilho, sua expressão apática estampa o rosto.

— Claro. — Ele bate as mãos nos bolsos, como se procurasse por algo. — A noite está perfeita para andar. É o que vou fazer.

Ele avisa, meu coração dispara. Merda!

— Andar? Besteira, Romeu. Posso deixá-lo em casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei que pode, da mesma forma que sei que pode muitas coisas, a diferença é que estou escolhendo não ir com você. É uma caminhada de dez minutos, não vou morrer por isso.

Acreditei que essa noite não poderia piorar, mas como não? Como acreditei que uma noite onde encontro meu pai seria perfeita?

— Romeu...

— Ella, você precisa de um tempo — reconhece. — Estou lhe dando esse tempo. Não quer conversar, para mim está tudo bem. — Ele dá dois passos em minha direção, deposita um beijo no topo da minha cabeça. — Se cuida. Avisa quando chegar.

Minha boca seca imediatamente, fecho minhas mãos. Quero pedir para ele ficar.

— Eu posso deixá-lo em casa — insisto.

— Me dê esse tempo, Ella — pede, não entendo. — Acredite em mim, é para melhor.

Agora ele está irritado?

Respiro para pedir que não vá, mas de alguma forma todas as palavras acabam quando ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

simplesmente sai. Só consideramos as vantagens de morar perto um do outro, nunca a desvantagem. Claramente, essa é a maior. Ele pode virar as costas e em dez minutos estar em casa.

Como continuar tendo as mesmas conversas todos os dias?

Estou cansada de perder.

PERIGOSAS ACHERON

15

A aula de ioga não ajudou. Se tem algo que a aula fez foi causar mais tensão ainda sobre meus ombros. Passei a noite querendo enviar uma mensagem para Romeu, além da que avisei que cheguei viva, mas não tive coragem. Sua resposta foi um *boa noite* totalmente sem graça, não tive coragem de apenas insistir naquilo. Acredito que todo mundo tem limite, provavelmente extrapolei o de Romeu. Desde a ilha sua tolerância as minhas loucuras são imensas, mas agora, aqui, na dita vida real, os conflitos são outros. Não tem fantasia, nem lenda, não tem nada.

Passei a noite folheando o livro que peguei, no final caí no sono abraçada no travesseiro. Pareceu ser a pior noite da minha vida, pela primeira vez em anos. Nunca havia pensando que decepcionar alguém era tão ruim quanto decepcionar a si mesmo.

— Ei, Ella! — Sinto uma mão no meu ombro,

viro-me dando de cara com Vitória. — Você malha aqui?

— Vitória! — respondo, realmente animada, agradecendo por ter interrompido o fluxo de lamentação da minha vida. — Há muito tempo, é perto da minha casa.

— Interessante. — Solta o ar com força, como se estivesse muito cansada. — Hã, tem planos para hoje à noite? — Nego com a cabeça. — Uma turma de garotas vai se reunir para beber, claro, mas não permitimos caras, então vai ter que deixar seu namorado em casa.

Sorrio sem graça.

— Ele não é bem meu namorado, ele não é meu maior fã nesse momento, acho que está tudo equilibrado então.

Romeu está me castigando, mas no lugar dele, eu faria o mesmo, afinal, o que esperei? Ele não pode ser meu *coach* de relacionamento, não tem que escrever um guia de como me comportar em um relacionamento, então o bastão da razão está em seu poder.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Posso considerá-la minha chefe?

— Hã, não. — Espero uma explicação para aquilo. — Meu pai é nosso chefe.

— Geralmente falamos mal dos nossos chefes.

— Acabou de me dar o motivo perfeito — brinco. — Faremos bonecos de vudu também? — Ela meneia a cabeça. — Para nossos chefes.

Ela começa a sorrir alto.

— Não, mas é uma boa ideia. — Pisca o olho. — Então, você aceita? Não somos muitas, com você formaremos quatro, as outras duas estão em relacionamentos agora.

— Então abriu uma vaga para o grupo de odiadores de chefes?

— Soamos perversas assim — finge que se importa colocando a mão sobre o peito —, mas sempre tive vergonha de convidá-la.

— Será um prazer acompanhá-las. — Ela verifica o relógio como se estivesse com pressa.

— Vou enviar uma mensagem com as coordenadas, está bem? Preciso ir. Meu pai está me esperando para irmos ao supermercado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro, nos vemos à noite.

Ótimo sábado a todos, pessoal! Eu tenho um encontro de garotas.

**

Talvez seja um pouco triste confessar que nunca tive uma noite de garotas, nem que uma garota se preocupou em me chamar para isso. É como se eu tivesse um repelente de humanos sem que eles soubessem que não me dou tão bem com sua espécie.

Espécie?

Talvez seja isso, Ella. As palavras que se referem a sua raça humana.

No final da tarde notei que não estava a fim de beber, às vezes acontece, não é sempre. Mas não desisti, em fato estou super animada para poder falar mal do meu pai-chefe, será um prazer desconhecido por meus sentidos.

A noite está quente, mesmo assim escolhi uma calça jeans para compor meu visual de quem está pouco se importando com o mundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Vitória acena para mim quando consigo identificá-la em meio a outras mulheres. Vou em sua direção, buscando a Ella leve e despretensiosa que vem de tempos em tempos, e ignoro que Romeu não respondeu minha mensagem. Claro que quero socá-lo, mas meu sorriso estampado diz outra coisa, diz o quanto eu não estou nem aí externamente.

A árvore da vida também deveria dar manuais de como lidar com sua eternidade. Porque de antemão, árvore, isso tudo é uma merda!

— Você veio! — Vitória comemora, passando o braço em volta dos meus ombros. — Acho que estou quase bêbada.

Não tropeça nas palavras, mas o gesto íntimo com certeza indica alcoolização em um nível acima do permitido para dirigir pela lei seca.

— Já? — questiono, ela assente. — Então, para me sentir melhor, prefiro não beber.

— Está bem, está bem. — Solta o ar pesadamente, e duas mulheres vêm em nossa direção. — Essas são minhas amigas, Mari e Nathalia.

PERIGOSAS ACHERON

O segundo nome dá um soco em meu estômago, a imagem da mulher cria um abismo na minha mente. Não pode ser real. Não pode. É a brincadeira mais sem graça que já presenciei em minha vida. Não pode ser a *Nathalia* ali.

— Eu conheço você — Nathalia aponta e seus olhos esquadrinham meu corpo. — Puta merda, você é a Antonella.

Puta merda, você é a Antonella. Deuses, deuses, deuses, que coisa mais sem graça de escrever. Falta de ideia? Uau, pecaram no enredo. Deveriam ser demitidos!

— Antonella? — a segunda mulher pergunta. — Como a Antonella que você acabou de me contar a história?

História? Oh, uau, claro que há uma história. Provavelmente a mulher que foi cruel o suficiente para machucar um homem machucado.

— Exatamente! — Vitória está olhando para a mulher de cabelos negros a minha frente, animada. — Meu Deus, é você mesmo.

Sou eu. Nunca vi alguém animada por *me* ver.

Como se eu fosse o próprio Jake Gyllenhaal.

— Certo, por que vocês continuam afirmando que a Antonella é a Antonella? — Vitória está tão perdida quanto eu. — Não estou entendendo.

— Antonella do Romeu. — O quê?!

— Ei, espera aí. — Vitória passa para o meu lado, tirando o braço do meu corpo. — Eu não sou de ninguém.

Enfatizo, aquilo é ridículo. Só a menção do nome dele me deixa ansiosa.

— Sou eu, Nathalia — ela enfatiza. — Irmã do Romeu.

Sorrio, fingindo surpresa.

— Sério? — As três estão me olhando, esperando que diga algo. — Prazer?

Tinha matado essa bem antes, Nathalia. Seu irmão teria me chamado de Holmes.

Sinto falta de Romeu. Como sinto. Não posso beber, com certeza ligaria desesperada no caos, gritando: *Pelo amor de Deus, eu quero me apaixonar por você!* Se eu disse a minha terapeuta, dizer ao próprio Romeu não seria tanta loucura

assim.

— Antes de tudo quero dizer algo para você. — Ela dá um passo à frente, segura meus ombros. — Obrigada pelo que você fez com meu irmão. Deve ter sido uma grande mágica.

Oh, meu Deus! O que ela acredita que fiz com Romeu?

— Qual seu segredo? — A Mari semicerra os olhos. — Sério, porque venho tentando chamar a atenção de Romeu há uns meses.

As palavras me causam uma tontura, porque até esse presente segundo nunca considerei que Romeu tivesse outras opções, mas ele tem. Por exemplo, a mulher a minha frente.

— Nenhum. — Sinto meu rosto esquentar. — Sinceramente, não é o que está pensando. Não fiz mágica, nós nos conhecemos sem querer.

Justifico. Além de tudo, é real, é real. Não fiz nada. Ela deveria saber.

— Ah, explica muita coisa — Mari rebate. — E o que está fazendo aqui que não está com ele?

— Mari! — Vitória repreende.

— O quê, amiga? Estamos falando do Romeu, pelo amor de Deus. — Vitória meneia a cabeça, Nathalia intercala o olhar assustado entre as duas. — Sinceramente, essa pergunta é super válida. Nem vem que você teria recusado um encontro com aquele homem.

Oh, céus. Como disse, sempre tem algo para ferrar alguém que está ferrado.

— Romeu é irmão de Nath — Vitória justifica, como se aquele título, na verdade, o transformasse em um padre. — E Antonella é quase minha chefe. Desculpa, Antonella, não tinha notado que talvez tivesse encontro para hoje.

As três estão me encarando, esperando uma justificativa clara para minha falta de programa para um sábado à noite com o suposto Romeu maravilhoso que elas conhecem.

— Não tenho, não tinha. — Giro as mãos no ar, para me livrar da culpa.

— Verdade. — Nathalia semicerra os olhos. — Vocês brigaram ou algo assim?

Droga! Não estou confortável com isso. Bem,

PERIGOSAS NACIONAIS

Romeu avisou que com Nathalia seria assim. Duas opções: falar sobre isso ou fugir como uma maluca.

— Estava tendo um péssimo dia ontem, hoje ele não me respondeu. Sei que pisei na bola, mas não é bem nossa primeira briga.

Ou é? Aquela do quarto no hotel conta? Porque Romeu sempre consegue me destruir. É isso, eu sabia, ele sabia, era fácil. Eu o machuquei, ele revidou. Dois humanos malucos que não sabem o que fazer com o que sentem. É isso. Maluquice que o povo chama de amor.

Amor?! Paixão?! Loucura do cérebro?! Estado mental incoerente?! É isso, pessoal!

— Então vocês estão brigados? Acreditei que não estavam namorando — Mari insinua. — Acabou de dizer isso.

Calma aí, Poirot. Desligue suas habilidades investigativas.

— É, mas Romeu e eu... nós dois... somos complicados.

Somos? Ou eu sou complicada? Cientistas desistirão do universo e irão nos prender em uma

PERIGOSAS ACHERON

gaiola, assim irão nos estudar. Insanidade à flor da pele, suave como a brisa noturna.

— Antonella, sei que não nos conhecemos — ela retoma —, mas por um tempo todas as amigas de Nathalia tiveram uma quedinha por Romeu, pode ter certeza que todas nos candidatamos a curar aquele coraçãozinho, mas ninguém foi capaz nem de receber um sorriso em troca. Romeu é educado demais, claro, mal-humorado também, não sou obrigada a lidar com homem na TPM. Seja o que for, vocês vão se acertar, certo?

Dou de ombros, porque esse papo desencadeia as lembranças de ontem à noite, sobre Ravi, e quase posso odiar meu novo suposto irmão e colega de trabalho.

— E se nós bebêssemos? — Vitória sugere. — Assim você para de pensar em Romeu.

— Ou pensa com mais intensidade — Mari corrige. — Por Deus, Vitória, nem existe isso. Todo mundo pensa em Romeu uma vez no dia.

— Acho mais seguro não beber — respondo, sorrindo da insinuação. — É menos arriscado.

Um cara para logo atrás de Mari e toca seu ombro, sua animação atinge um novo nível, parece ter esquecido Romeu em segundos. Vitória nega com a cabeça, mas uma mulher no outro extremo acena para ela, e ambas vão ao encontro de si.

Nathalia passa a mão na calça jeans, sorri abertamente para mim. Agora noto a semelhança com o irmão, o mesmo que Grazi não possui.

— Feliz em conhecê-la — confessa. — Você é uma lenda em minha casa.

— O quê?!

— Nossos pais estão ansiosos para conhecê-la. Quem conviveu com Romeu pelos últimos sete meses com certeza está preparando um cartão de agradecimento para você.

Engulo em seco.

— Não foi bem o que aconteceu.

Justifico sem jeito, eles estão transformando tudo isso em um conto de fadas escroto.

— Ella, você acredita que pessoas modificam pessoas? — Ela dá um passo à frente. — Acredita que existem humanos que despertam o melhor em

nós, da mesma forma que também existem aqueles que podem nos destruir?

O ar foge dos meus pulmões, a ardência estranha cobre meus olhos, mesmo sabendo que não deveria ser assim.

— Talvez você provocou em Romeu o que ninguém jamais faria. Existem gatilhos bons e ruins. Você, talvez, tenha sido a melhor pessoa que ele poderia conhecer. E essa briga não é nada.

Suas palavras atingem meu corpo, porque no final, se for aquilo, preciso confessar que aconteceu o mesmo comigo, tudo é bastante recíproco.

— Não quero machucar seu irmão.

— Eu sei. — Ela toca meu ombro. — Nós machucamos as pessoas o tempo todo. Só conseguimos mesmo machucar aqueles que se importam conosco.

Real, desgastante e um pouco incômodo. Porque jamais escolheria machucá-lo, e a parte que me levou para fazer foi o fato que ainda não sei lidar com meus próprios machucados.

Eu quero Romeu. O queria aqui. Ou em

qualquer lugar.

— Isso é péssimo.

— É, mas quer dizer que você importa para ele. E vocês precisam entender que podem superar as coisas juntos, contanto que não sejam cabeças-duras.

Esboço um sorriso fraco, ela tem um semblante gentil, suas palavras são apoios, não julgamento. Ali prova que ela quer que isso aconteça tanto quanto quero que isso aconteça. Ao menos somos um time, torcendo pela mesma partida.

— Amanhã eu ligo para ele — assumo.

— Parem de desistir das pessoas — ela pede.
— Às vezes, tudo que ela precisa é de alguém que tenha a coragem de insistir somente mais uma vez.

Queria estar bêbada.

— Não vou desistir dele.

Confesso, sentindo a emoção das palavras correr em mim.

— Por que não?

— Romeu foi meu gatilho bom para encontrar alguns caminhos que tinha perdido, mas alguns
PERIGOSAS ACHERON

hábitos são incontroláveis.

— Ella, você se considera impulsiva? —
Assinto. — Use isso ao seu favor.

— Como?

— Não sei, mas vai descobrir.

Ela me gira pelos ombros, fazendo-me entrar
no bar. Minha cabeça ferve com a ideia de ser
impulsiva, porém, como?

16

Nathalia está levemente bêbada. A pergunta maior é: como eu acabei em um bar com a irmã de Romeu? Não sei. Sadismo do destino quando decidiu unir-me a ele para todo sempre. Se essa condição é para sempre, Nathalia também é. A sorte dela é que eu não bebi.

— Tem certeza? — Acredito que seja a décima vez que Nathalia questiona sobre isso.

— O que você quer que eu faça? — Aponto para as outras duas. — Ficarei com a consciência mais tranquila sabendo que as deixei em segurança em suas casas.

— Nós moramos juntas. — Mari aponta para si e depois para Vitória. — Não tão distante daqui.

Solta o ar, cansada ou levemente embriagada. Meus olhos fixam-se em Mari, seus cabelos cacheados e volumosos emolduram seu rosto delicado e pele bronzeada. Ela com certeza seria a

garota que atenderia a ligação de Romeu, na verdade, aposto que ela ligaria para ele, enviaria mensagens de bom dia ou boa noite. Ficaria animada em apenas estar com ele, sem complexos. Ela não iria descontar toda a sua frustração do dia, até mesmo iria lhe contar sobre a manipulação de seu pai.

Romeu poderia ter qualquer garota menos preocupada, alguém que não exigisse que só a ligasse quando estivesse preso. Romeu nesse momento pode estar criando desculpas como forma de me tirar de sua vida, porque ninguém quer complicação, não depois de ter sofrido. Quando entrei no consultório de Gabriela pela primeira vez, uma promessa ressoou juntamente com as batidas do meu coração. Prometi ser diferente, ser diferente por mim, por minha vida, mas alguns padrões estão fincados em mim, tão enraizados que...

— Ella, todos queremos apenas uma coisa — Mari diz, com a língua pesada. Meu Deus, que não seja algo obsceno em relação a Romeu. — Ser feliz. E entre todas, se ele a escolheu para ser a próxima, com certeza tem algo em você que não

tem em nenhuma outra.

Respiro para responder, mas sou interrompida.

— Vamos? Estou com sono — Vitória emenda.

Assinto para as três, sinto meu coração se comprimir diante das palavras da garota estranha. Seja quem ela for, está certa.

Passam das duas da manhã quando paro na frente da casa de Romeu. Nathalia retira o cinto, aponta para a entrada da sua casa.

— Você não vem? — Sua pergunta me assusta.
— O quê? Você não vai ficar?

Tentador. Tentador. Tentador até soar como um desastre iminente.

Seja impulsiva, Ella! Romeu tem mil e uma opções e você vai perder a dança.

— Nathalia, eu consigo dirigir. — Ela olha para a entrada, depois para mim. — Eu vou ficar bem.

Só quero acordar amanhã, ligar para Romeu, pedir desculpas, depois contar tudo que aconteceu na casa do meu pai.

— Ella? — Faz um gesto sutil com a cabeça, quase posso desmaiar ao ver o portão aberto. —
PERIGOSAS ACHERON

Precisava contar para ele que estava com você.

— Por quê? — Volto-me para ela. — Não precisava, mas você escolheu. Por quê?

Não sei qual emoção sentir. Raiva, desespero, alívio.

— Ele é meu melhor amigo — diz, sem jeito. — E você é a garota que ele quer. Somos um filme adolescente onde os amigos conspiram para unir o casal ou o filme de drama que a família só quer que o outro membro siga em frente. Passos não podem ser medidos, meus pais não se importam.

Tento não sorrir, mas como não fazer? Um acordo tão mútuo que nem tenho como rebater a insinuação.

— Então você não está bêbada?

— Nem um pouco — confessa. — Nunca permita que sua teimosia se sobreponha a sua coragem. Você é exatamente a pessoa que fez aqueles olhos brilharem novamente, meu Deus, você não sabe o quanto é bom ter meu irmão de volta.

— Você é maluca.

— Eu sei! Foi a primeira coisa que ele disse. — Agora não entendo. — Que sua loucura se parecia com a minha. O mundo é dos insanos, Ella. Vamos aproveitar essa brecha e ser feliz.

Ele abre a porta do carona, tenho certeza que está usando uma calça de pijama preta combinando com outra camisa do *Star Wars* novamente, ele deve ter uma longa coleção do *Star Wars*, e eu estou sentindo inveja disso.

— Então você foi para a “balada”? — Sua primeira pergunta.

— Nem balada e nem Florzinha combinam com você — ressalto. — Não combinam.

— Não pode criar um vocabulário para mim — rebate. — O que aconteceu, Ella?

— Não sei. Duas horas atrás sua irmã bebeu, depois fingiu embriaguez, agora estamos aqui, na porta da sua casa, na madrugada.

Puxo minha tranquilidade, espero que ele sinta, mas não digo nada.

— Estava vendo filme. — Olho para o painel do carro verificando a hora. — Tenho insônia

quando estou desenhando. Preciso entregar uns esboços à Isabella. Estava fazendo uns testes.

— Por que não respondeu minha mensagem?

— Porque você precisa aprender a lidar com frustrações. — Cruzo meus braços, para uma lição de moral às duas da manhã. — Ella, você não pode decidir o tempo todo que está tudo bem virar as costas e sair. Não pode, não vai funcionar. Quando uma pessoa gosta da outra, geralmente elas se machucam juntas.

Certo, não é o que estou esperando, mas são duas da manhã, ele não pode falar coisas assim no meio da madrugada.

— Você gosta de mim?

— Não é um segredo, Antonella. — Passa a mão nos cabelos de modo impaciente, não evito sorrir. — Não sou obrigado a entender cada vez que você quiser fugir, porque estou aqui para você, o tempo todo. E o que disse na semana passada era que queria participar da sua vida, não estou pedindo um relacionamento, não um namoro, mas estou pedindo que confie em mim para estar ao seu lado,
PERIGOSAS ACHERON

ao menos agora que decidiu mudar. Eu quero ser essa pessoa para você, mas precisa permitir.

Tirando a parte que jogou em minha cara que não quer um namoro, o resto foi tão bom.

— Por que você não tem pressa?

— Por que eu teria? — Dou de ombros. — Não tenho pressa, porque quando olho para você é como se fosse eterno, e que mesmo esses momentos confusos no qual eu tenho que soar como vilão, ainda é melhor do que qualquer momento que tive com outras pessoas. Não tenho pressa, porque não depende somente de mim. E eu quero você pronta para isso, mas nunca ficará se continuar se comportando como se eu não existisse em sua vida.

Fecho meus olhos, recosto a cabeça no banco, espero que o álcool que não bebi me embriague mesmo assim.

— O que acontecerá comigo se eu entrar com você agora?

Seja impulsiva, Ella!

— Bem, amanhã terá que responder algumas perguntas. — Sua voz é divertida. — Não precisa

entrar, Ella. Vá para casa, avise quando chegar. Amanhã respondo sua mensagem de texto, porque não sou o Jake Gyllenhaal.

— Você tem ciúmes do Jake.

— Claro, como não ter ciúmes do único cara que pode ligá-la sem estar preso? — Abro meus olhos, ele busca minha mão. — Queria vê-la tirá-lo do *looping* temporal e ainda deixá-lo vivo no final.

— Como você é cruel, Romeu — sibilo. — Precisava tocar nesse assunto? Ainda choro.

Ele sorri sem se importar com minhas lágrimas para o final de Jake em algo ficcional.

— Vá para casa, Antonella. — Ele coloca minha mão sobre minha própria perna. — Amanhã podemos discutir sobre filmes.

— Quero ficar.

— Aqui? Meus pais estão lá dentro. — Ele aponta para a casa. — Assim como minha irmã.

Dou de ombros. Uau, seja corajosa e ligue o foda-se nunca fez tanto sentido.

— Você sabia que a Mari, amiga da Nathalia, tinha uma queda por você?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, sabia — responde, tão naturalmente, que sei que esse ego não precisa ser mais inflamado. — Já pensou no quanto deve ser caótico namorar a amiga de sua irmã? Nunca foi um hobby meu, nem será. Conheço a Mari há anos, se Nathalia é um saco, imagina as amigas dela.

— Ela disse que você era o melhor amigo dela.

— Ou seja, ela tem um gosto questionável para amizades.

Giro meu corpo até ficar de frente para ele. Minha mão pousa sobre seu joelho, ele analisa o gesto sem entender o que está acontecendo.

— Eu errei — confesso, minha voz sai baixa, cortante. — Eu quero você, Romeu. Hoje quando aquela garota disse que também queria você, fiquei com raiva de mim. Porque quando uma pessoa escolhe outra, quer dizer que ela não quer mais nenhuma outra além de você. A diferença é que ninguém, nunca na vida, tinha me escolhido.

Esqueço a vergonha, busco a melhor forma de confessar o que possa ser meus sentimentos mais genuínos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso não é verdade.

— Ninguém nunca esperou que eu ficasse bem, ou me estimulou a ficar bem. Nunca houve uma pessoa que tentasse me ensinar uma lição. Eu sou órfã, estou acostumada a ser cuidada da forma mais estranha que conheço. Se eu tiver que engolir um costume ou outro por você, que seja. Você importa para mim.

Ele sorri, olhando fixamente em meus olhos, analisando meus traços a pouca luz da iluminação pública que invade o veículo.

— Eu quero você, Ella. — Uma lágrima escorre, por Deus, esse homem é lindo demais falando isso. — Você importa para mim.

— E se nossa eternidade durar um mês?

— Será o melhor mês da minha vida. — Busca minha mão, como gesto recorrente, ele beija. — Agora vamos, é madrugada e estamos no meio da rua.

O acompanhamento para dentro, notando todo o silêncio em volta. Nossas mãos estão unidas, subitamente eu paro. Ele também para, sem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

entender o que aconteceu, não dou uma explicação, não conseguiria explicar o que está acontecendo dentro de mim. Vou até seu corpo, jogo meus braços por seus ombros, alcanço sua boca. Eu estava morrendo de saudades dele.

PERIGOSAS ACHERON

17

Estou parada na ponta da cama de Romeu, puxando a barra da camisa para os lados, como uma criança que entrou pela primeira vez nas roupas da mãe. Sinto a vergonha esquentar meu corpo, com toda a agitação das minhas células envergonhadas. Sua cama está uma bagunça entre lápis, folhas e cadernos, e a TV ligada em um filme antigo.

Nunca considerei que no dia que fosse fazer festa de pijama na casa de um cara, seria na casa dos pais dele e que seu quarto fosse tão organizado. Romeu é extremamente organizado. Ele tem a própria mesa de desenho, coisa que não considerei. Tudo parece ser bastante caro, levando em conta que não entendo de material para desenhos. Estou fascinada pelo ambiente que parece ter mais personalidade que muitas pessoas por aí.

— É comum passar a madrugada desenhando?
— Ele eleva a cabeça, sem notar que já estava aqui.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na verdade, fazia um tempo que não tinha a energia — confessa. — Vou apenas retirar tudo daqui, amanhã organizo. Assim você pode deitar.

— Me ofereceria para ajudar, mas não vou mexer em suas coisas. — Dou a volta na cama, esperando que ele diga que está tudo bem, que posso tocar.

— Melhor mesmo. — Reviro meus olhos. — O quê? Tenho um sistema de organização, muito apreço por meus materiais, porque sei o quanto tive que trabalhar para tê-los.

— Apreço? — Ele fica em pé, sei que vamos entrar naqueles embates que amamos. — Quem fala apreço?

Amo nossas conversas. É impossível não ficar maravilhada com os conflitos que entramos sobre diálogos e outras coisas.

— A mesma pessoa que fala à mercê, Florzinha e balada — rebate. — Seu maior problema é que você quer me decifrar como se fosse uma conta de matemática. Você acredita que sou o básico das equações, mas não, eu sou a equação que você leva um semestre para aprender a calcular.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Reviro meus olhos, ego inflado é outra coisa. As pessoas precisam parar de dizer para Romeu o quanto ele é maravilhoso.

— Você não é tão complexo assim, Romeu. — Pego os lápis, provocando. — Ui, peguei seus preciosos lápis. O que fará comigo?

— Acredito que tenho alguns planos para isso há um tempo. — Dou de ombros, fingindo espanto. — Está pronta para encarar meus pais no café da manhã?

Nunca estou pronta nem para acordar, quem dirá conhecer pais no café da manhã, mas como não são comuns, vamos chocar o casal ao surgir tão cedo pela manhã.

— Romeu, nunca estarei pronta para encarar seus pais. — Ele sorri, um pouco alto. — Que seja no café da manhã, assim aprendemos a fazer todas as refeições juntos.

Brinco, só não quero perder tempo. Aprendo a lidar depois com Gabriela, tenho certeza que ela acreditará que estou cometendo um erro enorme, vamos a lista de culpa: 1) Eu.

PERIGOSAS ACHERON

— Está pensando em se mudar para cá?

— Até que não, meu plano *master* acaba com você em meu quarto, trancado para sempre.

Pisco meu olho, deixando clara minhas intenções a longo prazo.

— Bom plano. Falho, mas eficiente. O sonho do meu pai é alguém que nos tire de casa, se você contar sobre isso, minha mala estará em seu carro antes do almoço. Não provoque meus pais.

— Acho que sua mãe choraria bastante.

— Em fato, choraria. Dez segundos depois ela estaria saltitando como em um musical. Essa camisa ficou melhor em você do que em mim.

— É? Por quê?

Olho para a camisa, que não cobre tanto quanto queria, mas vamos combinar que eu preferia estar sem ela. Na madrugada minha pureza para de existir.

— Eu fico melhor em você do que em mim também.

Ele deposita os cadernos sobre a mesa, vem em minha direção, engulo seco quando suas mãos
PERIGOSAS ACHERON

seguram minha cintura com firmeza e umedeço os lábios quando ele se curva sobre mim.

— Era assim que você imaginou quando propôs um tempo atrás que dormíssemos juntos?

Sua pergunta me faz ir até a memória da ilha. Claro que não era assim, sinceramente, assim é melhor. Se nunca passam de noites casuais, nunca chegamos a este ponto, porém, esse ponto é bom. Gosto da ideia de tê-lo aqui tão próximo, respirando, segurando-me entre seus braços, me fazendo sorrir.

— Quando olho para você, me questiono que tipo de pessoa quero realmente ser, e a que realmente sou. Na maioria das vezes sempre penso no contraste que somos. Quer saber se me incomoda dormir em sua cama na casa dos seus pais? — Ele assente. — Não, porque eles parecem o tipo de pessoa que me tornaria. Pessoas que penso: Eu quero ver você amanhã, depois, depois. Quando olho para você, também penso: Caramba, como alguém pode me fazer melhor? Como alguém me faz querer viver para sempre? Como alguém me mostrou que algumas paredes precisavam ser

derrubadas para outras existirem? Às vezes, nós precisamos da sabedoria do que nos permitir ser modificados. Eu tinha medo, angústia, ansiedade de ver alguém como olho para você. Mas qualquer pessoa que me faz sonhar acordada, dar o primeiro passo, torce por mim, merece que eu derrube algumas convicções. Naquela ilha, quando disse que não queria sair do seu peito por causa do seu coração, nunca havia ouvido um bater tão perto. Eu não sei quem foi, Romeu. Não sei quem nos colocou frente a frente pela primeira vez, quem teve essa ideia, mas foi um gênio.

Sinto minhas lágrimas descenderem, seus olhos têm um brilho estranho, suas mãos disparam um aperto confortável em minha cintura, volto a aquecer por dentro.

— Nosso destino é um gênio?

— Nosso destino é o maior gênio de todos os tempos. — Ele assente. — Não importa o lugar, não importa quando, acredite em mim, se for com você, sempre será sim.

— Como não prometer?

— Não prometendo. Apenas cumprindo todas

PERIGOSAS ACHERON

as manhãs. Vamos chamar de acordo?

— Ah, claro. Acordo soa romântico — desdenha. — Minha mãe vai fingir que você sempre vem aqui.

— Por quê?

— Ela faz isso com todos, ela diz que é péssimo encontrar alguém pela primeira vez, então sempre finge que são amigos. Desde que Nathalia mandou aquele print no grupo da família, todos estão bem ansiosos para conhecê-la. Grazi fez grande coisa dizendo que a conheceu primeiro, que é minha irmã favorita.

— E é?

— Claro que não — responde rápido. — Não existe isso. Vamos dormir, Bella vem para cá cedo.

— Bella? Sua chefe ou sua sobrinha?

— Minha sobrinha. — Faz soar de modo óbvio. — O que minha chefe faria aqui?

— Sei lá. — Dou de ombros. — Então a Grazi vem para cá também?

— Sim, aos domingos tomamos café juntos. E a madrugada está passando enquanto conversamos,
PERIGOSAS ACHERON

sendo que iremos acordar em três horas e meia.

— Isso é um crime!

— Ligue para seu advogado, Florzinha — desdenha, puxando o edredom para que possamos deitar. — Ou para o Jake Gyllenhaal.

— O ciúme esquentas suas bochechas. — Deito-me ao seu lado, me envolvendo em seu braço. — Elas ficam vermelhas e adoráveis.

— Adoráveis?

— Adoravelmente lindo. — Ele sorri. — Ei, cara — chamo sua atenção. — Certifique-se de não me soltar durante a noite.

— Jamais. — Ele beija meus cabelos. — Agora durma.

Sinto o aperto dos seus braços firmes em volta do meu corpo, meus olhos pesam. Sei que o barulho que ouço ser reproduzido em minha mente é apenas uma simulação ansiosa do que vem assim que o sol nascer, mas eu quero esse barulho, essa tranquilidade, o café da manhã com as crianças gritando na mesa, onde toda a conversa será regada

a “você lembra?”.

Preciso deixar tudo que odeio para trás. Tudo que não consigo suportar. Preciso deixar meu emprego, as manipulações e me tornar a Ella que todos os dias sonho quando minhas pálpebras fecham. Preciso me tornar essa Ella, porque lembro o primeiro segundo que ansiei por ser alguém que não era. É nesses momentos que você percebe o quanto é desconfortável viver em você, quando o mundo exterior é um acúmulo de coisas que não a satisfazem.

Não sei como chegarei lá, ainda não, mas lembro dos dois passos que dei recentemente, e caramba, estar acompanhada nunca foi a melhor coisa. Não estou sozinha.

Não estou sozinha.

Não estou sozinha por toda uma eternidade.

18

Tudo em mim pulsa em medo. Dou passos em direção à cozinha, agradeço mentalmente por não ter me importado tanto com a roupa de ontem, agora não parece que estive numa balada. Meus passos incertos, regados a pernas bambas. A mão de Romeu está apoiada no meio das minhas costas, busco equilíbrio interior para lidar com tudo ao mesmo tempo. O toque e a sensação causada, o ambiente externo e as vozes felizes.

Meus olhos chocam-se com a imagem quase vulgar de tudo que não tive, não evito travar o próximo passo, minha ação agora é assistida quase por todos, forço um sorriso sair para os lábios. Um homem está nos olhando, ele expõe um sorriso nos primeiros segundos, Nath ergue a cabeça, parece um pouco mais destruída do que eu.

— Está me ouvindo, Alberto? — A mulher que está virada para o balcão questiona o marido. Diante do silêncio quase constrangedor, ela vira-se. — Oh, filho, desculpa, não sabia que tinha

PERIGOSAS ACHERON

companhia.

— Mentira, sabia sim — o homem rebate, Nath dá de ombros. — Bom dia.

— Quanta grosseria, Alberto — ela repreende. — A menina... a mulher vai se sentir desconfortável.

— Joana, mais cedo ou mais tarde todos ficamos desconfortáveis em nossas próprias presenças. — Sorrio, sem evitar achar aquela conversa engraçada. — Então, Antonella, sente-se.

Olho para Romeu, que assente com a cabeça. Nath busca uma banana e tenho certeza que a promessa de jamais beber na vida sairá da sua boca em algum momento. Tomo a cadeira que fica mais afastada, Romeu mantém-se em silêncio. Seu pai tem um sorriso divertido, que me lembra o próprio sorriso do filho.

— Não tem problema — aviso, realmente usando uma força sobrenatural para não corar diante de todos. — Aliás, bom dia e desculpa por ter invadido sua casa no meio da madrugada.

— Não tem problema, querida — a mãe de

Romeu responde. — É nosso prazer tê-la para o café da manhã, as pessoas se preocupam com almoços e jantares, nossa família se preocupa com o café da manhã, porque é a principal refeição do dia.

— Muito inteligente — comento, sei que quase soei grossa. — E no almoço?

— Bem, no almoço, nosso legítimo sonho é que cada um nos deixasse ter uma refeição em paz — o pai de Romeu provoca. — Não sei, Ella. Acredito que você mora sozinha, não é? — Assinto em concordância. — Agora pense chegar o final de semana sem poder fazer uma única refeição em silêncio. Pinte a imagem em sua cabeça: Nathalia jura que tem dez anos e Romeu oito, então temos quatro crianças e uma adolescente.

— Quatro? — Estou em dúvida.

— Romeu, Nathalia, Bella e Vicente. — Ele conta nos dedos. — Adiciona a Grazielle que com certeza é uma adolescente, é como a pior de todos. E sim, a mãe.

— Ella! Estava me questionando quando a veria novamente. — A mulher rompe a cozinha e
PERIGOSAS ACHERON

passos curtos e gritos finos inundam a cozinha.

Romeu olha para a irmã e faz um gesto com as mãos com interpretação clara: *O que infernos você está fazendo?* Toco sua perna por debaixo da mesa, nossos olhares se encontram no meio.

— Tia! — Bella vem até onde estou, exige sentar em meu colo, enquanto busca uma banana.

— Ei, Bella, como está? — Ela ignora minha pergunta, descascando a banana de modo desajeitado. — Então, desculpa pela invasão.

— Já que estamos aqui, lembrando que o aniversário de nossa avó está próximo — Grazi ressalta. — Temos pouco tempo para organizar a festa. Dois meses é pouco, mas acho que...

— Você tem tempo, Grazi — Nath interrompe.

— Não comecem — Romeu intervém. — Grazi, faça a lista, anote o que cada um pode fazer, assim ficará melhor.

— Obrigada, meu único irmão — Grazi rebate. Alberto faz um gesto com a mão mostrando do que ele estava falando agora a pouco. — Enfim, Ella, nos fale sobre você.

Direta no ponto como uma flecha encontrando o centro do alvo. Eu sabia que no segundo que atravessasse aquele portão essa seria minha realidade, tento ao máximo não respirar fundo, Romeu pega minha mão em um gesto terno, todos olham, eles sabem quem são, como deveriam ser menos um pouco, mas não são. Você tem que sobreviver, apenas.

— Filha única — pontuo. — Advogada e provavelmente muito entediante.

— Advogada? — Alberto questiona. — Não parece.

— Por obrigação, não se preocupe — brinco.
— Não tem uma longa história. Meu pai é advogado, ponto.

— Adoro longas histórias — Alberto lamenta —, mas não parece haver uma história longa mesmo, Ella. Você tem alguma alergia a alimentos?

— Não, senhor — respondo rápido.

— Seremos amigos, Ella, não precisa me chamar de senhor. — Sorrio tranquila, enquanto todos estão me olhando. — Quem você acredita

que irá me ajudar a livrar-me dos esqueletos do armário?

— Será um prazer, Alberto. — Nath sorri da resposta. — Não se preocupe, nós iremos arquitetar tudo perfeitamente.

Romeu meneia a cabeça com uma indicação de “eu avisei”. E uma sensação familiar invade meu corpo, porque aquelas palavras poderiam causar aversão, mas elas não causam, elas provocam um calor paterno, é assim que Alberto é. Ele permite que os filhos morem aqui porque quer vê-los com frequência. Por mais que brinquem sobre partir, eles os protegem como crianças, é instinto de pais de verdade. Pais de verdade aprendem a lidar com a diferença entre eles e seus filhos. Pais de verdade sabem que nem sempre expulsar para fora do ninho será a melhor opção, que seu filho homem morar aqui e dividir o café da manhã com ele não o faz menos homem. Ele tem um relacionamento saudável com os três, talvez, o que não teve, sempre podemos mudar, isso é um fato. Alberto está fazendo o melhor que pode para seus filhos sorrirem, sua esposa tem bochechas coradas, e suas

filhas sorrisos alinhados, mesmo que ele, como pai, não concorde com suas decisões, ele não se importa que quebrem a cara, porque como pai, seus braços estão abertos para a volta.

— Sabia que você era a escolhida. — Ele pisca o olho para o filho e sorrio.

Uma sensação de arrepio percorre minha espinha dorsal, nesse momento quero pegar o rosto de Romeu entre minhas mãos e beijá-lo. Eu quero dizer para a árvore me prometer duas eternidades, e quero pedir a Gabriela que ateste minha insanidade, porque meu coração disparado é mais forte que qualquer badalar de um sino na torre de uma igreja, é alto, claro e emocionante. Meu sangue está fervendo, tenho medo de uma convulsão.

A mãe de Romeu vem em minha direção, coloca uma caneca de café em minha frente, aperta meu ombro duas vezes. Bella busca o pedaço de bolo, enfia em minha boca, subitamente meus olhos estão emergindo lágrimas. Romeu nota, sorri, beija minha têmpora, engulo em seco junto com o bolo.

E um dia eu tinha certeza que a sensação de ser feliz não existia. O bom é que estava errada.

Grazi muda o foco da conversa, informando o quanto de trabalho Vicente deu para fazer as atividades da escola, como estava a levando a ter estresse, sua mãe passou a mão nas costas aliviando com seu toque materno a angústia da filha, naquele momento meu coração se comprimiu um pouco. Bella ainda permanece em meu colo, não pude evitar apertar mais um pouco meus braços em volta do seu corpo pequeno. A menina exala cheiro de xampu de bebê, lembro do cheiro quando dei banho nela. A cozinha tem aroma de comida fresca, as vozes harmônicas soam como música. Eles estão sorrindo. Meus olhos ardem com a cena tão inédita, nem mesmo quando tinha madrastas era assim em minha casa, eram momentos secos, insípidos e quase robóticos.

Não sei qual o momento que tudo isso começou a importar, como começou a importar diante dos meus olhos, como ter medo de perder parece duas vezes pior agora. Aqui, tão imediato, a voz na minha cabeça diz que pode ser uma miragem de tudo que não irei conseguir manter. E eu quero manter, mas para isso, terei que trabalhar em mim,

ser mais um tipo de pessoa que gosta de pessoas.

— Nath, lembra do Felipe Rocco? — Romeu apoia o braço no encosto da minha cadeira, parece que estamos abraçados. — Irei ilustrar o próximo livro dele.

Meu devaneio é abortado por Romeu, quase solto um obrigada.

— Não! Sério? — Parece que a ressaca fugiu. — Isso é... tipo. Uau.

— Eu o conheci ontem — Romeu conta animado. — Vai ter um evento com todos eles. A Giovanna que você conheceu também estará lá.

Romeu está animado, como se estivesse no emprego dos sonhos, me pego sentindo uma pontinha de inveja, afinal, todos os dias levanto querendo inventar uma dor de cabeça, uma tia morta, mas não posso matar minha família para meu pai.

— Ai, Romeu, você *precisa* me levar — Nath implora. — Eu amo o Felipe. Meu Deus! Apesar de que não li o último livro dele.

— Então não o ama tanto assim — Romeu

provoca a irmã, que ameaça jogar uma colher. — Ele é um cara bacana. Gosto de como a editora aprecia a opinião dos escritores, eles são bem flexíveis.

— E eu gosto que você conhece o Felipe. — Ela recolhe os ombros e pisca os olhos tentando encantar o irmão. — Te amo, te amo, te amo, Romeuzinho.

— Interesseira — Romeu rebate.

— Pai! — Nath finge uma voz chorosa.

— O quê? Isso é puro interesse sim, Nathalia — Alberto rebate dando a vitória ao filho. — Bella tem uma nova tia preferida. — Ele aponta para a menina em meu colo. — Ella, brincadeiras à parte, sei que nesse momento você quer fugir, mas é quem somos. Espero que Romeu tenha a preparado para esse momento.

— Não se preocupe. — Aperto a perna de Romeu por debaixo da mesa. — Estava consciente de tudo quando assinei os termos e condições de ultrapassar seu portão.

— Eu gosto de você, Ella. — Ele olha para a

esposa, ambos trocam um sorriso, como se fosse um código de aceitação. — Você nos faz sorrir.

— Vocês sorriem até do vento — Romeu interrompe.

— Somos felizes, você que é chato para cacete. — Alberto põe a mão na boca. — Bella, vovô nunca disse isso.

Alberto empurra o ombro de Romeu como se culpasse o filho por isso, todos estamos rindo, porque Bella está rindo pelo avô ter empurrado o tio, foi engraçado. Romeu arranca Bella do meu colo, a menina se agarra a ele como se fosse seu bote salva-vidas, eu entendo Bella, eu dormi com meu bote salva-vidas também.

Tão próximo, tão quente, tão vivo.

E tudo que penso é no quanto eu quero essa felicidade, esse café da manhã aos domingos, um avô que fala cacete e que nesse momento está dizendo que Romeu precisa relaxar mais e ouvir AC/DC. Sorrio, porque não consigo ver Romeu ouvindo um rock tão clássico. Até que eu notei que é verdade, vivo fazendo projeções de Romeu o tempo todo, melhor abandonar essa abordagem e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me submeter a expedição por esse homem, por esse corpo, por essa alma, e no final colocar uma bandeira vermelha dizendo que o conquistei.

PERIGOSAS ACHERON

19

Que Romeu é irritado todos nós sabemos, ele sabe, seus pais sabem, o universo não liga, porém temos a consciência que o homem ao meu lado, segurando meus dedos enrolados aos seus está sem uma gota de paciência, mas a culpa é dele.

— Por que veio então? — murmuro, quem está ficando sem paciência sou eu.

— Eu estava com saudades — confessa. Paro, lhe dou um beijo no rosto e ele sorri. — Você trabalhando, eu trabalhando, parece que vivemos em função de mover a máquina capitalista.

— Achei que amasse seu trabalho. — Ele sorri novamente.

— E amo, Ella — declara com uma voz preguiçosa. — Só não gosto do fato de meu trabalho tirar um pouco do nosso tempo juntos.

Dramático, como sempre. Estamos de mãos dadas em um shopping num domingo, mais casal

impossível, as pessoas nos olham, mas sei que olham para ele, com seus cabelos recém-cortados, não sei como fica melhor, grande ou curto, mas decido que é quando meus dedos estão enrolados neles.

Romeu e eu não transamos, ainda. O que é um mártir, claro. Não dormi mais em sua casa, mas não deixei de invadir o café da manhã, porque aos domingos nós corremos juntos. Sim, Romeu, Nathalia e eu. Somos amigos. Ele é amigo dela, eu sou amiga dela, estranho, muito estranho, conveniente então, a Vitória meio que também é uma amiga, a Mari se encantou por um cara, aceitou a derrota e eu sorri. Afinal, é um puta troféu.

— Você irá preparar alguma receita especial para o jantar hoje com Cecilia e Max? — Ele volta a falar, quase alto o suficiente para todos a nossa volta ouvirem. — Ou posso mandar uma mensagem para minha mãe pedindo algo. O que acha?

— Sua mãe está cansada, não? — Ele nega com a cabeça. — Está bem, melhor que um desastre

queimado. Eles não merecem isso. O que eu compro para sua avó? O aniversário está chegando, você não me deu sequer uma sugestão.

Está digitando habilmente com uma mão, me deixa falando sozinha, vou olhando em volta, sei que passou um pouco da hora do almoço, o shopping está lotado, as filas para o cinema estão transcendentais, sinto vontade de tomar um sorvete.

Aos domingos, depois da corrida, nós tomamos café, depois do café nós brincamos com Vicente e Bella. Alberto coloca seus clássicos do rock, e ele tem uma tatuagem no braço, quase infartei quando vi, o pai de Romeu é descolado, enquanto seu filho está sempre gladiando entre o rabugento e o fofo.

São dois meses assim, três meses desde que conheci Romeu, um quarto do ano. Do ano que subestimei quando os fogos foram estourados no céu. Pensei comigo: *Esse ano é apenas um ano, é só a virada do calendário, nada demais.* Ledo engano, ria de mim, mundo. Gargalhe com força, vontade, exhiba meu erro diante dos meus olhos, engane mais meu pobre coração, mas esse calor, essa chama tem que permanecer, porque esse ano,

PERIGOSAS NACIONAIS

quando for a hora de virar o calendário, eu vou acender os fogos de artifícios com essa chama. Decidido.

— Sorvete? — ofereço, apontando para o espaço.

— Você quem manda, Florzinha. — Piegas, enjoativo, dane-se o mundo. Eu adoro esse apelido ridículo.

Seguimos até a sorveteria, há mais uns casais lá dentro. Uma família e seus dois filhos. Há amigas batendo selfies e dando uma olhada descarada em meu... Romeu, claro. Há pessoas lá dentro.

— Do que você quer? — questiono, mandando um olhar desafiador para as meninas. Porque pelo amor de Deus, será que elas podem não olhá-lo? Achei que éramos uma irmandade, mas pelo jeito o sentido só existe em teoria.

— Posso roubar do seu? Não estou a fim de sorvete. — Assinto, ele vai até a mesa, esquecendo o ambiente.

Ele senta na cadeira, continua mexendo no celular, como se estivesse jogando. Tiro meu foco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

das garotas, até porque elas são novas demais, sem noção demais também, peso o sorvete e pago. Quando chego na mesa faço questão de levar a primeira colher cheia de cobertura à boca de Romeu, ele recebe e sorri. Selo nossos lábios por dois segundos. Possessividade é uma das coisas que odeio, Gabriela disse que na verdade é meu medo de perder, bem, e é mesmo, então tento relaxar.

— Olhando o calendário? — Ele não me olha, mas está encarando os números. — O quê? A menstruação atrasou? — Ele sorri, ainda sem me olhar. — Você me jurou, homem, que estava usando a pílula.

Toca meu joelho, deposita um aperto estranho, meu sorriso se desfaz.

— Três meses que nos conhecemos. — Ele mostra o calendário. — Aquele dia, Ella, não sei se já pedi desculpas suficientes ou se um dia conseguirei. — Suas palavras me cortam, porque são sérias. — Aqueles dias tão nublados e chuvosos. Não sei como... como a encontrei.

Aqui, agora, na sorveteria. Tinha que ser Romeu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hoje, quando acordei e notei que era domingo. — Seu sorriso se torna tímido. — Notei que havia um significado novo. Claro que os momentos em família sempre foram balanceados, regados a grito de criança, o rock'n roll do meu pai, ao cheiro da comida da minha mãe. Esses sempre foram os domingos. E por um tempo é como se o som não tivesse áudio, nem a comida sabor, os gritos eram irritantes, me odeio por ter odiado todos os domingos dos últimos seis meses. Eu sempre pensava: *Será que eles podem parar? Será que importa para eles que fui partido ao meio?* No final, Ella, no maldito final, importava cada estilhaço que ficou no chão. Meu sangue jorrou neles, o que estavam tentando fazer era seguir uma rotina, porque rotinas são boas e saudáveis quando se é em família. Eles me deram espaço, abraços e contaram piadas ruins. Todos eles.

Um nó enorme se forma em minha garganta, sua voz é baixa, rouca e abafada pelo sistema de som que toca alguma música pop americana. Inclino mais um pouco no banco único, seus dedos deslizam por minha pele exposta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu fui ingrato por seis meses. — Volta a falar. — Não queria ter sido. Há pais que não são mais felizes juntos, os meus são, Ella. Eles são felizes, meu pai me abraça ainda, ele me beija, e sinto que sempre será assim. Mas em seis meses, eu me perdi profundamente. Não queria que ninguém me amasse, nem mesmo meus pais. Chegar a este nível de tristeza é horrível. Era incapacitante. Eu sei que tudo que fizeram, me obrigaram, foi para meu bem, no final, aceitei aquela viagem porque não aguentava mais eles. Não quero dizer que você me curou ou algo patético assim. Só quero dizer que sua luz me queimou, sua voz me quebrou, e juro que vi a rotação da terra mudar diante de meus olhos. Domingos não são mais apenas domingos, domingos são o início da semana, o dia que passo com a garota mais animada que conheci na vida. Você foi a marreta em meu muro de lamentações, seu sorriso deveria ser emoldurado, porque para mim, ele vale mais do que qualquer coisa valeu nesse universo.

Não evito chorar, dentro de uma maldita sorveteria. Eu quero matar Romeu. Porque é

PERIGOSAS ACHERON

realmente patético. É ridículo. Uma mulher adulta chorar na porra de uma sorveteria.

— Por que isso? — Consigo dizer.

Estou me sentindo ridícula, tremendo, respirando em lufadas, as pessoas vão notar em breve.

— Ella, não tem como segurar essa pergunta por mais tempo, porque ela é tão ridícula quanto nós dois juntos. Somos aqueles filmes que as pessoas cantam no meio, do nada. Somos o sitcom mal escrito com piadas talvez um pouco escrotas demais para ir ao ar. Nós somos isso, Ella. O combo estranho entre o designer e a fotógrafa frustrada. E fico pensando em nosso futuro, em quantas fotos irei odiar, até vê-las; em quantas fotos irei amar por saber que foi você quem tirou. Eu quero ser seu namorado, Ella. Bem, não é exatamente uma pergunta, é uma afirmativa, perguntas são dúvidas.

— Então está tudo bem com seu ciclo menstrual? — Não consigo não fazer piada.

— Calma, Florzinha, você não será mamãe — ele responde, gentilmente. — Eu a quero, Ella.
PERIGOSAS ACHERON

Porque quero seus domingos, quero também ignorar a regra da ligação. Dane-se Jake Gyllenhaal. Eu sou seu namorado.

— Você é mais lindo do que ele. — Toco seu rosto. — Será uma honra, meu Romeu. Será uma honra ser sua namorada. E nós seremos um casal chato e piegas. E eu vou tocar todos os seus lápis.

— Então, não funciona assim — ele repreende, mas se inclina até meus lábios. — Ainda falta muito para conseguir tocar meu material de desenho.

Suas palavras soam com duplo sentido, apenas nego com a cabeça.

É exatamente a cara de Romeu, fazer algo extremamente aleatório como decretar que será meu namorado em uma sorveteria, enquanto rouba meu sorvete. O que posso fazer? Permitir que roube. Não será o primeiro assalto, sinceramente, estou pronta para lhe dar tudo.

Minha perna está apoiada na sua, ele leva a colher com sorvete à minha boca, ele afirma que sua mãe está preparando uma sobremesa para o jantar na casa de Cecilia e Max hoje. Sinto-me PERIGOSAS ACHERON

totalmente parte da família. De uma família.

Algo que nunca esperei pertencer.

Tenho um namorado, às vezes chato, às vezes romântico, mas sempre prestativo, que me abraça forte e cheira meus cabelos. Ele canta músicas antigas em meu ouvido, e espera que eu traduza, nós dois vivemos assim por vários dias. Por vários domingos.

A noite sempre me despeço, dona Joana sempre faz algo para eu almoçar na segunda, me abraça forte, quase me faz chorar quando diz: *Fique menina, não precisa dormir sozinha*. E eu quero ficar, mas não dava, porque era demais, era rápido demais, eu sabia, Romeu sabia. Gabriela sempre diz: *Tome seu tempo*.

E eu tomei, estou tomando sorvete com meu tempo. E ele é lindo que dói em minha estrutura óssea. E ele vai ficar para dormir.

20

Outra vez vim buscar minha donzela, é assim que Nathalia se refere ao irmão preguiçoso demais para dirigir. Romeu diz: *Mulheres lutam todos os dias por direitos iguais, Nathalia, pare de achar que eu tenho de dirigir porque sou homem.* Lutamos mesmo, todos os dias, mas Romeu também é preguiçoso demais para dirigir, usar um discurso desses para justificar sua falta de coragem de encarar o trânsito é injusto, mas o que posso fazer? Aprenderia a pilotar uma nave espacial por ele. Seria minha donzela intergaláctica. E, às vezes, eu gosto mesmo de sermos assim. Ele não está nem aí, nem eu. Somos nós dois. Em nosso tempo. Iguais e diferentes. Os extremos paradoxais.

Aliás, aliás, aliás ele é meu namorado.

Poderia gritar em plenos pulmões do prédio mais alto da cidade ou do mundo. Óbvio que seria apenas nada, se perderia, mas gritar é bom. Apenas libertador. Puta que pariu, eu tenho um namorado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Não, não. Eu tenho um Romeu. Caramba, Romeu! Romeu. Ele é Meu Romeu.

— Diga que meus quadris cabem nesse vestido — Nath diz ao abrir o portão numa recepção bem calorosa, como sempre. — Gostei, Ella. Nunca vi ninguém tão bem vestida com qualquer roupa.

— É só um vestido idiota. — É casual, apenas justo e ainda estou de tênis. — E sim, seus quadris cabem aqui. Sinta-se à vontade para isso.

— Ella, eu amo você. — Suas mãos vão ao peito para enfatizar, sinto meu rosto esquentar. Claro, não é como se fosse Romeu, mas no geral, nem lembro se meu pai ou outro ser humano me disse isso na vida. — Grazi é bacana, mas sabe, eu sempre quis uma garota como você.

— Também amo você, Nath. — Dona Joana aparece na porta da casa, com as mãos nos quadris.

— Nathalia, pare de tentar roubar a namorada do seu irmão! — Nós sorrimos, ela também sorri. — Às vezes quero botar todos de castigo, por que não me avisaram cedo que queriam uma sobremesa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Caminho em sua direção, ela me abraça em cumprimento. Sua mão pousa em meu ombro, sorrio, porque aqui é a única coisa que consigo fazer.

— Eu não queria incomodar, Romeu quem foi o ousado da história — defendo-me.

— Não precisa, eu amo cozinhar — afirma. — Só gosto de saber com antecedência.

Nós adentramos a casa, o cheiro é extremamente familiar. Alberto está vendo um filme muito barulhento com Vicente, lembro que Grazi informou que iria sair com Fábio, mas quem ficaria com Bella eram os irmãos do seu marido. Tudo é bastante equilibrado aqui.

Alberto me nota, aponta para o sofá, faz um gesto com a cabeça para a TV.

— Filmes de jovens às vezes me dá uma agonia. — Não questiono qual filme é, mas Vicente repreende o avô com um olhar duro. O perfume de Romeu invade o espaço, seu pai o olha de cima a baixo de modo engraçado. — Sua carruagem chegou, majestade. Demorou muito passando *pó de arroz e rouge?*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quem fala pó de arroz? — Romeu questiona.

— O pai de quem fala à mercê — rebato. — *DNA is a bitch.*

— Tão engraçado — ele retruca, dou de ombros. — Vamos?

Dona Joana grita que a sobremesa está na mesa que fica perto da saída, eu grito de volta em agradecimento, não faço ideia do que seja, apenas estou grata, porque comida comum e macarrão instantâneo eu domino, mas sobremesa, nunca.

— Então... — começo, nervosa, assim que chegamos à sobremesa. — Que tal se você ficasse comigo essa noite? Sei que amanhã é segunda, mas eu pensei que...

Ele aponta para baixo, ao lado da saída tem uma mochila. Sinto meu rosto queimar em brasas acesas. Queimaduras de terceiro grau. Meu Deus, Romeu, prepare meu coração quando for se voluntariar para dormir comigo.

— Não estava brincando. — Ergo minhas sobrancelhas, estamos sussurrando. — Eu quero

PERIGOSAS ACHERON

você, Ella. E dormir com você faz parte do pacote.

É, agora é oficial. Meu coração virou uma linha reta no monitor cardíaco da vida. Meu corpo está tão frio quanto a porta do iceberg no Ártico. E a respiração parou. Suas palavras estão ecoando em minha cabeça.

É isso. Nada mais.

Somos um maldito casal.

*

— Então, agora que jantamos. — Literalmente finalizamos, Cecilia olha para Max que assente. — Nós temos novidades!

Olho para Romeu e sorrimos, porque parece um bom dia para todos, e bons dias no geral são estranhos.

— Estamos grávidos! — Oh. Uau. — Tem um bebê dentro de mim!

— Meu Deus, Ceci! — respondo animada. — Ah, que maravilha! Eu trouxe seu álbum prontíssimo. Agora teremos um novo projeto, nem acredito.

— Dessa vez iremos pagar! — Continua

PERIGOSAS ACHERON

animada.

— Não mesmo — respondo, sem dar chances.
— Meu prazer. Não estrague meu hobby com dinheiro ou bato no Max.

— Em mim? — Max responde exasperado.

— Sim, não posso bater nela. — Ele assente. —
Então, é isso? Estou tão animada. Que lindo!

— Então está tão animada porque está planejando uns? — Max provoca.

— Claro que não! — Semicerro os olhos para ele. — Estou animada por vocês, seu bobo. Animada por vocês terem conseguido. Não quero filhos nem tão cedo. — Ambos olham para Romeu que nega com a cabeça. — Acredite em mim, é melhor para o mundo que não encaremos a maternidade tão cedo.

Cecilia está cobrindo a boca com a mão, Max negando com a cabeça.

— Nós estamos namorando — Romeu confessa, como um garoto da oitava série.

— Sério? — Cecilia pergunta entusiasmada. —
Oh, Romeu. Você ganhou na loteria! Tudo, tudo no

universo tem dois lados. A dor nunca é em vão. Pessoas saem de nossas vidas para dar espaços a outras. Nem sempre uma perda é legitimamente uma perda, às vezes é o maior livramento, o rompimento das correntes do comodismo. Eu disse a você que esperasse, porque é isso Romeu. A vida é o simples gesto de deixar as coisas irem embora, mas as que permanecem, bem, são nossas raízes.

Ele está encarando Cecilia como se aquela conversa tivesse acontecido antes, como a forma que afirmou cada palavra ali naquele momento. Ele solta o ar, leva uns segundos até olhar para mim, porque as palavras de Cecilia mexeram comigo, mas com ele, parece ter sido o sopro sobre os pequenos arranhões, aqueles que aliviam o ardor da ferida.

— É ela — Romeu diz para Cecilia.

— Algumas certezas nascem e massacram as dúvidas — ela responde calmamente. — Eu avisei, meu amigo, avisei com todas as letras.

— Obrigado, Ceci. — Ela dá de ombros.

— Sempre que precisar. — Ela levanta e avisa que trará a sobremesa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma conversa íntima entre amigos, dita em voz alta, mas nem Max e nem eu temos coragem de interferir no momento. Fico feliz. Ele tinha alguém quando acreditou não ter ninguém, no final, eu acabei tendo *alguéns*, pessoas, humanos respirando, abraçando e dizendo: *Ei, Ella. Vamos ao cinema? Vamos ao shopping? Hoje só quero pizza.*

Essas frases partem de Nath, Vitória, no outro dia fui comprar plantas com Grazi. Cada dia é mais fácil. Gabriela também acredita que é fácil, foram poucas sessões, mas ela disse que meus deveres de casa sempre são feitos com sucesso, como ligar para meu pai fora do escritório para saber como ele está, mandar mensagem inesperada para minha família que mora longe, fiquei sabendo que minha prima está fazendo mestrado e sofrendo muito, às vezes ela envia uma mensagem e eu a faço sorrir.

Foram dois meses completos desde que decidi me importar. Sinceramente, fico envergonhada por ter temido. Não era uma boa pessoa, quem teme relações? Fico feliz por ter a Gabriela ao meu lado, Romeu, Nath, Vitória e por Ceci permitir que eu tire fotos de sua barriga.

PERIGOSAS ACHERON

Gosto do movimento da minha vida. Da corrida na orla. A água de coco sempre parece mais doce depois das gargalhadas. E Nath gosta mais de *Star Trek* do que de *Stars Wars*, e a briga com o irmão é infinita por galáxias afora.

Como dizia a série adolescente: *peessoas mudam peessoas*, e sei exatamente do que eles estão falando. Não serei Antonella por muito tempo, porque todas essas peessoas mudaram essa peessoa, para apenas Ella.

21

Meu coração não sabe mais bater. Sim, estúpido coração errando as batidas. Poderia soltar uma gargalhada aqui, se não fosse as ondas de adrenalina correndo em minha veia, como se estivesse prestes a me colocar para correr dali.

Romeu parece relaxado, provavelmente mais do que eu. Tudo que meu coração ecoa é a promessa de ficar a noite, não a noite “ah, vamos dormir”, mas a noite com meu namorado. Puta que pariu! Eu rompi tantas barreiras dentro de mim que não pude olhar para trás, mas sinto que o percurso foi imenso, e não estou perdida.

— Cecilia grávida, hein? — Solto ao passar a chave na porta, engolindo em seco para tranquilizar meu coração. — Quem diria que aquela ilha é tão precisa em seus presságios.

Ele vira-se para mim e sorri. Seu sorriso. Mais iluminado que o sol.

— Você acha que seremos eternos?

— Não é o que todos pedem quando começam?

— rebato, ele olha para o chão.

— Eu quero que seja real. — Sou eu quem perde a noção de sustentar o olhar. — Você mudou todas as frequências para mim. Parece só haver uma forma de me sentir desse jeito, se for um sinal emitido por você.

Ele pega minha mão, ambas estão geladas. Aos poucos me envolve em um abraço quente, minha cabeça recosta em seu ombro. Inalo seu cheiro familiar, aos poucos nossos corpos se unem.

As batidas do meu coração ecoam por meu corpo, estremecendo meus músculos, aperto os braços em volta do seu corpo, ele inclina o suficiente para recostar os lábios contra minha orelha.

— Todo segundo com você é a eternidade viva.
— Fecho meus olhos. — Todos eles são a composição do infinito que nossas almas levarão consigo quando deixarmos de habitar este lugar. Eu quero você, Ella. E penso que se esse for por meu pedido para cada estrela que despenca do céu, os
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

deuses, meus amigos, o farão real. Tão crível como a mulher que está entre meus braços agora. Não conte nossas horas, nossos dias, nossos anos. A noção de eternidade não remete ao tempo, remete ao nosso sentimento de pertencimento um ao outro. Mudou a frequência, a rotina, a visão e o sabor. Eu quero estar ao seu lado, porque você importa para mim, e, às vezes, sinto todas essas palavras sufocarem em meu interior, então precisava trazer para cá, mesmo acreditando que afirmações são coisas que não devemos fazer com frequência. Neste caso, estou informando um fato, para que possa ouvir pela primeira vez, o quanto estou disposto a ser seu namorado.

Deslizo minhas mãos por suas costas, mas apoio meus braços em seus ombros, inclino o suficiente para encontrar seus lábios, com a sutileza de uma brisa encosto um no outro. Ele volta a se afastar, seus olhos brilham, suas mãos tomam meu rosto, mostram que toda tempestade começa com um vento que pode se tornar um belo tornado quando sua língua encontra a minha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

22

Precisei mudar minha sessão com Gabriela, como o aniversário da avó de Romeu é no sábado, preferi não fazer nada correndo na sexta. O único momento que ela tinha livre era o primeiro horário da manhã, topei sem nem questionar, apesar de que me tirou alguns minutos mais cedo da cama.

Nem consigo expressar em palavras o que é acordar com Romeu. Sempre tenho medo, claro, que ele note que é um erro e fuja como uma presa de seu leão feroz, mas não, ele continua vindo, calmamente, com beijos, abraços fortes e ideias ridículas sobre qualquer coisa que ele tenha visto. Não consigo parar de sorrir. Minha mandíbula irá cair, tenho certeza.

Hoje fui gentil com Gabriela, contei sobre tudo, sobre a semana e o encontro de domingo pela manhã. Como meus laços com as crianças estão se tornando fortes, seu maior questionamento é se eu estou me sentindo desconfortável.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Um pouco. — Inalo o ar com força, sentindo a palpação de toda excitação em meu corpo. — Eles são crianças, sou adulta, não esperei criar um laço, nem brincar, não esperei que alguém fosse me chamar de tia, até porque não tenho irmãos, não esperei por nada disso.

— O que fazia dar a entender que não teria isso? Tios não precisam ser de sangue.

— Eu sei, mas se no geral não tenho amigos, nem irmãos e meus primos moram longe, estaria bem distante de tudo isso. Gosto de ser a tia Ella. É engraçado, adulto até.

— E o que mais aconteceu nesses dias?

— Bem, fomos visitar Cecilia e Max, eles enfim estão grávidos, estou feliz por eles.

— Feliz? Isso é bom, não é?

— Sim, eles queriam tanto, mas ao mesmo tempo vi que é uma coisa que irá demorar muito para mim. Ali, era fantástico, mas não vejo crescendo um bebê dentro de mim. Não agora. Vejo o cansaço em Grazi, sinto que não é o que quero para minha vida em bons anos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela assente devagar, sinto que estou apertando meus dedos com força.

— Você e Romeu tiveram uma conversa assim? — Meneio a cabeça. — Parece certa que é algo que você não quer, mas quando somos um casal, algumas coisas precisam ser decididas como casal.

— É como Romeu se sente — digo aliviada. — Nós conversamos coisas absurdas, é fato, mas também conversamos sobre coisas sérias. Aliás, ele decretou que é meu namorado.

Gabriela sorri tímida e seu rosto cora.

— E o que você achou do decreto?

— Acho que Romeu teve bastante paciência desde o primeiro segundo que me conheceu, ele fez perguntas, respeitou limites, estava no momento que baixaria o ditador. No geral foi bom. Eu entendi que era uma brincadeira, ele ficou nervoso e confessou que eu o ajudei a passar por algo difícil, como eu mesma já havia confessado que ele também fez o mesmo por mim.

— A declaração esclareceu algo para você?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, a declaração elucidou o fato de que sentimos as mesmas coisas. E eu fiquei feliz, porque meu coração bateu forte, pela primeira vez me senti apaixonada de verdade.

— Lembra o que me disse quando veio aqui pela primeira vez?

— Que eu queria me apaixonar.

— O que acha, Antonella?

— Naquele ponto achei que fosse impossível, hoje não sei como farei, menos um tópico para trabalhar.

— Você mudou quando decidiu mudar. Tudo mudou porque você mudou. — Ela olha para o relógio e sorri. — Bom dia, Antonella. Estou orgulhosa de você.

— Até a próxima sessão — despeço-me.

O vento bate leve em meu rosto quando deixo o consultório, mas tem especificamente vinte ligações perdidas do meu pai. Se o mundo pegou fogo, chame o bombeiro, não a mim. Desisto do café gelado, vou até meu carro, quase posso socar o volante. Esse aqui ainda me fará ficar na terapia por

PERIGOSAS ACHERON

anos.

**

Não há incêndio, mas a porta do meu escritório está aberta e ouço a voz do meu pai totalmente enfurecido. Apresso meus passos, querendo o alcançar em menos tempo. Quando chego à minha sala, sua sombra está lá com ele.

— Onde infernos você estava, Antonella? — vocifera. — Que merda de bagunça é essa?

Ele vai até a porta e bate com força.

— Estava na terapia — digo calmamente. — Geralmente acontece as sextas, mas tenho um compromisso, então precisei adiantar.

— Não me importa sua vida de boneca — rebate, ainda mais furioso. — Preciso dos processos que categoricamente pedi por e-mail ontem. Estou com os clientes esperando todos os contratos e você em terapia!

— Não finalizei. — Minha voz é um sussurro. — Não recebi o e-mail. Hoje é quinta, pai. Tente rever para segunda, dois dias não farão tanta diferença.

— Como chegarei para clientes e direi isso? Somos o quê? A droga de adolescentes recém-saídos da faculdade que não conseguem honrar um compromisso? O que está acontecendo, Antonella? Por que não consegue mais fazer seu trabalho?

Minhas pernas formigam quando suas palavras me atingem. Ravi está ali, evitando contato visual com nós dois, meu corpo parece que irá se desfazer como uma estátua de areia na praia.

— Eu consigo, só não sabia que eram prioritários — respondo, baixo.

— Não sabia? Como não sabia? — Ele parece que irá explodir. — Sinceramente, se odeia seu trabalho, é melhor que o pare. Fazer esse tipo de merda, é melhor que não faça.

— Pai...

— Não dá, Antonella. — Sua voz é firme. — Não dá para continuar assim. Relapsa, sempre pensando em outras coisas, esquecendo prazos ou os ignorando.

— Jamais faria isso de propósito. — Sinto as lágrimas descenderem.

— Talvez não, mas o que quer de mim, Antonella? — Meu corpo estremece. — Às vezes, parece que quer que eu adivinhe o que passa em sua cabeça, mas é impossível. Acho que você precisa se afastar.

— Afastar? — Minha voz é um fio.

Olho para Ravi, que encara o chão sem jeito. Meu pai olha em meus olhos, seu rosto não está mais vermelho ou tenso, sua respiração está se normalizando, sei o que dirá.

— Está demitida. — Dou dois passos para trás, sento-me no sofá. — Seja o que for que pensa todos os dias, apenas faça. Esse atraso vai me custar mais do que se tiver que ajudá-la em outra coisa.

— Pai...

— Entregue os acessos a Ravi — estabelece. — Depois vamos sentar e conversar sobre isso. Melhor tirar o resto do dia para pensar. Lamento por isso, filha.

Ele vira as costas, sai da sala. Ravi o acompanha, segurando uma pasta de couro. Meus olhos o assistem partir. Afundo no sofá, não são

PERIGOSAS NACIONAIS

dez da manhã, estou deprimida, sem emprego, quero Romeu.

Eu: Pode almoçar comigo?

Romeu: Tenho um almoço marcado com o pessoal, algum problema?

Eu: Nenhum, só senti sua falta.

Romeu: Correr a noite?

Eu: Leu meus pensamentos. Beijos.

Romeu: Beijos.

Afundo mais um pouco, as lágrimas voltam a cair. Deditada? Como consegui essa proeza?

PERIGOSAS ACHERON

23

Às vezes, tudo que você precisa é de uma sala escura com o áudio no máximo, onde caras maus fogem da polícia e dão tiros que não acertam ninguém, ou seja, desperdício de munição. Pior é quando eles claramente atiram para cima e acertam pneus, eu poderia ser uma diretora melhor de cinema do que muitos por aí, mas bem, deve ter muitos leigos que veem minhas fotografias e pensam o mesmo. É isso. O trabalho dos outros é mais fácil por não ser executado por nós. A vida do outro é mais fácil, claro.

Por que ficamos nessa de medir dores? Não somos as mesmas pessoas, nem mesmo cabemos dentro das mesmas roupas, existem tamanhos aproximados. Bem, o que quero dizer é que meu pai olhou em meus olhos e me demitiu. Sim, meu próprio pai, 50% do meu gene me demitiu.

Simples.

Dispensada por meu pai. Ele dizia: *Essa é sua*
PERIGOSAS ACHERON

herança, Antonella. Eu faço isso por você.

Quem diabos é demitido da própria herança? Inferno de vida! Pareço aquelas garotinhas mimadas de filmes americanos que o papai tira o cartão de crédito. É, bem, ele tirou, se eu estou desempregada, não tenho muito com o que viver. Não era bem esse meu plano. O que tinha esquematizado era outro, algo como: iniciar devagar, numa transição suave, como escolhemos quando estamos fazendo *slides* da faculdade, algo bem *PowerPoint*, melhorar, estudar e começar. Aquele emprego seria mantido até eu ter o suficiente para comer ao menos. Desempregada! Oh, meu Deus! É um ciclo vicioso patético. Sou o Romeu de três meses atrás. Eu estou desempregada e sem esperança. Com certeza ele vai tentar me animar, tudo que vou querer é enviá-lo para o inferno com o otimismo dele.

Caramba. Otimismo em situações assim é horrível. Preciso pedir perdão por tê-lo importunado com meu otimismo.

Vejo os créditos subirem na tela. Quando saio da sala, o rapaz que trabalha no cinema está lá, ao

lado da porta, sorri gentilmente.

— Aposta? — ele questiona. Ergo minhas sobancelhas sem entender. — É o terceiro filme que viu em um dia. É uma espécie de aposta ou faz resenhas de filmes para revistas ou blog?

Sorrio sem graça ou força.

— Apenas evitando a vida. — Ele assente.

— Tem jeitos mais baratos de fazer isso — brinca.

E concordo. Paguei valores inteiros para filmes ruins enquanto estou desempregada. Não pensei nesse plano direito.

— Dá próxima vez vou ler um livro. — Ele sorri, acena para mim.

Sigo para fora, é noite. Sei que aceitei correr com Romeu, mas não há força. Ele diz que está me esperando no local de sempre, sei que irei decepcioná-lo quando me ver assim, sem roupas de corrida.

Na orla, o encontro se aquecendo, como quando fazemos isso juntos. Quase me decepciono por não ter me esperado, mas é uma pena que será

em vão. Seus olhos me encontram, suas mãos pousam nos quadris, sua expressão se torna confusa.

— Corrida de salto não é apropriada, Florzinha.
— Sua voz mexe comigo, sem dar mais chances, vou ao ser corpo, o abraço com força.

Ele não entende o gesto, leva uns segundos até me abraçar de volta. Meus braços se apertam com força, as lágrimas voltam a descer. Nem mesmo sei porque estou chorando, odiava aquele emprego, mas é como se meu pai tivesse acabado de me expulsar da família.

Levo uns segundos presa ao seu corpo, até que ele segura meus ombros, afasta-me lentamente, com gentileza.

— Ei, o que aconteceu? — Com o dorso da mão ele seca minhas lágrimas, no mesmo instante outras descem por causa do gesto. — Ella, estou ficando preocupado.

Seguro sua mão, arrasto-o até o banco mais próximo. Nos sentamos, lado a lado, encolho em mim. Minha postura foi roubada, e talvez eu nunca tivesse notado que sim, aquele emprego era tudo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu tinha com meu pai, ele foi roubado. Meu coração balança de um lado para o outro, como se cada peça dentro de mim tivesse desajustada.

— Meu pai me demitiu. — Ele me olha, sei por minha visão periférica. — Ele fez isso na frente de Ravi. Eu perdi um prazo, ele gritou comigo. Estava na terapia, um dia antes havia perdido um papel, era tarde, precisava sair. Deixei tudo bagunçado, mudei a data da terapia, não deu tempo de arrumar, ele foi até lá e estava uma maldita zona.

— Meu Deus, Ella. — Ele não me toca. — Certo, e o que aconteceu depois?

— Assisti três filmes horríveis no cinema.

— Três? Isso aconteceu... Puta que pariu, Antonella! Isso aconteceu quando me convidou para almoçar? São quase oito da noite e você está fora de casa há o quê? Dez horas? Esteve no cinema por esse tempo todo?

— É loucura, eu sei — recosto no banco —, mas eu estava triste. Lá era escuro, ninguém veria meu fracasso. Quem é demitido pelo pai? Aposto que ninguém no mundo. Preciso de um plano.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não — responde. E eu o olho. — Claro que não precisa de um plano. Você tem um plano, você tem a mim também. Você é fotógrafa, Ella. Vai estudar para se aperfeiçoar mais, enquanto isso, vamos dizer ao mundo que está disponível.

— Não comece com seu entusiasmo, não me faça ser rude com você.

— Morrendo de medo de sua falta de educação. — Ele vira para mim. — Primeiro, antes de tudo, antes de todas as coisas bobas, você vai para casa comigo.

— Não estou no clima para romance — aviso.

— Antonella, quem não consegue se manter afastada é você, não estou a chamando para “romance” nenhum. Só tem algo que quero mostrar, em minha casa. Na verdade, são várias coisas.

— Que bom que estar desempregada é uma coisa boba em sua concepção.

— Mas é. — Ele pisca o olho. — Como eu vim dirigindo hoje, vou pegar uma pizza e nos encontraremos em minha casa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Romeu, eu sou pobre. — Segura minha mão, ficamos em pé. — É estranho.

— Eu pago pela pizza — debocha. — Enquanto não pedir uma banheira, está tudo bem.

— E onde irei banhar nossos filhos?

— Na pia de lavar pratos. — Estou gargalhando. — Útil ao agradável. Eles sairão de lá hidratados pela gordura remanescente das panelas de comida. Nossos filhos irão tomar banho de mangueira no quintal de casa, enquanto lavam o cachorro também.

Entrelaçamos nossos dedos, não consigo parar de sorrir.

— E teremos um cachorro?

— Sim, daqueles bem grandes e você irá odiá-lo porque ele será grande demais e sempre irá jogá-la no chão. Mas ainda assim, você vai amá-lo, porque você ama tudo, Ella. E nada lhe derruba.

Vou até sua boca, mergulho em seus lábios, agarro-me ao seu corpo, inalo nossa paz. É só um emprego. Terei filhos, cachorros e Romeu. Isso será minha herança.

PERIGOSAS ACHERON

**

Tomei banho, esperei que todo sentimento descesse pelo ralo. Romeu enviou uma mensagem confirmando os sabores da pizza, assim também certificou-se de que ficaria para dormir, senti um alívio no gesto, não conseguiria ficar sozinha nesse momento. Hoje não terei vergonha de invadir seu quarto e me prender ao seu corpo. Hoje não terei vergonha de nada parecido, só quero seus braços fortes, sua respiração quente e o conforto familiar.

Alberto abre o portão, deposita um beijo no topo da minha cabeça, indica que Romeu está no quarto dele. Dona Joana está deitada, lendo na rede, lança um beijo no ar; Nath não está por perto, sigo para o quarto de Romeu quase arrastando meu corpo que pesa umas dezessete toneladas.

O quarto cheira a pizza. Despejo minha mochila no chão, retiro as sandálias do pé, olho em volta. Ele sai do banheiro, aponta para a cama. Preciso colocar a mão na boca, porque quero sorrir e chorar.

Pijamas combinando. Quero sorrir, porque é parecido com a camisa que amo que pertence a ele,
PERIGOSAS ACHERON

uma das infinitas do *Star Wars*, mas nessa tem meu *nome*.

— Desenhei para você. — Ele está no outro extremo. — Gostou como seu nome se forma com o laser do sabre?

— Tão piegas. — Uma lágrima desce. — Romeu...

— Olhe para sua direita. — Meus olhos avançam com pressa em busca, quase os perco, eles irão pular da órbita.

É uma foto de nós dois. Um mês atrás, no parque. Quando levei minha câmera para fotografar pássaros. Minhas pernas travam, não consigo me mover ou respirar. Perder o emprego é algo bobo sim.

— Abra a próxima porta do guarda-roupa. — Ele quebra o transe, dou um passo, sem olhá-lo. — A eternidade é hoje, Ella. Minha mãe comprou uma toalha com seu nome, uma caneca de café e disse que aqui também pode ser o lugar que você foge de uma tempestade. Ninguém precisa viver sozinho quando tem a nós. Sempre terá aqui. Não me importo com o tempo, nem a lógica, foda-se as PERIGOSAS ACHERON

normas sociais. Eu quero você na terapia, todos os seus medos superados, nem que leve anos, Ella. Nada irá nos afastar.

Ele cala-se, esperando uma resposta, mas minhas palavras foram engolidas. Não tenho o que dizer.

— Aos domingos quando partia, minha mãe dizia que nunca viu ninguém tão triste, mas entendia seu receio, não estou dizendo que precisa mudar para cá, não é isso, só quero que entenda que aqui também cabe você qualquer dia que quiser ficar.

— Não precisa fazer isso... — Meus olhos estão embaçados, não consigo conter a água que jorra por eles.

— Preciso fazer isso por mim, garota. — Dá um passo à frente, soluço. — Preciso saber se dormiu bem, se comeu, se está respirando, Ella. Às vezes sinto a necessidade de saber que está viva no meio do dia. É confuso, maluco, quando noto que sempre *precisa* partir, sempre me leva com você. E eu odiei levantar a camisa para você, odiei receber uma foto de biquíni, odiei mentir que éramos um

PERIGOSAS ACHERON

casal. Odiei tudo tão profundamente, porque sabia que seria um erro. Porque agora eu amo tirar a camisa para você, quando mandar selfies em um provador para saber se está tudo bem, por mais que não entenda nada, agora somos um casal de verdade. E, às vezes, eu odeio amar você, porque não planejava amar ninguém, Ella. Amar é complicado, mas você transformou tudo em algo tão fácil, que eu amo amar você. Com todas as palavras. Acima de tudo, amo que todos a amem, porque sei que estamos amando a pessoa mais amável que conheci em minha existência, Ella. — Ele pausa, estou morta, mas estou bem. — Eu amo você.

Estamos frente a frente, nos encarando, sei que meu rosto está queimando, mas calafrios correm por minhas veias. Respiro em lufadas doloridas, minha saliva parece conter cacos de vidro. Não estava pronta para nada disso. Não estava pronta para ser amada espontaneamente por pessoas que considero sensacionais, nem que elas se importassem comigo ao ponto de fazer tudo isso.

O silêncio se estende, ele toca meu rosto onde

PERIGOSAS NACIONAIS

as lágrimas ferventes parecem derreter minha pele, me pego balbuciando coisas incoerentes. Ele apoia meu cabelo atrás da orelha, leva minha mão ao seu peito, inspiro o ar como aprendi na meditação.

— Não é um pedido — ameniza.

— É a maior confissão da minha vida. — Consigo dizer. — Você foi amado de volta algumas vezes. Você é amado de volta sempre. Essa é a primeira vez que alguém confessa em voz alta que me ama de volta.

— Não de volta — sussurra. — Eu não disse *também*.

— Mas eu dizia que o amava em meus pensamentos — confesso, tímida. — Então é de volta.

— Não, não é — rebate. — Agora você diz em voz alta.

— Eu amo você — confesso. — Sem também. Também não é bacana.

— Concordo. — Seus dedos escorregam por meu rosto, ele ergue meu queixo. — Eu amo você, Florzinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu aceito o maldito apelido. — Ele roça os lábios nos meus. — Maldita eternidade.

— Bendita eternidade — repreende. — Nós nos encontramos, Ella. Agora vamos ao que importa.

— Sexo?

— Não, pizza — ele responde, aponta para o pijama. — Você disse que não estava a fim de romance.

— Nossas brigas não têm sentido. — Tiro a roupa que estou, ele observa enquanto vou jogando as peças na cama, vestindo as outras. — O que é no envelope?

— Abra.

Ordena. Faço que o pediu, meus olhos são surpreendidos mais uma vez. É minha logomarca. Perfeita. Não consigo expressar o que estou sentindo.

— Caramba, você é bom. — Ele nega com a cabeça. — Ficou lindo, Romeu.

— Florzinha? — Tira a minha atenção da imagem e aponta. — Pode tocar meus lápis.

— Uau. Então você me ama de verdade? — Ele
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

assente. — Por que está fazendo isso?

— Enquanto for vivo, ninguém a fará infeliz.
— Meneio a cabeça. — Estressá-la é a função dos nossos filhos, do cachorro e minha. Fora isso, nós derrubaremos as pessoas que machucá-la.

Ele pega minha mão, beija os nós dos meus dedos, sentamos juntos. Esqueço o que me levou ao cinema assim que ele liga a TV e pergunta qual o filme da vez. Dou de ombros com a boca cheia de pizza, confortável em meu pijama igual ao dele, e somos sim, o casal mais piegas do universo. Somos dois.

Inteiramente apaixonados.

PERIGOSAS ACHERON

24

Alberto está com uma camisa do Nirvana, isso me faz sorrir. Ele disse que hoje é sexta-feira casual, ordem do chefe.

— Pai, você é o chefe — Nath alega.

— Foi o que eu disse — Alberto rebate. — O departamento é meu, gerencio como quiser.

Sabemos de onde veio o gene ditador de Romeu. Estou tomando café em minha nova caneca, apenas minha e de mais ninguém. A mãe de Romeu está regando as plantas, enquanto canta alguma música do *The Police*. Sorrio, porque eles são melhores que muito programa de TV, dona Joana é afinadíssima, o que chega a ser injusto.

Nathalia começa a dizer para Romeu que irá contar as calorias das comidas, ele a manda procurar o que fazer.

— Quero ser magra como Ella — dispara.

— Ah, então você terá que nascer na família de

Ella. — Romeu destrói os sonhos da irmã. — Não fique paranoica, Nath. Você está ótima.

— Você acha que estou ótima? — Os olhos dela brilham como se fosse o melhor elogio do mundo. — Sério, Romeu? Porque, às vezes, acho que abandonei minha beleza no útero e você a pegou.

— Ainda bem que falou beleza — Alberto debocha. — Achei que ia dizer outra coisa.

Romeu ri, Nath não acha graça da insinuação. Estou me divertindo demais. Alberto come salada de fruta e diz que o médico o mandou tomar cuidado com a pressão alta e o colesterol.

— Três filhos e dois netos e o homem tem o disparate de me mandar tomar cuidado com a pressão alta. — Seu tom é sério. — Minha pressão está alta desde 1985, o gênio notou agora.

Percebo que suas palavras são para mim. Romeu e Nath estão com olhos semicerrados em direção ao pai, como se não entendesse do que infernos ele está falando.

— O quê? — Nath está em dúvida.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só não quero que Ella tenha a impressão errada de mim. — Espero uma justificativa. — Ah, eu sou o velho que ouve rock, vai para o trabalho com a camisa do Nirvana e come salada de fruta no café da manhã. Que mensagem maluca estou mandando para o mundo?

— A pessoa mais sensata que topei na vida — afirmo. — Então, sem pressão alta?

— Tudo perfeito, querida. — Ele volta a comer. — Viverei até os cem anos. Vamos casar seus netos.

— Acha que até lá casamento estará na moda? — rebato, servindo também a salada de fruta.

— Se os trajes prateados não vieram, não vamos mais evoluir que isso. Acho que temos um limite evolutivo. Se você olhar para o mundo atual, irá notar que agora é só ladeira abaixo. Então sim, casamento ainda estará na moda, quem irá fechar uma indústria milionária?

— Acha mesmo que iremos parar de evoluir? — Minha pergunta é quase triste.

— Bem, aqui não. — Ele aponta para o chão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— No mundo sim. É o preço que pagamos por tanta ignorância. Enfim, salada de fruta e rock enquanto molha as plantas, tem certeza que quer isso para sua vida, Ella? Parece tão entediante.

— Entediante não pode ter dois significados, Alberto. — Lanço um sorriso. — Vamos dizer assim: é como voltar para casa. Encontrar sua tribo. Seus amigos. Seus parceiros. Pode me responder algo sério desta vez?

Ele assente, dá um gole na caneca de café, olho para Romeu.

— Por que escolheram o nome Romeu?

— Não acha que ele se encaixe em amante épico? — ele debocha e olha para o filho. — Sério, filho? Está me decepcionando?

— Nem vou responder isso. — Romeu levanta da cadeira e vai até a pia.

— A peça preferida de Joana — Alberto enfim responde. — Aquela mulher é uma romântica incurável. Eu sinto muito por todos os casais que não conseguem ser felizes por tanto tempo. Por não terem tentado ser. Eu lamento pela garota ter traído

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu filho. — Nós olhamos para Romeu, mas ele olha para o chão. — É inevitável machucar alguém, às vezes. Mas destruir é uma opção. Nós tentamos não culpar ninguém, porque aí precisaríamos perdoar, perdão nem sempre é legítimo. Eu apenas disse a Silas que destruir era uma opção, essas foram minhas exatas palavras para ele. Em contrapartida, nós nos ajudamos em momentos muito difíceis de nossas vidas, como irmãos, não posso tirá-lo da minha vida, mas dei permissão ao meu filho para que se sinta indiferente. O que Silas e a aquela garota fizeram partiu meu garoto ao meio, não a mim. Minha mãe é viva, não precisa de caos, mas quer saber Ella? Nenhum amor verdadeiro acaba como o deles dois. Nenhum. Um dia fiquei sabendo que a vida tem de seguir.

Um nó nasce em minha garganta, ele sorri tranquilamente, entorna o café, pede que Romeu pegue a tigela e a caneca. Eu quero chorar, porque fico pensando no exato segundo que Romeu cortou o fio certo, ontem era uma bomba pronta para explodir, mas como naquelas cenas de filmes de ação, ele cortou o fio certo sem permitir que a

PERIGOSAS ACHERON

destruição acontecesse.

— Ei, Alberto. — Meu chamado o faz parar. — Não tem nada de errado com ele. — Ele assente, com um sorriso condescendente. — E vamos sim casar nossos netos. E fazê-los passar vergonha juntos.

— É disso que estou falando, garota. — Ele aponta para mim. — Tenham um bom dia, meus jovens. O papai tem que trabalhar.

Meu celular vibra sobre a mesa, é uma mensagem do meu pai e está escrito: *Almoço no seu restaurante preferido.*

Não é um pedido, é uma maldita ordem.

Romeu senta ao meu lado, sei que precisa ir também. Mostro a mensagem para ele, que meneia a cabeça.

— Não tente adivinhar o que irá acontecer, está bem? — Nego com a cabeça. — Ella, não é o momento para suas teimosias. Se quer que seu pai a respeite como adulta e não como uma adolescente que deixou a casa dele aos dezoito anos, se comporte como a tal.

Não evito abrir a boca em choque por causa das suas palavras.

— Romeu! — respondo, exasperada.

— O quê, Ella? — Ótimo! — Por Cristo, note o que aconteceu. Você é relapsa em seu trabalho, é verdade. Você perde prazos, é verdade. Você odeia seu trabalho. Agora vocês dois voltam a ser pai e filha e é o que sempre sonhou. Então pare de se importar com o que você não se importa, diga ao seu pai com todas as letras: Obrigada por quebrar as correntes que me mantinham a você. Acabou, Ella. Chegue em Gabriela e diga: Novo plano, precisamos trabalhar em como vou conseguir uma nova carreira. Você não é medrosa, Antonella.

— E se... tem o...

— Ravi nunca será filho do seu pai. Ravi é um amigo, somos melhores com amigos do que com filhos, porque é natural. Sua figura é a cópia de sua mãe, seu pai jamais irá se afastar de alguém que ele ama duplamente. Ele a ama tanto que a colocou embaixo do braço, mas não notou que estava comprimindo suas asas. É o que pais fazem, meu amor. Eles nos sufocam, porque nos amam, não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sabem lidar com esse amor, essa proteção, até que provemos que somos capazes.

— Obrigada. — Tudo que digo.

— Sempre que precisar. — Deposita um beijo em meus lábios. — Ei, não esqueça que amo você.

— Jamais. — Nath grita da porta de entrada para que ele a siga.

Aceno em adeus, tiro o restante dos pratos da mesa, e os levo até a pia para lavar. Sinto-me parte da família. Isso é uma certeza.

PERIGOSAS ACHERON

25

As palavras passearam por minha boca, inventei um milhão de discursos na mente, mas todos foram apagados quando recebi uma mensagem do meu pai cancelando o almoço.

Por mais que não acredite, essa situação dói em minha carne, faz meu sangue ferver. São tantas reações físicas, que não sei se posso lidar com o nó na garganta e a respiração fraca. Estou patética, no restaurante que um dia foi o meu favorito, com o coração partido, sem um plano B. Estou inerte em meu próprio caos, sentindo tudo dissolver por dentro. Parece não haver equilíbrio na vida. Quando aprendo a amar, eu perco outra coisa. Talvez seja esse meu destino, perder deliberadamente tudo que me cerca.

Nunca havia notado que estava lutando por algo quase líquido, na verdade, se fosse um estado físico da matéria seria gasoso, em segundos totalmente dissipados no ar. Perdidos no espaço.

Nunca ouvi tantas verdades em dias ou horas, mas Romeu está certo, não era boa naquele emprego, fui boa na faculdade pela força do ódio que habitava em mim, mas nunca fui tão corajosa ao ponto de brigar.

Será que teria valido a pena?

Quando parei de lutar por mim?

Olho para o prato de comida, sinto que não irei conseguir colocar tudo isso garganta abaixo. Vou até o balcão, sentindo a lentidão da tristeza se enrolando em todos, sei que a caixa não pode evitar analisar meus olhos avermelhados do choro disfarçado.

Vou para o estacionamento, tudo que faço é ligar o carro para que acione o ar condicionado. Aquecimento global, filhos da puta. Estou irritada, não sei com quem em específico. Talvez com o espermatozoide espertinho que avançou todo ácido e adentrou o óvulo. Ele é o verdadeiro culpado, talvez se fosse mais lento, mais comedido, poderia simplesmente ser outra pessoa. Talvez alguém com aptidão para ser juíza e matar meu pai de orgulho.

Soco o volante, e a mulher no carro ao lado
PERIGOSAS ACHERON

nota. Ergo o dedo do meio, engato a marcha ré, saio do estacionamento, antes de tocar fogo em alguma coisa.

Romeu está certo! Eu sou a porra de uma menina mimada, que papai tirou o emprego que ele mesmo deu. Ella, lide com isso. Não foi a única brasileira a perder o emprego nas últimas horas, mas provavelmente foi a única a ser demitida pelo pai. Porra, meu pai!

Olho para meu short jeans curto, minha camiseta casual demais. Meus tênis não têm o barulho ensurdecedor do concreto bem lustrado do escritório. Quando desligo o carro, noto que estou na porta do cemitério.

Pego meus óculos escuros no porta-luvas, antes de descer. O sol está em sua potência máxima, minha cabeça está latejando ritmicamente. Meus passos mais firmes agora me levam até o túmulo da minha mãe. Noto que hoje há pessoas trabalhando, mas ignoro a existência de outros humanos. Sou eu e a mulher que não pode responder.

Tem uma árvore acima, perto do túmulo, que joga pétalas de flores amarelas por todo espaço.

PERIGOSAS ACHERON

Esse cemitério é tão organizado que remete uma paz interior.

— Oi, mãe. — Estalo a língua sem saber o que dizer. — Eu vim aqui fazer uma fofoca oficial. Papai me demitiu. — Cruzo os braços ao olhar para a foto dela. — Sério, mãe. De tudo que esperei de Dr. Martin, demissão nunca esteve na lista.

Dou um giro para analisar se há pessoas me assistindo.

— Sei o que está pensando. — Abro os braços, não estou nem aí se estão me notando. — Odiava aquele trabalho. Eu fiz por ele e não por mim. — Sinto a lágrima quente descer, ao menos estou de óculos. — Ninguém disse que doeria, mãe. Ninguém disse que quando eu deixasse aquela empresa, o sentimento que iria me atingir é que eu não pertencço mais ao meu pai. E sei que é errado em todos os níveis querer manter um relacionamento profissional com meu pai por não ser capaz de manter um afetivo. Nós dois falhamos.

Descanso as mãos nos quadris, puxo o ar com mais força. Ergo meus óculos escuros, dou uma analisada em todos os túmulos ali. Cercados de

PERIGOSAS ACHERON

grama verde. Árvores bem podadas e pessoas trabalhando.

— Entendi. — Volto-me para ela, como se aquele gesto fosse um comando seu. — Eu estou viva, posso sentir, mas hoje, prometo que somente hoje, irei sentir tudo que é necessário sentir. A fúria, o desespero, a depressão, tudo que é para ser sentido. Preciso sentir que meu pai pode sim ter me abandonado, porque sou capaz de sentir. Não estou aqui, não embaixo da terra. Um dia. Prometo.

Viro-me para a foto e analiso bem. Era tão linda que é quase ofensivo dizer que me pareço com ela. Queria tê-la visto viva, saudável, na íntegra. Ter visto a mulher que meu pai amou tanto que ninguém mais no mundo todo parece bastar.

Eu te amo, mãe. Obrigada por segurar minha mão quando estava perdida. Oh, estava perdida mesmo.

**

Quem diria que duas garrafas de vinho embebedam uma pessoa? Eu não diria, claro. Contenho o riso quando noto que estou no meu último pacote de batata frita. Minha cabeça está

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pesada, e o mundo girando. Engraçado, de todos os momentos que podemos notar que a terra gira, o único é quando estamos super bêbados.

O interfone toca, levo um segundo até atender. Quem diabos é?

— Ei, cara — digo sem nem saber quem está trabalhando, ao mesmo tempo uma crise de riso invade meu corpo. — Manda a boa.

— Um rapaz que alega ser seu namorado está aqui. — Estou com o fone no ouvido, mas sem acreditar. É noite. Porra, mil vezes porra.

— Como ele é? — Às vezes é algum maluco.

— Cabelo liso, forte e jovem. — Nossa, a polícia pode trabalhar com esses detalhes tão apurados de características. — Ele disse que o nome dele é Romeu. Soa conhecido?

— Ele é lindo, não é? — É o porteiro novato.

— O quê, senhora?

— Meu namorado. — O homem limpa a garganta. — Ele está na lista de entrada, lembre-se de notar depois.

— Desculpa.

PERIGOSAS ACHERON

— Sem problemas. — Devolvo o fone ao gancho e pergunto-me:

Eu chamei Romeu?

Não que ele precise de convite. Minha aparência deve estar encantadora, quando estou analisando minha imagem no micro-ondas a porta se abre. Ele tem a chave! Como pude esquecer?

— Ella? — Sua voz me aquece, noto que estou mais bêbada do que deveria. — Sua torta de limão.

Torta de limão?

— Torta? — Tento soar normal, mas ele já está com os olhos semicerrados.

As embalagens dos vinhos e salgadinhos estão no chão, ele parece perdido no meio da bagunça generalizada do meu apartamento.

— Festa particular? — ironiza.

— Romeu...

— Você está bêbada. — Ele ri. — Claro, por que diabos pediria uma torta inteira?

Começo a gargalhar, sentindo o álcool saindo de mim. Ele cruza os braços, esperando uma resposta. Fico tentada a olhar a torta, então faço,
PERIGOSAS ACHERON

quando a mistura do cheiro ácido ao doce me atinge, corro até o banheiro, só dá tempo de levantar a tampa, todo meu álcool será enviado ao sistema de esgoto.

Hello, Pennywise.

Minha cabeça lateja forte, meus músculos cedem. Demoro uns dois minutos até ficar em pé, quando abro a porta, ele está do lado de fora, recostado na parede. Não sei o que dizer. Minha garganta queima, meus olhos despejam lágrimas indesejadas, meu coração erra todas as batidas. Não quero que ele me dê um sermão sobre isso.

Sem tirar os olhos de mim, ele entrega a toalha, meneia a cabeça, apenas assinto. Não há palavras para quando você toma um porre e vomita na frente do seu namorado. Sem palavras é o único modo. Todo mundo vomita, por bem ou por mal.

A pulsação indesejada alivia quando a água gelada entra em meus cabelos. A sobriedade me atingiu em cheio, juntamente com a vergonha da existência e do desemprego.

Depois de vestir meu pijama, vou para a sala, onde a TV está ligada, meu namorado lindo está

PERIGOSAS ACHERON

sentado como se fosse algo divertido.

— Por que está rindo? — pergunto ao sentar-me ao seu lado.

— De tudo que esperei, encontrá-la bêbada não estava na lista — desdenha.

Ele leva uns segundos até me olhar, recosto minha cabeça no sofá, sentindo meu estômago doer, meu corpo ter leves tremores.

— Não almocei com meu pai, ele precisou trabalhar. — Romeu assente. — Era tudo outra vez. Era a menina, a adolescente. Não sei, Romeu. Não queria ser a adulta também.

— Então você tomou um porre? — Ele está se contendo para não rir. — Estive aí, Florzinha. As chamas do meu ódio e indignação pareciam apenas serem apagadas com álcool, o que na verdade é bastante contraditório, já que álcool acende mais as chamas.

Ele busca minha mão, entrelaçamos nossos dedos. Com certeza está procurando palavras mais macias para expressar sua opinião sobre esse momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

— No entanto... — ele retoma, com uma pausa um tanto dramática. — Por conhecer o final da história, posso lhe assegurar que não é o melhor caminho. Precisamos de um plano, de algo que você levante todos os dias. Seu pai tem a vida dele, você terá que aceitar que não faz mais parte daquela empresa. Esse comportamento não combina com a garota que habita em você. Tudo por sua visão é tão lindo, Ella. Não vai ser agora que o mundo será preto e branco. Só está perdida. Sem direção, nenhum navegador chega a lugar algum, mas com um bom mapa, bem, você vai descobrir novos mundos.

— Um mapa?

— E uma bússola.

Apoio minha cabeça em seu ombro, ele diz que precisamos tomar algo líquido para não irritar meu estômago, em minutos estou trocando de roupa, meu namorado não deu um sermão chato sobre minha loucura, ele só quer que eu tome sopa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

26

Fiz minha inscrição no curso, montei meu portfólio, incluí vários tipos de fotografias, antigas, bem antigas e as mais recentes. Minha cabeça ainda pulsava forte enquanto preenchia todo o formulário, mas todo líquido do meu corpo escorria por meus poros. Estava cansada, chateada. Quando Romeu saiu pela manhã, pediu que antes de qualquer coisa, ligasse para ele. Prometi não beber, afinal, não aguento nem sentir o cheiro de álcool.

Sempre tive medo do não. Do não ficar, não pertencer, não querer, não insistir. Eu tinha tantos “nãos” em minha vida, que criei traços limitando todos os passos, talvez, no final, só quero culpar meu pai por minha falta de coragem. Eu pensei sobre isso hoje, quando vi as primeiras fotografias tiradas, lembrei que quem me deu a primeira câmera foi ele, que no dia disse: *Ella, fotos não vão lhe dar uma vida confortável tão cedo*. Talvez não fosse o que ele queria dizer. Eu vivo na defensiva.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu vivo com meus próprios “nãos”. Todos criados por mim.

Atos de covardia. É a ação negativa que puxa os “e se”.

E se o mundo não gostar? E se ninguém se importar? E se eu não for boa o suficiente?

Eu criei limites estranhos e inaceitáveis dentro de mim. Eu, Antonella, a pessoa que menos tem medo de tudo, a mais covarde.

Vivo de supor. Supus que Romeu brincaria comigo. Supus que seria incapaz de manter relações humanas. Supus que não merecia que todos me abandonariam. Eu fiz todas essas projeções, sozinha.

Como eu sei? Gabriela questionou se meu pai havia verbalizado com todas as palavras que eu fracassaria. Nesse momento senti todo meu sangue congelar em minhas veias. Ele nunca verbalizou essas palavras, ele disse apenas que ter uma profissão que pagasse minhas contas de forma confortável seria melhor antes de arriscar em algo assim. E o que fiz? Transformei tudo em um caos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Culpar as pessoas por seus fracassos é tão mais fácil. Tão mais compreensível.

Meu pai não me apoia.

Meu pai não se importa.

Meu pai é o inimigo, porque eu o fiz assim.

Fui injusta. Caramba, nunca dei uma chance a nenhum de nós dois.

Meu pai não partiria com meu fracasso, ele estenderia a mão. Ele é meu pai!

PERIGOSAS ACHERON

27

Na porta do meu prédio tem um homem. Puta que pariu. Você já olhou para uma pessoa e pensou: *Nunca vou me cansar dessa pessoa porque parece que a eternidade não será o suficiente?* É assim que me sinto toda vez que olho para Romeu. Como se o infinito não fosse proporcional ao tempo que preciso dele ao meu lado.

É, a eternidade parece curta para a minha ansiedade e necessidade da pessoa a minha frente, tão arrumado com seus cabelos cortados, penteados como um personagem de filme tentando encantar a mocinha. Naquelas cenas que a atendente olha para ele, o mocinho, e perde o fôlego, e você sabe que isso aconteceu porque toda a paleta de cor vermelha passou no rosto dela, até a palidez assumir.

Limpo a garganta, seu foco está no aparelho na sua mão. Ele leva uns segundos até me olhar. Bem, estou com um vestido muito justo ao corpo, meus

PERIGOSAS NACIONAIS

saltos são altos, não lembro a Ella maluca da ilha, estou mais Antonella, estou vestida de Dra. Antonella, sem traços da menina maluca que ele costuma sair.

— Desculpa, mas eu estou esperando minha namorada. — Faço uma pequena reverência, ele guarda o celular no bolso. — Belo dia para ser abduzida.

— O que você acreditou que vestiria? — Ele apenas balança a cabeça. — Você também está de tirar o fôlego. Tudo isso para sua avó?

— Como disse, não, estou esperando minha namorada. — Sei que ninguém pode nos ouvir, o que torna tudo bem engraçado. — Às vezes esqueço o quanto é linda.

— Aceitei Florzinha, mas esse tipo de elogio só funciona ao contrário. — Dou de ombros, ele busca minha mão. — Eu te amo, sabia?

— Eu senti sua falta o dia todo. — Selamos nossos lábios levemente. — Pronta para encarar todo o resto da maluquice que é minha família?

— Sempre.

PERIGOSAS ACHERON

Sempre. Sempre. Sempre.

**

O impacto inicial se desfez. Claro que agora consigo respirar, Nath aponta para cada membro da família e conta coisas absurdas que aconteceram ao longo dos anos. Vamos sorrindo com sobriedade, até as taças de vinho nos atingirem.

— Conheci um cara. — Quase cuspo toda a bebida da minha boca. — Não sei explicar, Ella.

Viro-me para ela. Como assim não sabe explicar?

— Não sabe explicar? Ele não é humano?

— Tão engraçada! — Finge um sorriso. — Não, ele apenas é diferente.

— Diferente?

— Vamos dizer que não é como os babacas que encontrei na vida.

Meneia a cabeça, acho que sei exatamente o que ela quer dizer. Ela está se apaixonando por alguém que tem uma linha de pensamento ajustado ao dela, isso o torna estranho, porque é confortável quando você cai, todo mundo que conhece se torna

PERIGOSAS ACHERON

um risco iminente, um possível derrubador.

— Quer falar sobre isso? — questiono.

— Não, não ainda. Só precisava contar a alguém, gosto de contar a você. Às vezes, penso que será a única pessoa no universo que me entenderá. Não sei porque Ella, não sei se isso é ruim ou bom.

Pego a mão a dela, e ficamos frente a frente.

— Então vamos compartilhar segredos. — Ela assente ansiosa. — Eu me inscrevi no curso, não contei a Romeu, porque não quero ter que lidar com a resposta que tenho que dar para ele. Nem a ansiedade.

— Por que não?

— É um curso muito concorrido, não sei, Nath. Só não quero perder a cabeça, entende? Enquanto isso, vou fazer cursos a distância, menos prestigiosos. Vai dar certo.

Ela faz um gesto com a mão de selar os lábios com um zíper, dramático demais, brindamos uma taça na outra. Uma música agitada e antiga começa a tocar, quando menos notamos estamos dançando,

gargalhando. Nossos passos provavelmente não faziam parte da coreografia original da música, mas a quem vamos culpar por isso? Estamos levemente embriagadas, gargalhando, e nos *divertindo*.

A música encerra, começa uma mais antiga ainda, porém lenta. Sinto uma mão em minha cintura, viro-me dando de cara com meu namorado.

— Agora você dança comigo — ele decreta.

— Não sabia que você dançava. — Estou surpresa.

— Estou intoxicado suficiente pelo álcool para esse tipo de expressão corporal.

— Dançar, você quer dizer?

— Em fato, é algo que precisa de mais bebidas, mas você está me provocando com esse vestido, quero testar se meu corpo vai pegar fogo ao encostar ao seu.

— Vamos queimar, querido. A noite é uma criança.

Recosto minha cabeça contra seu ombro, meus braços envolvem seu corpo firme. E sim, queima, sinto algo quente, apaziguador, tão natural que

parece aquele momento que você toma um banho quente quando está tremendo de frio, ou a água gelada no calor. É o seu lugar favorito. A comida que você ama sentir o cheiro. É o momento que o sol nasce com seus raios mornos, mesma sensação de quando ele se põe no horizonte, unido ao crepúsculo, são os raios que pintam o céu em laranja, rosa e azul. É como receber uma varinha que pudesse transformar tudo em real. É como me sinto, apaixonada, amada, confortável.

Como se pela primeira vez pertencesse há tantos lugares, que o mundo tivesse sido endereçado a mim quando criado. Porque aqui não sou maluca, nem estranha, sou bem-vinda, apreciada, nós sorrimos juntos.

Não esperei estar confortável em meu corpo, em meu espírito, em minha alma. Nem esperei que o otimismo dominasse toda a minha vida. Não esperei por nada disso.

Ele ergue meu rosto, seus lábios encostam aos meus. Não evito suspirar ali, diante de todos. Afeto em público não é meu ponto forte, mas aqui é inevitável. Ele sorri, eu sorrio, a música acaba,

PERIGOSAS NACIONAIS

mantemos segundos nos encarando, sei que seus olhos brilham, sinto que meu corpo derrete.

— Não foi tão difícil dançar — confessa. — Queimou, Florzinha.

— Eu te amo. — Ele assente.

Nath acena de longe, vamos à sua direção de mãos dadas, mas antes que ela diga algo, alguém se aproxima tirando-me o fôlego. Mel com uma barriga imensa está na nossa frente, sorrindo.

— Oi. — Sinto os dedos de Romeu comprimirem os meus. — Só passei para cumprimentá-los. Antonella, não é?

— É — respondo, seca.

— Gostaria de pedir desculpas pelo dia do hotel. — Ela olha para nós três, mas não respondemos. — De verdade. Para vocês dois. Talvez venhamos nos encontrar mais vezes, não quero que a última imagem que fique seja aquela. Cada um de nós está vivendo os capítulos das nossas vidas, acredito que possamos fazer isso como adultos.

Ninguém responde nada. O que parece ser

PERIGOSAS ACHERON

agressivo demais. Os olhos dela passeiam pelo espaço, confusa, perdida. Talvez arrependida. Mas Romeu não diz nada, nem Nath, muito menos eu. Não foi uma pergunta, foi uma observação.

Ela dá um passo para trás, Romeu volta a apertar meus dedos, Nath olha para mim, depois para Romeu.

— Tio Humberto fez implante capilar. — Ela aponta na direção do homem, que claramente era careca.

Nós estamos gargalhando, mas não resisto e olho para trás. Mel está parada no meio do espaço, nos olhando, enquanto sua mão está sobre a barriga. Abaixa a cabeça no segundo que nossos olhos se encontram. Não digo nada, volto minha atenção ao que Nath está contando, Romeu sorri como nunca, noto que nesse momento sou a mulher mais egoísta do mundo. Porque quero essa gargalhada na minha vida, suas mãos em minha cintura, o quero esquentando meu corpo depois de um banho frio.

A vida tem oportunidades, às vezes as perdemos por sermos burros demais para mantê-las.

**

Livro-me do salto na entrada do apartamento, sinto meus nervos protestarem. Sempre usei bastante salto por causa do trabalho, é sinônimo de elegância, ninguém quer uma advogada que não transpire confiança e glamour. Eles querem uma figura que seja notada como imponente, predadora, que vá para a jugular. Eu fui tudo isso, agora não mais.

Giro nos calcanhares, puxo o ar como forma de iniciar uma conversa que não queria, Romeu está abrindo os botões da camisa lentamente, mas não posso afirmar que é de propósito, seus olhos estão na ação, como se não quisesse errar o próximo movimento. A concentração me causa um arrepio desconhecido, junto com a ânsia pela ação destemida bem ali. Claro que já o vi sem camisa dezenas de vezes, mas agora é diferente. Limpo a garganta para que ele possa notar que o que está fazendo é quase um show particular de exibicionismo, seus olhos focam-se em mim.

— Então, Mel... — Ele fecha as pálpebras

PERIGOSAS ACHERON

lentamente, como se estivesse injetando uma agulha entre duas vértebras e trinca o maxilar. — Romeu...

Ele dá um passo à frente, esquecendo-se de terminar o restante dos botões. Meneio a cabeça, sorrindo, por algum motivo, de modo tímido e contido, nunca recebi uma energia tão forte partindo dele como agora, a rigidez atinge meus músculos quando sua mão pousa em minha cintura.

— Não vamos estragar nossa noite, Florzinha.
— Sua voz tem uma tonalidade nova.

Já ouvi Romeu gritar, falar baixo, sussurrar, gargalhar, mas aqui é outro tom, outra voz, outra intenção transmitida em seis palavras.

Engulo em seco, sinto até minha própria voz ser engolida. Um esboço de sorriso colide em meu corpo, um arrepio volta a percorrer toda minha pele, alojando-se em minha nuca, provavelmente cancelando meu fluxo sanguíneo. Minha respiração agora é roubada por ele, enquanto sela nossos lábios de modo lento e perigoso.

Queimar foi o que ele disse mais cedo. Essa palavra foi mencionada por nós dois durante esses
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meses, queimar, acender, inflamar, incendiar, atear. Sinônimos feitos para representar a reação que a ação de suas mãos afundando em minha carne transmite.

Na verdade, a ação precisa é sobre segurar meu corpo quando seus lábios úmidos tocam o comprimento do meu pescoço, um arquear involuntário parte do meu corpo para o dele e um riso sarcástico escapa de seus lábios. Agora são minhas mãos que seguram seus braços com força, sentindo a fraqueza desfazer a rigidez do meu corpo.

Sua mão avança contra o zíper do meu vestido que se estende por todas as costas, ele desce dando um passo para trás, enquanto seus olhos encaram os meus. Meu corpo é libertado como uma princesa da sua torre, sinto que é minha vez de exhibir. Dando um passo para trás, imitando o gesto do homem a frente, nossos passos se tornam sincronizados pela música tocada por nossas respirações ofegantes e os corações frenéticos bombeando compulsivamente diante da adrenalina.

Permito que o vestido caia por meu corpo, dou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conta que não foi lento, nem sexy, foi apenas uma peça caindo, mas seus olhos entendem o convite e deslizam lentamente por todo corpo, como se naquele momento tivesse um superpoder. Ele pode ver cada pelo eriçado, cada célula atijada, cada lufada insuficiente.

Meu peito sobe e desce ritmicamente, mas a sensação é que estou asfixiada.

Volto em sua direção, seus olhos seguem o gesto, meus dedos param nos últimos botões esquecidos, entrelaçados em sua casa de segurança, e eu os abro, do que quero chamar de guilhotina. O pensamento gera um sorriso em meus lábios, em reação ele faz o mesmo. Meus dedos estão frios, mas seu corpo, como havíamos combinado, está tão quente quanto um vulcão pronto para expulsar as lavas para a superfície. O ajudo a retirar a camisa dos seus ombros, unindo nossos corpos, minha mão segura a sua e só tem um caminho a percorrer: meu quarto.

Nenhuma palavra é mencionada quando minhas mãos ansiosas chegam a sua calça, mas sou parada antes de qualquer coisa acontecer. Ele indica para

PERIGOSAS ACHERON

deitar-me, faço sem levantar questionamentos, sobrepõe nossos corpos, não evito afundar meus dedos em seus cabelos.

Ele inclina-se alcançando minha boca, brinca com meus lábios por breves segundo, logo afastando-se.

— Eu te amo, Antonella. — Suas palavras fazem-me pulsar, transbordar e retorcer-me embaixo do seu corpo pesado.

— Eu te amo, Romeu. — Meu sussurro é quase um gutural estranho e inteligível.

Ouvindo minha resposta, ele desce lentamente por meu corpo, como se precisasse tocar cada centímetro da minha pele com seus lábios. Minhas mãos voltam aos seus cabelos, minha respiração para quando ele alcança o limite entre minha barriga e minha calcinha.

Livra-se sem demora do tecido pequeno e delicado, não posso ver seu rosto, seus olhos fixam-se no teto, sua mão desliza calmamente por minhas pernas, sinto a umidade aumentar ainda mais com o gesto, estou focada em respirar, mas não parece fácil quando sua língua atinge-me de primeira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo que consigo encontrar são os lençóis da cama, preciso de cordas como em um paraquedas, é como despencar o inverso, não cair no duro e seco, mas numa nuvem tranquilizadora, não consigo pensar.

Alguns caminhos não têm volta, algumas escaladas são necessárias, algumas esperas dolorosas, mas quando o caminho é certo, o topo está esperando por você, a dor passa e tudo que sente entre seus músculos fadigados pela vida é a satisfação de não ter desistido de si mesmo quando teve a chance.

Solto um gemido leve, meu corpo arqueia contra o seu, sei que ali é a sensação mais harmônica que irei encontrar na vida.

Ou em toda a eternidade da minha alma.

PERIGOSAS ACHERON

28

Eu tinha quase quinze anos quando minha menstruação desceu pela primeira vez. Pelo que notei, fui a última das minhas colegas de classe, sempre tive seios pequenos, meu corpo parecia se desenvolver mais lentamente do que o das outras meninas. Uma vez, na aula de biologia, por pura maldade, um garoto perguntou a professora porque algumas meninas pareciam ser mais retas do que muitos meninos, ele e o pequeno grupinho de escrotos juvenis riram, e todos olharam para mim. Por um tempo, tive uma imagem errada do meu corpo, como poderia ter pouco seios se as meninas da minha sala eram voluptuosas e chamativas? Nossa professora explicou que existem genótipos, então por um tempo comecei a olhar para o corpo das mães das garotas, era tudo pura genética. Elas eram como suas mães, na maioria das vezes, não estou dizendo que é uma regra, mas estava ali, claro na natureza dos seus corpos, que suas heranças

genéticas lhes deram aqueles corpos.

Eu senti saudades da minha mãe.

Busquei suas fotos de quando era mais nova, nossos corpos eram iguais, até que um dia, o engraçadinho voltou a fazer graça do meu corpo e eu mandei o maldito fechar os olhos. *Você quem está olhando, nunca me exibiu para você. Quando você não gosta do que vê, fecha os olhos, desvia a atenção, cuidado para isso não se tornar obsessivo.*

Ele se sentiu ofendido, os amigos riram dele, não de mim.

É estranho ter perguntas que nunca serão respondidas, porque quem tem as respostas não existe mais. É estranho não saber exatamente qual é o som de sua voz, como ela caminhava, qual seria seu cheiro hoje. É apenas indigesto a forma que me sinto às vezes, meio perdida, meio encontrada. Acho que não há terapia que irá me pôr em um certo lugar, nem responderá perguntas, afinal, elas não estão dentro de mim. Por um tempo, sinto que fiquei muda. Eu perdi muito mais que uma vida sem pessoas. Eu perdi a habilidade de falar, meu

PERIGOSAS ACHERON

poder é a argumentação do meu trabalho, o que me foi tirado também.

Sempre que meu pai estava solteiro, ele me trazia aqui, nós comíamos massas e ele brincava que não íamos engordar, nunca. Era a promessa. Até que paramos. Eu era uma criança ainda. O trabalho ficou difícil para ele, abriu a própria empresa, o mundo o começou a sufocar, quase nunca mais tinha vindo aqui. Engraçado, ainda sinto o cheiro da minha infância em um estabelecimento que não mudou nem a cor das paredes, alguém apenas pinta por cima o amarelo e o vermelho não harmônico.

— Desculpa o atraso — meu pai diz ao sentar-se à minha frente — e perdão pelo cancelamento. Aquele dia foi maluco no escritório.

Não consigo responder, porque estou fria por dentro. Olho em volta, ele faz o mesmo e sorri. É o único de terno e gravata. É um restaurante simples, familiar. Com porções exageradas de macarrão. É segunda-feira.

— Falei com Sabrina semana passada. — Assinto, ainda muda. — Bacana estar fazendo PERIGOSAS ACHERON

mestrado, não é? — Ele engole em seco. — Bem, Sabrina também me enviou uma foto.

Ele tira o celular do terno, deposita sobre a mesa. Não sei de onde essa conversa está saindo, mas ela está. E nesse momento penso sobre todos os pensamentos que cruzaram minha mente. Como isso pode sim ter sido minha culpa.

— Por que nunca me contou, Ella? — Sua voz é suave agora que usa meu apelido. — Por que nunca me contou com todas as letras o quanto era infeliz naquele escritório?

Droga, Sabrina!

Ele apoia os braços na mesa como jamais faria em outro lugar, inclina-se um pouco para mais perto de mim.

— Quando eu era criança, queria ser piloto de avião. — O quê? — Dois meses depois médico, um ano depois professor de artes. Passei a juventude acreditando que queria ser veterinário. Vontades infantis mudam, Ella. A diferença de quem consegue viver um sonho impossível, é o quanto a pessoa lutou, você se rendeu facilmente.

— Pai...

— Não, pai, Ella — interrompe. — Quando você tenta contar uma história e ninguém a ouve, sugiro que bata na mesa, vire uma cadeira, pegue um megafone e berre em plenos pulmões. Não desista até que o mundo esteja convencido. O que você não pode fazer é abaixar a cabeça e aceitar.

Meus olhos estão vidrados, o ar falha em sua função, sinto-me tonta.

— Mas era o que você queria.

— Certo, Ella, era o que eu queria! Mas desde quando isso importa mais do que o que você queria?

Isso não pode estar acontecendo. Não pode ser real!

— Dizia que eu ia morrer de fome!

— Você é minha única filha no mundo, jamais morreria de fome, só que nunca bateu de frente comigo. Como ia permitir entrar de cabeça em algo para desistir em dois segundos?

Isso foi um jogo psicológico? O tempo todo? Não sei se é cruel ou genial, mas sinto quebrando

meus ossos por dentro, afogando-me na minha própria mente caótica.

— Por que fez isso comigo?

— Eu? — Ele lança um sorriso cínico. — Você fez isso consigo mesma. Eu lhe dei estudo, um apartamento, um emprego e um salário. Acomodou-se. Não era exatamente minha culpa se não queria lutar por seu sonho. Não posso lutar sua batalha, nem fazer o seu sonho dar certo, porque eu sou Martin e você Antonella. Somos diferentes.

Meus olhos se fecham, não sei se sinto raiva ou pena de mim. Encaro a toalha da mesa quadriculada em vermelho e branco, sinto vontade de socar o meu próprio rosto.

— Está dizendo que... Pai, não está dizendo que fez tudo isso para me ensinar uma lição?! — Ele volta a sorrir. — Por quê?

Parece sádico, mas por que não lutei mesmo? Eu poderia ter gritado, esperneado. Eu era a órfã! Tinha direitos de viver meu sonho diante de tudo, mas não fui forte em persistir.

— Nada na vida vem fácil. O que vem fácil,

PERIGOSAS NACIONAIS

retorna na mesma velocidade. Nunca impôs, nunca gritou, nunca disse com todas as letras que tinha um sonho. Ella, se você não notou, nunca pedi que fizesse isso.

Meu chão torna-se um buraco. Eu supus. Eu supus que não podia, porque acreditei que meu pai só me ajudaria se eu me formasse em Direito.

— Você montou um caso sem evidências sólidas. — Fecho meus olhos. — Desde quando está vivendo assim?

— Assim como?

— De supor? — Encolho meus ombros. — De supor que viraria as costas, de supor que não daria certo. Eu vi a foto, meu Deus, Ella. Porque não começa a lutar por si mesma?

Por medo.

— Você nunca disse nenhuma dessas palavras — respondo.

Por medo.

— Você também não.

Por medo de não ser boa.

— Eu disse que queria ser fotógrafa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Era um sonho.

— E eu piloto de avião.

Outro sonho.

— Disse que morreria de fome.

Eu acreditei.

— Em toda profissão há esse risco, não quer dizer que seja real.

É verdade.

— Você...

Não é culpa dele.

— Não, Ella. Não pode me culpar por desistir.

Não posso.

Enterro o rosto nas mãos, me odeio por segundos. Eu fiz o mesmo com Romeu e com todas as outras pessoas no mundo. Me fiz de vítima de cada situação, agora não sei como olhar em volta sem notar o quão fraco isso parece.

— A vida não é uma suposição feita por Sherlock Holmes, isso só funciona lá. Não espera que façamos leituras corporais e mentais das pessoas, isso só funciona na ficção. Não há

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

conjecturas, nada é tão elementar quanto dizer em voz alta o seu desejo.

— Então?

— Não sei, vamos comer? — Sorrio, tímida. — A fortuna que me fez gastar naquela faculdade teria lhe montado o melhor estúdio de fotografia. Agora vamos gastar mais dinheiro.

A lágrima desce, meu corpo relaxa na cadeira. Meu Deus, o que dizer?! Só precisava parar de unir as palavras na minha cabeça. Expressar. Expor. Dizer em voz alta. Lutar como uma maldita mulher. Calei-me diante da coisa mais importante da minha vida. Meu sonho.

— Então você vai me ajudar?

— Filha, você já está magra demais para passar fome. — Reviro meus olhos. — Bote aquele seu namoradinho para ajudar também.

— Você odeia o Romeu, não é?

— Não, mas ele com esse nome, meu Deus, me faz odiá-lo. Sabe o que é mais engraçado? — Nego com a cabeça. — No meu quinto encontro com sua mãe, nós vimos essa peça. — Espero que continue.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Romeu e Julieta. E ela passou bons dias pensando. Graças a Deus não quis colocar seu nome de Julieta.

Cubro a boca com a mão para interceptar a gargalhada.

— Esse foi o motivo dos pais dele terem colocado. — Meu pai nega com a cabeça. — Talvez elas viessem a ser melhores amigas.

— O que Shakespeare une, nenhum homem separa.

Solto uma gargalhada tão alta que todos nos olham, o celular do meu pai toca, ele vira a tela para baixo, busca o menu.

Liberto o ar pela primeira vez em vinte e seis anos. É bom respirar e ter um pai. Ele diz: *Sua prima está grávida*. E eu assinto. Em seguida ele diz: *Qual é o das pessoas que casam e logo têm filhos?*

Gargalho, porque jurei que ele ia cobrar um humano pequeno. É apenas meu pai.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

29

O tempo escorreu entre meus dedos num movimento dramático. Quando abri o e-mail de rejeição, não me surpreendi. É uma escola de alto nível. Não importa o quanto de dinheiro meu pai tem e sim meu talento, que provavelmente está cruzando a escala negativa.

A decepção fez morada dentro de mim, almocei com Romeu, notou que estava estranha, culpei a cólica inexistente, não quero contar do meu fracasso assim tão rápido, antes de digeri-lo.

Pior, não acho que existe ácido em meu corpo que desfaça esse não em nada. Que faça sumir. Não acredito mesmo que haja nada que pode mudar isso.

Romeu está sentado em meu sofá, totalmente despretensioso, zapeando pela TV. Jantamos pizza, não corremos, em breve estaremos fora de forma. Vou até seu lado, jogo minhas pernas sobre as suas, sorrio para ele, que percorre a

PERIGOSAS ACHERON

mão para cima e para baixo em minha pele, criando um atrito gostoso.

— Posso saber o que está perturbando sua cabeça? — Claro que ele iria notar.

Foco minha atenção na TV, não quero olhá-lo, nem responder. Não quero falar sobre meu fracasso. Não quando meu pai aceitou pagar tão caro por algo. Porque aquela porra é cara, meu pai fez ajustes e prometeu que jamais iria me preocupar com nada em relação ao meu curso.

— Coisas da vida — digo, incerta.

— Coisas da vida? — repete, põe a TV no mudo. — Certo, Ella, tem algo que precisa me contar? — A lágrima escorre pela lateral do meu rosto, o nó se forma em minha garganta, sufocando. — Ella, o que aconteceu? É sobre nós dois?

Sento-me subitamente, pegando sua mão, negando com a cabeça no mesmo instante. Engulo em seco, não tem para onde fugir. Não tem como não fazer aquilo.

— Não fui aceita. — Minha voz sai cortante, as lágrimas descem mais rápidas. — Eu sabia que não

era boa.

— O quê?

— No curso. O portfólio não foi suficiente, não sou boa.

— Ella, uma rejeição jamais deve significar que você não é boa.

— Então, senhor sabe tudo, o que deveria significar?

— Há outros fatores, Antonella. Nada no mundo é literal. Deve haver outro...

— Não, Romeu! — intercepto, o assustando com a altura da minha voz. — Não tente fazer isso para mim, não tente criar um conto de fadas por trás de algo que não existe. Às vezes, aceitar fracasso é uma forma de não sofrer no futuro.

Ele parece irritado agora. Balança a cabeça, sua respiração eleva.

— Não é...

— Eu queria *aquela* escola. — As lágrimas modificam minha voz. — Não fui aceita onde *eu* queria.

— A escola não faz o aluno — justifica,
PERIGOSAS ACHERON

invocando paciência. — O aluno faz o aluno. Sua competência faz você. Sua criatividade. Não a instituição. Sempre será você, não se transforme em vítima.

Estamos separados por uma camada espessa de estresse, nos olhando como se eu estivesse sendo dramática demais. Estou remoendo isso há dias, claro que não sabia como expressar como me sinto, faltei a terapia por causa disso. É comum para o mundo de Ella.

— Medo — ele solta.

— Pare de me incriminar porque eu me preservo de decepções — falo baixinho.

— Preservação? — Seu celular vibra sobre o sofá, faz um barulho chato. Reviro meus olhos, porque o meu vive no silencioso. — Preciso atender, é Isabella.

— Claro que precisa — murmuro, mas ele apenas balança a cabeça, recusando aceitar a provocação.

Desligo a mente das suas palavras ditas em voz alta, quem está zapeando sou eu, mas ele adentra de

volta a sala, com o celular no ouvido. Finjo não vê-lo, o que é impossível, Romeu se espalha por meus cômodos como uma maldita praga em uma lavoura.

— Não sei, Isabella — argumenta. — Preciso realmente ver com ela. — Ele pausa. — Sim, eu sei que disse, mas não é algo fácil. Não tenho como dar a resposta exata agora. — Mais uma pausa. — Bella, não estou sendo um mau amigo, só estou sendo um bom namorado. — Meus olhos avançam para ele, meu coração dispara. — Está bem. Você me dá a noite? Amanhã podemos conversar. — Ele senta no sofá. — Obrigado por lembrar, então. Não posso prometer nada. Está bem, boa noite.

Ele pousa sua atenção em mim, seus olhos fixam-se um ao outro. Minhas mãos estão suando, porque agora quero entender o motivo de ele querer ser um bom namorado e não está sendo um péssimo amigo.

— Bem, como viu, era a Isabella — começa, meu coração dá um pulo. — Aconteceu um problema na revista, Élida está pirando, quando Élida pira, ela pira Bella. Elas são amigas.

— Então Bella tem duas melhores amigas? —

Ele assente. — Complexo, mas o que isso tem a ver com você?

Solto o ar, esquecendo a pequena briga para trás. Casais brigam o tempo todo, preciso ter isso em mente.

— Na verdade, não tem a ver comigo e sim com você. — Choque não define o que estou querendo manifestar com minha expressão. — Isabella sabe sobre você e estava precisando de um fotógrafo para um editorial amanhã.

Ele tem que está brincando com minha cara. Porque não é possível, parece que os últimos segundos não aconteceram, ele não me ouviu?

— Como Élida sabe que sou suficiente? — Meu estômago está em um tornado desesperado. — Porque, Romeu...

Eu fui rejeitada em *uma escola*. Onde iria aprender. Como subitamente eu sou boa para *tirar fotos para um editorial*?

— Eu mostrei algumas fotos... — Suspiro, para reclamar. — Ella, você está desempregada. Aquela resposta não mede seu talento, é apenas a droga de

PERIGOSAS NACIONAIS

uma escola, nada mais do que isso. Presunçosa demais. Você é muito melhor do que isso. Mais do que notas e rejeição. Mais do que um “não”.

Tento normalizar minha respiração, mas parece mais complicado do que imaginei. É verdade? Está acontecendo? Alguém quer mesmo me pagar para tirar fotos?

— Certo, mas...

— Por favor, sem “mas” — suplica. — Dê esse primeiro passo, se não ficar bom, você pode recuar, pode recusar o pagamento, mas Ella, o primeiro passo sempre será o mais importante, não é como se o que irá fazer amanhã fosse tão importante assim.

Meus olhos umidificam com a esperança, a ansiedade e a vontade de gritar que alguém me notou. Espero que o problema não seja o modelo, Romeu está maravilhoso naquelas fotos, até imprimir uma para minha sala.

— Está bem. — Assopro as palavras doloridas por minha boca seca. — Eu aceito.

Seus olhos brilham e parece ser o sorriso mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

intenso que conquistei de Romeu. Seu rosto cora com minha aceitação, em segundos sua felicidade também me torna feliz. Atinge-me como um raio, o calor de sua pele consegue penetrar na minha diante sua excitação.

— Vou responder para Isabella agora. — Busca o celular. — Estou orgulhoso de você, Ella. Gostaria muito de poder estar lá amanhã, mas não posso.

Arrumo a postura, esqueço a semana completa, sorrio.

Sorrio para o ar. Para as paredes. Para o teto e o maldito universo.

Um curso não pode definir minha carreira, existem outros cursos, outras escolas, outras opções.

Sempre existem outras opções.

— Só uma rejeição — repito.

— O mundo é seu, Florzinha. — Estou tremendo. — Lembre-se da montanha-russa sempre que se sentir triste. É toda a graça da vida. Se fosse linear, ninguém iria pagar para andar nela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele me puxa até suas pernas, beija minha boca.
Não houve briga. Não houve nada. É apenas a vida
acontecendo para quem se arrisca.

PERIGOSAS ACHERON

30

Élida tem uma postura rígida. Não conheço Élida, mas seu chamado é atendido toda vez que uma ordem é proferida. Ela arruma o estúdio como quer. Fico a cargo da iluminação, de conectar todos os meus aparelhos, suas ordens chegam.

— Café? — oferece com uma voz doce, diferente da forma que estava falando antes. — Desculpa, Antonella...

— Apenas Ella. — Pego o café que está no copo descartável.

— Ella, hoje é segunda e o mundo já desabou em minha cabeça. — Aperta as têmporas com os olhos fechados. — Vamos fazer uns testes juntas? Daí podemos ir ajustando enquanto elas terminam de produzir os modelos.

— Claro, como quiser — afirmo, dando um longo gole no café para entrar no ritmo.

Quando vou depositar o copo na mesa, olho em

PERIGOSAS NACIONAIS

volta, nesse momento me dou conta do quanto eu esperei estar aqui. Pessoas andando de um lado para o outro, equipe gritando, luzes artificiais, um ambiente onde eu pudesse ser *apenas Ella*.

Dou uma verificada em cada canto, em cada aspecto. Inspiro o ar como se estivesse no topo de uma montanha, talvez esteja, talvez cheguei o mais alto possível, talvez seja o momento que abra meus braços para cair em um voo sem medo.

— Ella, meu amor — Élide grita. — Não temos tempo! Não temos.

Assinto sorrindo, vou em sua direção, antes pego minha câmera, antes de arrumar o foco, sorrio e penso em Romeu, também em meu pai. Tenho certeza que há uma mão em meu ombro.

Sorrio, porque sei quem é.

— Oi, mãe — digo baixinho. — Obrigada por vir.

Aponto para o nada, pressiono o botão e parece que cheguei da guerra em minha casa. Viva e pronta para outra fase.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Meses depois

Olhamos para o céu ao mesmo tempo, um raio faz seu desenho no céu, um trovão é ouvido em sua potência máxima. Aperto os dedos de Romeu, ele olha para Nathalia, e o encontro de olhar dos irmãos faz uma chuva torrencial despencar do céu. Em segundos estamos ensopados.

— Qual seu maldito problema, Nathalia? — Romeu resmunga.

— Você sabe que não trabalho na cabine de controle do universo, não é? — Nath rebate, Enrico parece achar graça.

— Não é possível que toda vez que você programe uma viagem esteja chovendo.

— É verão, Romeu! — Enrico e eu estamos nos olhando, enquanto Nath justifica em plenos pulmões. — Como infernos eu saberia sobre a chuva?

— Tem uma “arte” chamada meteorologia. —

Nath dá ombros.

Estamos na ilha, de volta onde tudo começou meses antes. Parece tudo tão familiar. Engraçado como tudo se ajustou perfeitamente. Enrico deixou de ser segredo, ele é engraçado, inteligente e Alberto se deleita com todas as coisas que encaixam. Somos como uma família, somos uma família, estranhamente.

O diferente é bom. É confortável ouvir AC/DC no café da manhã. E às vezes Romeu e eu jantamos com meu pai, que não o chama mais de garoto, apenas de Romeu.

Aliás, eu sou a fotógrafa preferida de Élide. Quem diria? Tem dois meses que me juntei a outro curso que está feliz em me ter.

Minha vida mudou diante dos meus olhos quando permiti. Quando parei de supor, quando parei de projetar, de tentar montar um quebra-cabeça que não existia.

Gabriela sempre enfatiza o quanto avancei, eu sempre vejo alguém diferente quando olho no espelho. Sempre, sempre, sempre.

— Ei, cara — chamo Romeu, ele olha para mim, a chuva diminui. — Eu amo você.

Ele não parece entender o que quis dizer com aquela declaração gratuita. Fico na ponta dos pés, alcanço seus lábios.

— Estamos de volta — ele diz. — Juntos. Será diferente, não é?

— É diferente, apesar de começar igual. — Eu sinalizo para o táxi. — Vamos, precisamos nos secar.

— Consegui um quarto no primeiro andar.

— Sério?

— Tudo por você. Lembra que amo você?

— Será impossível de esquecer.

Ele pega minha mala, coloca no porta-malas e tenho certeza que é o mesmo taxista. Romeu também nota quando sentamos lado a lado, entrelaçando nossos dedos. O taxista está conversando com Enrico que sentou na frente.

— É, jovens — ele diz. — Aqui chove muito, é bom se acostumarem.

Olho para Romeu e sorrimos. Aquele discurso
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

já ouvido e vivido é familiar e eterno.

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos

Aos meus amores, que aguentam cada surto que insisto em dar. Talita, Alice, Nathalia, Maria Paula, Ellen, Barbara, vocês são tipo a eternidade, porque as quero assim.

E para você que esperou por esse título para saber o que se passava na cabeça de Ella. Pois bem, espero que tenha gostado e estou grata por ter chegado ao final.

Outros títulos da autora:

Over You

Até Agora

Can I Be Him

Romeu

Apartamento 1407

Eu Prometo Tentar

Eu Prometo Te Amar

Paixão em Sonora

Amor em Saturno

Trilogia Certezas do Amor

Encontre-me nas redes sociais para saber
quais serão os próximos lançamentos:

[@eu.andreianascimento](#) (Instagram)

[@euandreianascimento](#) (Wattpad)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON